

O romance de Isabel

por Ricardo Daunt

Capítulo 1

A última palavra ficou suspensa no jardim como uma folha soprada. Para além dele e dela a maquete desta cidade imaginária ou concreta em que vivo e conto as horas. Era um nome de flor, talvez zigofilácea, talvez começasse com outra letra do abecedário a palavra que voejava. Mas já não me lembro mais se fui eu quem a pronunciou, se foi Isabel, ou se apenas ao depararmos a planta pensamos no nome, e concluímos que nosso projeto de jardim estava concluído para sempre na letra z.

"De A a Z, Antonio Vidal, e pronto" me dissera ou pensara no curso do trabalho, como uma advertência, uma premonição, um aviso, uma preparação. E assim foi.

Na verdade o projeto era dela e meu. Não, não se pode mentir assim, a ideia toda era dela, jamais tive ideias de qualquer espécie e, além do mais, é fato que a miscelânea convinha perfeitamente ao gosto e temperamento de Isabel, que também apreciava a livre mistura de palavras, a amarga combinação de mundos díspares, o entrelaçamento sempre constrangedor de idades, o enfrentamento de oceanos e o jogo desarticulado de afagos súbitos. Agora estou só, habitado por esses pensamentos, em luta com o sono que não vem. Ouço tudo, até o choque molecular do oxigênio que entra pelo nariz. Creio que ela está se

preparando para deixar a casa. Na escuridão da noite toca com a ponta dos dedos o feixe da mala de couro, de leve, para que a trava não bata na borda ao ser liberada. Imagino seus olhos semicerrados, o canto da boca vincado, os dentes mordiscando o cantinho dos lábios, agora os olhos se abrem e o corpo inteiro se contrai, eles ficam bem abertos, como se tudo se imobilizasse sob seu olhar vidrado de boneca. Ouço seu coração batendo e escuto seus joelhos atritando-se próximos à lã da curta saia. Em seguida ela pisca, ouço os cílios da pálpebra esgrimindo contra os cílios inferiores. Nunca ouvi tanto em toda a minha surdez mental.

Ela se arrasta pelo chão e traz consigo os panos que a cobrem molemente; reagrupa em torno de si a memória de suas diversas idades e poses, nenhuma lágrima agora, nem rancor, nem alívio. Será como sempre foi.

Avança sobre as tábuas do chão como um réptil exausto. Os beijos que colei em sua pele, em seu pescoço, em seus joelhos, minha língua morna em suas orelhas em um lento trabalho de vaca lambendo o fundo do cocho em que havia sal, de tudo isso Isabel se liberta e essas coisas todas feitas de ânsia e paixão se partem e ficam pelo chão desmoronadas e irreconhecíveis. Isabel se desnuda de tempo, se despe de mim e avança sempre, está segura, nossa derrota é a sua vitória e a vitória deve chegar lentamente e sem pressa.

Eu é que estou aflito, quero me mover de onde estou, mas não tenho forças, perdi o comando da vida. Só sinto vergonha e cansaço. Cansaço e pena. Pena e tristeza. Mas ouço você, Isabel, e mais ainda ouço o que

está interdito para mim.

E ouço uma palavra que não é planta, não é flor; é uma palavra que ecoa desde lugar algum, que não tem sentido e tem todos, que não permite que outras a sigam na esteira do vento, e tudo isso me deixa mais imóvel e mudo. Ainda assim tento me mover. Será preciso erguer-me do catre, rastejar até onde você está? Tudo isso é tolice, diz alguma coisa, grita meu nome, grita qualquer coisa que tenha vida, estraçalha os berloques sobre a cômoda da sala, os pequenos peixes de vidro, os elefantes negros enfileirados, condenados a um destino impossível, a carrocinha de louça pintada, atrelada ao burrinho, os pratos da Companhia das Índias no alto das paredes, impossibilitados de cumprir seu destino que é dar de comer a quem tem fome, os leques abertos de renda e seda chinesa arranjados em semicírculo ao redor da janela ao lado da lareira, onde o lenho seco espera o lume, tudo isso, mas não mais este silêncio absurdo; o cristal da vida está em suspenso, não vê? imóvel até o próximo baque, não percebe? espera, ouvi algo, estou seguro disso. Sim, quebra o gramofone sobre a mesinha de jacarandá, nenhuma música dentro de seu mecanismo, só o pó das idades, as notas coaguladas sobre lágrimas de antes, derramadas aos poucos, sob uma solidão penumbrosa e seca. Há sobre o piano alguns livros que chegaram, estão em um pacote que nem foi aberto. Usa-o como arma, atira-o para alguma direção, viveremos doravante na completa ignorância. Comeremos com os pés e mãos, subiremos em árvores. Sem palavras, mais; elas nos condenam e limitam. Aprenderemos a grunhir e a rosnar e o exercício da

autoridade alternará entre nós, ora um, ora outro. Seremos totalmente iguais em nossa estupidez. O quê? Ouvi algo, os ratos do sótão estão mais impacientes do que eu. Querem ouvir o que temos para dizer, mas você não me ajuda, Isabel.

Não sei mais se é dia ou noite; as cortinas do meu pensamento são espessas e impermeáveis a tudo. O que mais quero é ouvir os seus movimentos, saber se vai partir, se vai ficar, se vai me matar, o que seria bom, ao menos para que a dor cessasse de uma vez.

"Não seja dramático, Antonio Vidal"

Será que ouvi isso?

Nada. Meus tímpanos acusam a batida de meu coração. É como o bater próximo das asas de uma pequena ave. Desligo-me de tudo e respiro, parece ser a primeira vez em minha vida que tenho a consciência de que respiro. E ter a consciência disso é pior do que ter dentro da cabeça o tiquetaque de um relógio.

Espera, algo se move fora de mim, terá alguém repisado a maquete da cidade provinciana que descrevi – ou alguém que não eu o fez por mim -- em outro romance com esmero? A igreja, o largo, as ruas entre o casario baixo, o padre com suas saias nos joelhos correndo depois de algum pecado do qual se arrepende, o tribunal onde se julgam os inocentes e os criminosos, todos trancafiados atrás das grades, sim, é claro, a prisão, o castelo, a fortaleza no alto vigiando nossos passos. Não, não pode ser, o momento é outro, há dois contendores, o resto não interessa porque nunca existiu. Só existiram as flores, e nós, e mais nada.

O abajur está aceso, débil, tímido. E a escuridão

quer sufocá-lo, espicaça-o por todos os lados. Estiletes negros ferem a pele da luz, que oscila, pede clemência, mas resiste. A luz está ferida pela noite, meus olhos pressentem a guerra entre elas. Mas, também, a noite está maculada pela luz da vida. Não há como negar isso. Sufoca-me a inclemência de tudo isso. Quero enxergar o que não posso, mas não quero ver-me a mim, minhas mãos trêmulas, as unhas amareladas, a vítrea solidão. Mas é o que vejo, penso em desligar a lâmpada, mas desligá-la é como fenecer um tanto.

Marvel se move lentamente e se acomoda ao meu lado. Entre o parnasianismo e o movimento l'art pour l'art meu olhar e minha atenção se movem. Ele tem suas dúvidas, como as minhas e com seus olhos negros mira a parede de quadros e mofo defronte. Olha-me indagando, em sobressalto. Há tanta coisa para ver, e muito mais para pensar. Cruza as patas, a esquerda sobre a direita, e deixa a língua à mostra. Não quer nada, não precisa de nada, apenas aguarda que me decida sobre o rumo a seguir. Ponho a palma das mãos sobre sua cabeça, toco seu longo focinho alemão, depois passo a mão em suas orelhas empinadas e me ponho a pensar que ele, se quisesse, me estraçalharia em segundos, mas é meu comparsa, meu amigo, sua confiança em mim chega a pesar em meus ombros. Sinto-me sempre culpado em pensar que ele morrerá antes de mim, e que não conhecerá essa verdade até o último suspiro. Olha-me como se fôssemos eternos, amigos fraternos para sempre. Alguém nos dá de comer, defecamos no jardim, latimos um tanto, para limpar a goela; dou-lhe um

banho. Nunca soube se ele gostava ou consentia simplesmente, para me fazer feliz. Enxugo-o com uma toalha grossa.

Nosso tempo é feito de outra matéria. Não há dias ou noites. Comemos e dormimos. Quando durmo, ele vigia. Quando ele dorme, eu vigio. Isabel, lembro-me bem, passava entre nós. Marvel erguia o focinho, quase incrédulo, quase cansado de ver o que não via. Ela seguia para o corredor, um abismo entre os dois. Mas ambos resistiam com firmeza e determinação. Ela o ignorava. Ele procurava não destratá-la. Acomodava-se sobre o tapete macio e não perdia uma só palavra do que conversávamos. Isabel queria que ele se retirasse para o jardim. Eu dizia que ele tinha o direito de ouvir o que quisesse. E mesmo o direito de nada entender. E de se calar, e de latir apenas quando algum outro cão das vizinhaças fizesse o mesmo, mas não havia vizinhos, não havia nada ao redor, nem um deserto; talvez nem mesmo um Sol ou uma Lua (não sei, não estou seguro), nem automóveis passando, nem trens ou ônibus, barcos ou navios. Creio que no fundo ele sabia disso e fingia responder pois era de sua natureza. Cada dia era um renascimento. Um novo Sol brilhando, mesmo que imaginário, novas nuvens e no fundo delas um azul que se perdia para sempre no espaço e na memória. E havia a terra, fofa, úmida, nascida entre pedras e flores. Uma mão invisível a sustinha, para que a pisássemos sem nos perdermos no infinito. Quieto, eu disse, e Marvel desarmou sua musculatura e sua carcaça sobre o tapete. Olhou-me como se quisesse saber se eu iria buscar Isabel, ou se iria ficar ali, imóvel, paralisado pelo medo

de perdê-la. Não pude dizer nada. Ele fechou os olhos e fingiu que se distraía com seus pensamentos caninos. Algum relógio em alguma parede batia as horas. Estava longe ainda o momento imaginário em que as trevas recuariam e eu poderia desligar a luz do abajur. Por ora, meus olhos lacrimejantes, minha mente sobrevoando as tonalidades amarelas oscilantes da lâmpada, como uma mariposa invisível. O cão não se mexia, estou só. A noite esgrima com a luz, a vida briga com a morte. Tudo parece excessivo.

Olho seu rabo nem curto nem longo, parece um tapete enrolado com as marcas de meus passos perdidos pela vida, sem cor definida, às vezes cinzento, às vezes branco, às vezes amarelo, castanho, preto. Marvel movimenta-o cauteloso, pois o momento é de dúvida e incerteza.

Isabel empurra sua mala, ouço daqui, provavelmente também leva consigo sua frasqueira de couro tacheada de dourados, com ferragens abundantes no mesmo tom, que sempre a acompanha, reluzentes como se tivessem vida própria e sorrissem. Se tivesse boca, lábios e dentes sua frasqueira faria como alguém que acaba de adentrar a suíte do mais luxuoso hotel da cidade e se dá conta finalmente de que seu mais fundo anseio fora satisfeito. Mas neste momento, como se fosse para sempre, há uma noite profunda e impura, coagulada e inerte sobre todos nós, e nada nos recorda do aconchego impessoal das acomodações a dia. Apuro a audição: os pertences de Isabel arrastam-se ora pelo tapete, ora pelas tábuas do piso, ora encontram alguma irregularidade do chão, um parafuso solto entre as

tábuas, Isabel corrige o rumo e continua, inspira o ar com sofreguidão e continua. Sua mala, acompanhada da maleta de mão, segue aos solavancos, sob o comando de suas mãos, talvez empurradas pelos seus joelhos, pela biqueira de seus sapatos, e isso me fere como uma decisão errada e fatal; é como uma bala lentamente rasgando o interior da minha carne. Penso em dizer-lhe: para com essa pantomima. Estou acordado, e nada farei para evitar que toda a memória que construímos juntos se dissipe em névoa esgarçada. A decisão é dela.

Olho para Marvel. Meu velho cão perdeu seu instinto de lobo caçador; tudo isso que acontece agora ao seu redor também o incomoda, mas ele é quase um sujeito civilizado, um velho civilizado, que se comporta da maneira que acredita ser a mais apropriada, e Isabel não é assunto dele, a menos que eu ordene que seja. As órbitas negras e úmidas de seus olhos, entretanto, me indagam coisas às quais não me sinto apto a responder. Talvez queira saber por que com o passar dos anos a metafísica nos desconcerta mais do que a busca pela transcendência. Talvez se recorde de algum gato que lhe escapou, inexplicavelmente, quando já o tinha entre as garras. Como saber?

"Tem fome?" pergunto baixinho, para que Isabel não saiba que ainda estou acordado, para ver se ele movimenta o eixo de seus pensamentos na direção de coisas mais tangíveis. É inútil. Ele emite um chiado que parece vir do alto esôfago e que se amplifica quando passa pelo seu focinho. Também a fome não o demove de suas preocupações. Os cães depois de velhos comem pouco e a cada vez que se servem da comida parecem

torturados por uma dor persistente e indefinida. Talvez ele simplesmente queira postergar esse sofrimento diário. Agora ele movimenta a cabeça e gira o focinho na direção da porta. Quer que eu vá ter com ela? Quer ir lá fora e espojar-se sob as estrelas? Quer apregoar a futura chegada do Sol, latindo para o azul profundo que nos cobre as cabeças? Aproxima-se mais de mim, como se quisesse dizer-me algo em particular. Sua língua descansa no canto da boca, pendendo para fora, encolhendo-se e distendendo-se em conformidade com sua respiração ofegante.

Ao se aproximar de minha cama, sua cabeçorra fica coroada pela tênue luz da lâmpada da cabeceira; o resto do corpanzil permanece nas trevas, apoiado sobre o quarto traseiro. Logo ele se cansa e se estira sobre o tapete. Seu corpo desaparece na escuridão e sua existência se resume a uma respiração angustiada e constante. Parece que ele e eu morreremos a qualquer momento. As trevas dardejam a debilidade da luz, com persistência e tenacidade. Sinto que o mundo inteiro vai se apagar, entretanto nada acontece. O negrume da noite quer se derramar sobre todas as coisas, ataca de frente o abajur sobre a mesa de cabeceira, entretanto ao se aproximar, o leito caudaloso das trevas perde a força, e se pôe de prontidão ao redor da lâmpada, à espera de um momento de desatenção de seu oponente. Olho ao redor, no campo aberto da batalha, que não vai além do meu quarto; a escuridão venceu e se apossou do território que o inimigo, enfraquecido, foi forçado a entregar. Nos cantos e no rés-do-chão as referências habituais desaparecem inclusive de minha memória. Estou envolto

em uma estrela morta. Fechar ou abrir os olhos não faz diferença. Minha mente indaga por que meu coração subitamente disparou, quando não existo porque não vejo. Volto o rosto para o lado do pequeno abajur, acuado, encurralado contra a parede e pressinto que ainda há vida. Marvel respira, agora mais calmo, acomodado sobre a fofura do tapete, como uma relva morna e acolhedora. Deve ter adormecido.

Um dardo de luz vindo de algum lugar atravessa, entretanto, a veneziana. A princípio são fiapos incandescentes chocando-se contra as coisas e os cantos. Ergo-me e me sento de joelhos sobre o colchão, aproximo o rosto da janela, empurro os estores para o lado para espiar se há vida. Vejo faias, olmos, castanheiros, choupos, primaveras, aroeiras, ingazeiras, manacás, sete-sangrias, salgueiros, pitangueiras, liquidâmbares, palmeiras, amendoeiras, tojos, coqueiros, bambus, ciprestes que se comunicam com a luminosidade nascente. Há uma paixão recíproca entre eles e a luz. Quem a entender entenderá tudo.

Mas por ora estou assim, ainda no quarto, agora com o corpo de regresso aos lençóis, estirado sobre o leito. De regresso à imobilidade, perdido em conjeturas de morte e vida. Metálico, não sei, talvez carnal e exausto. Talvez só, erguido em nervos e veias latejantes, sem novas memórias. Que bobagem. O dia possível é o que vem, simplesmente ele, mais uma vez, apoiado com seus pés dourados sobre os escombros da noite, apolíneo e marmóreo, em seu carro de fogo e com seus penachos estirados sobre os ninhos de nuvens. Uma catedral e um túmulo se fazem com esses materiais. Vida e morte. Luz

e noite.

Marvel se move por fim. Parece querer uma resposta. Olha-me surpreso como se descobrisse que ainda estou vivo. Nada tenho a lhe dizer. O Sol reverbera do lado de fora, sobre as superfícies espelhadas. Pronto, num átimo a luz se faz, é dia então, penso como se soubesse ou pudesse pensar em liberdade e sem sofreguidão. O Sol enfia seus longos dedos pelas frinchas da veneziana agora com vigor, resoluto, e me torna mais velho mas sem seu milagre no coração. As manchas envelhecidas de minha pele sobressaltam e Marvel, sem me encarar, pressente tudo isso, por certo desolado também. Há no mundo, se mundo há, uma convocação surda para o movimento, a tarefa, o compromisso, a urgência, a política, o culto, a procriação, o roubo, a salvação da alma. Daqui nada ouço, apenas meu coração batendo sob as cobertas, batendo sempre. É um confronto constante e inadiável. O que devo fazer? Calar-me ou gritar? Marvel está imóvel, não quer enfrentar meus olhos abertos. Para ele seria inadmissível me acordar. Ele, um cavalheiro, um mordomo, um guerreiro aposentado, hirto e atento hoje em dia como um porter de fraque e de sapatos de verniz, a gravata impecável, em nó clássico.

É de fato mais um dia, e nesse dia que surge sinto desaparecer mais um pouco o futuro do que sou, ou o passado de onde um dia imaginei partir para ser o que ainda não consegui ser. Mas o abajur continua relutantemente aceso. As trevas espremidas entre o dia vingativo e a luz tênue da lâmpada. Aos poucos a noite se esfuma e se esconde como aranhas perseguidas,

correndo para os cantos. As casas têm seus vãos, rachaduras, frinchas, por ali a noite aos poucos se enfia e se dilui. Impiedosamente a luz toma conta do quarto. Sou obrigado a me erguer novamente e deixar que ela entre de vez, ponho-me de pé, abro as venezianas, recolho os estores até o alto, como alguém que precisa urgentemente respirar, e volto para a cama. Lá fora uma névoa intransponível, insubstancial, intransitiva. Marvel se move em estado de alerta. Se lhe dissesse que mordesse o nada que nos encapsula em nós mesmos e nos apartasse do que existe lá fora, ele tentaria até a exaustão. E não lograria qualquer sucesso. Entretanto é justamente o nada que nos ataca, que de pronto se identifica como nosso maior inimigo. Ele está na desmemória das coisas, na rouquidão de vozes exaustas que silenciaram, na inexistência de apelos, na falta de música e ruído. Na insignificância do tempo e da dor. No torpor que nos empurra para lugar algum, que faz nosso peito afundar e oprimir o movimento dos pulmões e sufocar nossa respiração. É como se diminuíssemos um pouco, e nosso peito quase encostasse em nossas costas, prisioneiros de nós em nós, e quase nada respirássemos e quando digo nós, digo Marvel e eu, de quem mais estaria falando agora? Estamos morrendo? O Sol cruza minha retina e ilumina a poalha em suspensão. O ar está habitado por um deserto de filigranas delicadas em cortejo abundante, ainda assim dele dependemos para viver. Quando jovem, Marvel por vezes perseguia o ar incansavelmente, procurando dispersar as formigas aladas, de pó, que ameaçavam a casa e seus moradores. Era caprichoso, perfeccionista. Não podia admitir

intrusos, nem os mais insignificantes. Era preciso expulsá-los, amedontrá-los para que não voltassem mais. Suas patas pisoteavam os tapetes e a poalha do chão subia, se juntava àquela que se encontrava já em suspensão e ficava ainda mais espessa, vinha de todos os lados, erguia-se em volutas desde o chão, esbatendo-se contra as paredes e os poucos móveis, armada para o combate. O inimigo engrossava suas tropas e subia coeso e deliberado para a luta, atacando por todos os flancos, quase até onde a luz banhava meu pequeno mundo ao redor. Marvel saltava, latia, girava em torno do rabo, perseguia-o como um possesso, como se o rabo fosse o grande maestro do ar: chegava a morder a própria língua, desistia e ficava acabrunhado e perplexo. Procurava saciar sua sede e sua raiva na bacia de alumínio, costumeira, próxima à porta, e a água tingia-se de sangue; quanto mais Marvel demorasse para matar sua sede, mais a tintura rubra engrossava e se espalhava.
"Vem até aqui", dizia-lhe eu. Procurava comprimir com um pano a parte lacerada da língua. Ele lamuriava-se, impacientava-se.

"Era só pó, seu bobo", disse-lhe certa vez. O inimigo está dentro de nós há muito tempo, corre em nossas artérias e mina nosso espírito. Quer ver? Basta apagar a luz, fechar os estores, e tudo volta ao que sempre foi. Viu?

Marvel movia o corpo, agitava o focinho, seguro de que o inimigo escapara e o enganara. Inútil. Precisa lutar, para não perder a luta, talvez quisesse me dizer, para assim reafirmar sua posição. Deve ter sido isso. Sua memória é um compartimento seletivo, manejável,

comprimível, como a nossa? Não saberia dizer. Em uma de suas gavetas há o que retém o que é mais caro e precioso; que sente que se perder aquilo perderá grande parte do que é, como nós humanos, também?Talvez isso seja verdade, caso contrário como explicar que ele me ouve quando digo seu nome? Que ele pressente minha vontade quando me movimento, me agito, quando contraio os músculos da face, ergo as sobrancelhas, movo os braços e as mãos indicando direções a seguir?

Aquieto meus pensamentos, cerro os olhos como quem gira um trinco, tranco-me por dentro e o que é muscular em mim clama sua presença e testemunho, estira-se até o limite da carne, irrompendo pelas coisas intestinas e graves. Cordas tesas de um intrumento musical cortam-me por dentro, atam-me, apartam veias e artérias, fibras e flocos perdidos de gordura do animal que sou sem latir, voar ou mugir. Uma forma sem cor rompe o elo desencadeado pelo exercício mental, projeta-se de dentro de mim, espessa, sem costuras ou emendas, e avança sobre aquele espaço que pode ser chamado de realidade ou de mera alucinação dela, não importa. Emana de mim e se projeta para fora angularmente, luminosa, álgida, como um filho morto de outra estátua mais bela, mas igualmente fria, até um lugar que minha vista não alcança. Sinto-me como se fora uma escultura contemporânea, fruto de um conflito entre o pensar abstrato e a aparência evidente do geométrico, espacial, palpável, mundano. Uma alucinação tola, talvez, resíduo de uma imaginação que trabalha de rédea solta, apenas para exercitar seus nervos e sua potência. Não importa. O que importa é essa longa

lâmina prateada e coesa que ganha distância, largura e proporção, germina de dentro de mim, mas nada dói no cérebro que me conta, como se eu estivesse simplesmente apoiado sobre sua borda fina e cortante e não a tivesse parido com desvelo e desamparado perdimento. Caio para trás, e um filete de sangue desliza horizontalmente pelo meu abdômen. Logo coagula e estanca. Sobre sua linha vermelha e quente aproximo a ponta da aba da camisa do pijama. Parte do sangue tinge a ponta do tecido. Estou só, sem uma doença para que alguém se apiede de mim e passe os dedos em meus cabelos dizendo-me aqueles palavras óbvias, não é nada, não devia deixar tesouras ou coisas cortantes sobre a cama, não atingiu nenhum órgão vital, vai tomar uma injeção contra o tétano, por precaução, e depois o melhor que o senhor deve fazer é esquecer, não pensar mais nisso, levaremos apenas alguns minutos, mas sem querer nos intrometer, quem é aquela mulher deitada na sala, com os cotovelos apoiados sobre a alfombra, sorridente, quase alegre? Por certo deve ter bebido um tanto, se me permite dizer, agora ela se entretém com cartas de baralho. É sua mulher? perguntaria o enfermeiro socorrista. Não sei dizer-lhe, eu responderia, é uma peixe saído do aquário, uma sereia talvez, sufocada por tanto oxigênio e fumaça. Há fábricas ao redor, não há? Ao menos ouvi dizer, ou pensei que existissem em grande número, e praças e uma solitária igreja, e uma prisão medieval, com ameias e seteiras e torreões com vigilantes atentos, para coibir os intrusos e resguardar os condenados. As listas de crimes cometidos são imensas. Mas não havia ali ninguém para conversar comigo sobre

todas essas coisas. Eu olhava a ponta do casaco do pijama, o lençol estava também manchado de sangue. Sentia-me mal, como se um arame farpado tivesse deslizado pela minha pele, lentamente, gravando seu nome e sua sentença. Toco-me, abro a camisa, a barriga ostenta uma faixa estreita de vermelhidão, que se estende ao longo do corte, de um lado e de outro, como se demarcasse seus limites. Já não posso fazer nada, nem mesmo me mexer. A ardência da pele mal permite que pense em outra coisa. Insisto, todavia, e me vem à mente o vento agitando as folhas de uma velha acácia em algum lugar que existiu ou que existirá em um descampado, junto a um campo de cevada, em meio a cordeiros desamparados, cismando com a inclemência do tempo, o céu carregado de nuvens pardas e faias e manacás e ninhos desocupados pendurados em galhos secos, de pássaros que formaram família e que se perderam ou partiram para plagas melhores, e tojos, claro que sim, há tojos nos limites das propriedades, ou nas divisas de pastos, com suas flores incandescentes como lascas de sol, em sua volta o zumbido de abelhas, uma sonata misturada ao sopro do flautim do vento. O que há de ser melhor? A invenção ou a memória? O só pensado ou o intensamente vivido? A perfeição imaginada não é melhor que o erro ocasional e belo?

Ai, como dói o corte. Sou capaz de pensar que estou vivo como já estive, com meus quinze anos, as pontas dos pés pisando para fora, a camisa estreita frente a uma vontade tão grande de me agigantar e voar. O gradil de ferro ao fundo da foto; na divisa da calçada, o roseiral e os buchinhos; do outro lado da rua, a loja da

modista, vitrine ampla, larga e alta, bem alta, abraçando o dia e a sombra do entardecer, ladeada por um casario baixo e despretensioso. Quando a madame costureira, que é como quer ser chamada, acende as luzes interiores da loja, seus vestidos e mantôs parecem ter vida própria, pelo saguão deslizam mostrando seus dotes e os refletores que realçam o nome da loja do lado de fora se iluminam com ímpeto e tudo parece ainda menor ao redor. Mas estou só, com a ponta dos pés para fora, as mãos perdidas nos bolsos, os braços que cresceram demais sem que eu tivesse onde os guardar. E ainda é dia, e o dia é longo e monótono na escola. Pronto, a foto é feita, mandam-me mudar de posição, não sei o que fazer com o corpo, meus joelhos se chocam, seguro com a palma das mãos os cotovelos, o calor é abrasador e já nem mesmo consigo enxergar através dos óculos embaçados a máquina do fotógrafo. Mas nada o intimida, ele não tem tempo a perder e tira outra foto e mais outra. O álbum dos alunos deve ficar como combinado. Muda o tripé de posição dando sinais de que o resultado não foi satisfatório. Paciência. Não tenho jeito para essas coisas, ele tira outra foto e dá por concluído o trabalho; um carro passa junto à grade e se eterniza como um borrão sem nome na história da minha vida, na última foto que tirei ali, ao menos de que me lembre. Mas o que é lembrar? Sou escravo deste agora e neste agora a dor física é maior do que a memória. Dói-me a dor mesmo que imaginada, mesmo que impostora. Sim, a camisa do pijama está marcada de sangue, meu corpo sente a dor do arame que o cortou.

Do outro lado da rua, caminhando pela calçada da

loja da modista, há um prédio na primeira esquina de quem segue na direção do poente. Na terceira janela, rua adentro, protegida por um gradil de ferro, e por uma persiana, que por seu turno afasta os curiosos da ampla janela de vidro, por trás da qual há uma cortina de voil e por fim mais outra espessa, marrom, de tafetá, que esconde uns móveis escuros e pesados, uma cristaleira dourada. Há às vezes os olhos cor de terra de Marieta, escondidos atrás de um par de óculos vermelhos e de grossas lentes que ora circulam pela casa, ora param defronte o janelão e sua dona, segurando com as pontas dos dedos gordos as cortinas depois de erguer a persiana a meio, fita-me quando bato com o punho no vidro da janela. Da calçada vejo somente seus olhos, parte de seus cabelos bastos e sem brilho, também terrosos, sua testa engordurada, e raramente sua boca, fruto de um desenho apressado e sem inspiração – e seu dente da frente quebrado – e suas orelhas também miúdas e cerosas. Vez por outra ela fixa seus olhos em mim e eu fixo os meus nos dela. Ela nunca me chama pelo nome, talvez nem o saiba, eu digo baixinho Marieta, Marieta. Seus olhos se movem, miram minhas pernas e minhas botinas sujas de terra de tanto correr atrás da bola de capotão, que está em vias de se rasgar, mas que ainda rola pelo barro do campo da escola, de um lado a outro, sempre, eternamente, e todos corremos para tê-la sob nosso controle. Marieta, falo mais uma vez e com isso terminamos nossa conversa. Ela cerra as cortinas de seu mudo confessionário, eu abaixo os olhos, acerto os óculos sobre o nariz com a ponta dos dedos, uma mania minha, giro o corpo e prossigo pela mesma calçada da

janela, afastando-me sempre, sempre. Minha camisa ensanguentada. Chorando muito, arranco a lâmina de aço que brota do meu peito, arranco de uma vez, com força e determinação, até que me vejo livre do aço. Digo uma vez mais e mais alto: Marieta. Queria ter lhe dito que detestava ser fotografado, e que me obrigavam porque planejavam um álbum dos alunos, que odiava a escola, que queria ficar em um canto qualquer lendo e relendo livros; e para refrescar os olhos gostava também de futebol e que se tivesse algum dinheiro jogaria tênis e golfe, embora estivesse seguro de que meus parcos dotes serviam apenas para o futebol e muito pouco para os outros esportes. Que o encanto da vida está na súbita revelação, na epifania, e que ela era o núcleo dessa liturgia, quando quieta e imóvel me olhava do outro lado da janela. E quando os padres nos faziam rezar, todas as palavras de minhas orações tinham seu nome e mais nada. Entretanto nada digo. No vácuo do silêncio esses pensamentos se dispersam e são pulverizados antes de se tornarem coisa audível. Sigo meu rumo.

Fecho os olhos antes de atravessar a esquina seguinte, talvez esteja salvo de tudo, talvez a foto não saia da imaginação da máquina e o fotógrafo perplexo veja aos poucos surgindo da bacia de revelação apenas um gradil, buchinhos, o roseiral dos padres da escola e, ao fundo, o borrão de um carro riscando o espaço em alta velocidade, mas nada de mim, nada do que penso que sou. Cogito: e se naquele carro, um conversível verde, cheio de frisos prateados, tivesse na direção a própria Marieta, adulta, diferente e bela, com um lenço colorido na cabeça, luvas brancas de pelica e pulseiras

douradas nos longos braços, e quando passasse pelo fotógrafo atrás do tripé, no jardim da escola, vagarosamente e curiosa, sorrisse de alegria, e sua alegria ficasse estampada na foto, no lugar de minha tristeza, ou de minha ausência, o que dá no mesmo?

Giro meu corpo e volto meu rosto para a parede, dando as costas para Marvel, que por algum motivo grunhe. Talvez pense que estou doente, que morrerei em breve, por isso não saí da cama, como sempre muito cedo e impaciente, e, como sempre mudo, mas agitado, como se tivesse perdido metade do espetáculo que a vida iria me proporcionar naquele dia. E era, naquele outro dia, de anos passados, o dia do espetáculo juvenil da vida, o dia da quermesse, planejada para atrair os rapazes com boas carteiras de couro legítimo, recheadas pelos ricos pais para o evento. O resultado da festança iria ajudar as freiras a melhorar seu repasto por alguns meses. Eu fui, pois todo o mundo que era vivo ao meu redor foi. Era preciso circular, fingir empatia, familiaridade com tudo e com todos; os balões de papel de seda se erguiam vagarosos e titubeantes, muitos deles se queimavam poucos metros acima de nossas cabeças, e a bucha desabava aos pés dos visitantes; outros subiam e desapareciam do outro lado dos telhados. Na barraca de Lucila e irmãs, voluntárias todos os anos, vendiam-se quindins, bolos e uns salgadinhos miúdos, petit-fours, para adoçar a língua e encorajar os rapazes. Na de Madre Albertina, cachorros-quentes com batata palha adornando uma embalagem de papelão retangular. Ela trajada como se fosse ao enterro do papa. Engomada como um colarinho cardinalesco, compenetrada e direta.

Perguntou-me: quer? Era minha cobiça e minha desgraça, mas disse que não, obrigado. O dinheiro não daria para comprar um e voltar para casa de condução, além do mais queria comprar estalinhos na barraca de fogos e miscelânea de uma irmã de caridade cujo nome não me vem à cabeça, embora eu a tivesse visto em edições anteriores da quermesse. Às vezes ali se postava no lugar dela um mestre de aritmética que se punha a vender. Em outra, com uma noviça atrapalhada, um ponche de frutas várias era a única estrela da barraca. Os mais velhos, em cujo rosto já começavam a despontar alguns fios de barba, traziam escondidos nos casacos frascos de viagem, pequenos, de prata, com as iniciais de alguém de suas famílias, ou com um brasão, transbordantes de aguardente. Eles, sempre juntos, em secreto pacto, disfarçadamente agrupavam-se, formando uma roda fechada no meio da qual misturavam a cachaça ou o rum ao ponche ilibado que acabaram de comprar das cândidas mãos da futura freira. Seus rostos brancos logo mudavam de tom, sorriam entre si e se sentiam seguros para olhar detidamente as alunas do colégio de freiras. Dei algumas voltas pelo terreiro, notei que a barra da calça não cobria a meia e muito menos os cadarços dos sapatos; empurrei a calça para baixo, sem grande sucesso, e meu desconforto aumentou: eu havia crescido, minhas roupas, não. Andei como quem já pensa em se ir, mas uma mão invisível me empurrava para dentro, para os lados, para o movimento. Constatei que as luzes de várias cores piscavam, adornando as pilastras e a testada das barraquinhas em círculo, tudo parecia como uma aldeia indígena em dia de festa. No

fundo queria entender tudo aquilo, mas não sabia por onde começar a construir meu entendimento. Papéis coloridos decoravam quase tudo, eram triângulos em série, colados em uma das bordas, atados a barbantes, cruzando o terreiro em todas as direções e alturas, parecia a forma universal da vida. Com eles adornariam, se quisessem, as meninas, seus seios e seus púbis, com eles faríamos aviões e sobrevoaríamos terras desabitadas. Talvez fizéssemos poemas com eles. Havia também papéis caprichosamente recortados, como longas sanfonas caladas, vermelhas, azuis, verdes, amarelas. Ao redor das barracas, meninas de mãos dadas giravam, procurando rostos e novidades, mas era inegavelmente a eterna mesmice das quermesses. Contudo, havia uma novidade, era o jogo de dardos, sem dúvida das mais procuradas e das mais lucrativas para a organização. Formavam-se filas para jogar, os jovens apostavam entre si. Mas o resultado sempre ou quase sempre era pífio para eles e excelente para o negócio da quermesse. Havia um pequeno tablado de tábuas de pinho, bem no centro, e a um canto um piano de caixa, um acordeão e um violino. Três freiras entretinham-se com modinhas e coisas simples, mas sempre sofrivelmente tocadas. Sobre o piano, uma caixinha recoberta de um papel dourado, à espera de doações em dinheiro, com os dizeres: auxiliem-nos a manter o orfanato. Algumas meninas dançavam umas com as outras, audaciosas, talvez alegres. Marieta? Marieta não estava lá. Ou estava? Era a ausência e a presença constante da minha adolescência. Eu a tinha todas as horas e nenhuma. Queria que sua voz me

dissesse alguma coisa, mas ela, calada sempre, reagia por impulso e sempre me surpreendia. Um dia dei-lhe uma foto da escola, ela a arrancou gulosamente dos meus dedos e enfiou o presente entre os peitos. Quase disse alguma coisa, algo assim como vou ver e depois digo o que achei. Mas, mais uma vez nada falou. Guardou-a sem demonstrar curiosidade para saber o que a foto revelava. Em seguida deu a entender algo que não compreendi, com os olhos, as sobrancelhas, a flexão do pescoço para baixo e para cima. Claro está que eu não aparecia, apenas os padres, alguns alunos, e um pedaço da capela, do lado esquerdo. Tive uma vontade imensa de perguntar se ela se interessava por alguém. As palavras se formaram na minha garganta, mas me sentia mais seguro em imaginar que a foto do meu colégio, parte da minha vida, entre seus seios, já dizia tudo. Senti-me dentro dela, atado a seu corpo, colado em sua carne, inalando os meandros de suas formas, dormindo com ela em longas noites de inverno, vigiando seus movimentos mínimos e inalando seu hálito, adivinhando seus sonhos, até que repentinamente eu surgisse na foto e tudo o mais desaparecesse e logo me infiltrasse em sua pele; meu corpo fundido ao seu. Disse-lhe adeus e na esquina debaixo pensei no que ela faria com a foto doravante. Havia um pedaço de mim, estreito e miúdo, é verdade, mas que lhe pertencia e a mais ninguém. Onde Marieta guardaria toda aquela vida muda e desajeitada que a foto contava sem contar, mostrava escondendo? Não sabia, mas estava com ela. E isso era o bastante. E seu nome me remete a um pequeno quiosque, sob a responsabilidade de uma freira de óculos escuros; tinha

as mãos cobertas por luvas cirúrgicas e vendia pipocas de duas cores e maçãs do amor. Jamais entendi a relação entre esses dois elementos. A pipoca é explosão e fúria, a maçã, uma burla que sempre me faz lembrar do pecado original (talvez por essa razão ela usasse as luvas, para não tocar as impurezas da vil carne humana), mas era justamente esse pecado que deixamos de cometer naquele dia.

Marieta, mesmo que em sonho, provavelmente em sonho, mordemos a mesma maçã, agora eu sei, sentados lado a lado em uma canoa no meio de um lago de cujas águas brotavam lampejos de luz vindos da quermesse, que atravessavam nervosos por um vão entre uma linha de eucaliptos ao longo da margem e se banhavam agitados nas águas mansas do lago, e havia também uma Lua que nadava ao nosso lado. Augúrio ou praga? Nunca soube. Mas teria sido verdade e não sonho? Você estava na quermesse o tempo todo ao meu lado? Tomamos o barco que nos esperava, os remos perfeitamente alinhados, uma cesta de vime de piquenique repousando no fundo da embarcação. Fomos o mais longe que pudemos e ali erguemos os remos e os depusemos ao longo do casco do barco. Nada comemos, apenas arrancamos nossas roupas, nos deitamos sobre elas sob dois bancos do barco. Tínhamos frio e calor, ouvi seus gemidos, primeiramente como se fossem de dor, depois como se fossem outra coisa ainda melhor, e você envolveu com o seu corpo a minha sofreguidão. Começaram os rojões e os fogos de artifício no céu. Temíamos que caíssem em nós, ainda ardendo, queimando docemente.

Quando voltamos à quermesse alguns casais fortuitos se formaram sobre o tablado de dança, que balançava com tantas pernas e braços em movimento. Mãos suadas se tocavam, cinturas eram apertadas por pequenos dedos afoitos, logo contidos pela parceira. A freira do acordeão estapeava o chão com o calcanhar dos pesados sapatos de couro e solado grosso que usava, marcando o ritmo que entendia adequado. As guirlandas balançavam ao vento e as lâmpadas nos eucaliptos pareciam ter vida própria. Santinhos, terços e crucifixos eram vendidos na barraquinha da madre superiora que não estava presente, mas que tinha uma substituta com aparência de professora em seu lugar, que a todos dizia que a barraca, como se podia ver ao ler o nome estampado na placa acima do balcão, era da madre superiora, que teve afazeres urgentes a enfrentar, mas que logo viria. O vento empurrava para lá e para cá os terços em exibição, como se rezasse com pressa e você achou isso muito engraçado, mas a música era mesmo terrível.

Tapei os olhos, os ouvidos. Ao reabri-los, só vi a parede do quarto. Fixei o olhar nas manchas esverdeadas e cinzentas que brotavam da alvenaria aqui e ali, fruto do tempo e do desleixo. Terá tudo aquilo acontecido realmente? A parede era um céu tosco, criado por um deus apressado e inábil, céu borrado de estrelas modestas, universo limitado e sem tudo aquilo que sugere um mais-além. Ele devia ser míope, além do mais, talvez se embriagasse de tristeza entre a criação de um mundo e de outro, tantos ele criou – milhares de tentativas falhas para construir um mundo perfeito –,

entre a invenção da mulher e do homem, entre a criação da armadilha mental do ovo e da galinha. Agora a luz de fora é intensa, quase hipnotizante. Parece afastar com seus dedos de ouro as ripas da veneziana e penetrar à força; quer se apossar de tudo e ter sob seu controle cada objeto, cada recanto e para isso é preciso iluminar, ofuscar, paralisar a vida. Os motores do mundo, se mundo há, estão todos desligados, os rios param de correr, os pássaros estancam suas asas e se imobilizam no ar, como pequenos objetos escuros estacionados sobre as nuvens, apenas a luz se move e crepita sobre as folhas e as cabeças descobertas, sobre as mãos sardentas das velhas e sobre os cachos de uvas. Mantive por teimosia o abajur aceso, como a dizer que cabia a mim escolher as horas e o caminho das estrelas. Abro os olhos e revejo a quermesse, não, revejo Marieta, o lugar do planeta em que ela possa estar agora, nesse momento em que existo porque falo, talvez esteja com a mãe, suas mãos gordas apertando os braços da boa senhora, em uma quitanda com um enorme toldo verde sobre a calçada. Será muito, muito mais velha do que no meu pensamento, e agora, só talvez agora, se lembre de meu nome e também diga baixinho: Antonio Vidal, Antonio Vidal, tenho a foto até hoje, minha primeira foto dada por alguém que me pertenceu, meu único homem, pena que ele não estava lá, mas me recordo de tudo. Você era feio e sem graça, mas amei você como uma criança ama uma caixa muda de música, querendo-a muito e ansiando para que dela jorre uma melodia que empolgue o coração, mesmo sabendo que a caixa está quebrada.

Marvel manifesta-se. Entendo, quer comer, ou

tem sede, ou quer ir até a faixa de grama que antecede o jardim, para defecar. Preciso me levantar e resolver seu problema. Mas o momento estira-se como uma goma de mascar que fora bem trabalhada com os dentes e a língua.

Capítulo 2

mas o momento estira-se como uma goma de mascar que fora bem trabalhada com os dentes, a língua e a ponta dos dedos. Distende-se mais, esbranquiçada e já sem sabor; se palpável fosse e olhos tivesse, ver-se-ia refletido no espelho deformado, desfigurado, animal irreconhecível, coisa inominada. No entanto, as horas batem, adverte o cuco do relógio da sala. Marvel impacienta-se mais, puxa-me pela manga do pijama. Ergo-me empurrando a enorme pedra de granito que pressiona meu peito para o fundo do colchão. Indago:

"Comida?"

Suas orelhas parecem que cresceram ao ouvirem a palavra.

"Finalmente tem fome, ótimo. Vamos comer", disse-lhe com o máximo de entusiasmo na voz que consegui arrepanhar do escuro interior de meu espírito. Atravessamos a sala. Isabel está sentada à mesa de

jantar, impecavelmente vestida, como se fosse para uma festa, ou para uma elegante viagem, manuseando cartas em um jogo de paciência, como se estivesse fazendo uma horinha antes de partir em definitivo no primeiro trem em direção ao porto. Suas malas abertas e as roupas espalhadas sobre o sofá e as poltronas de veludo claro demonstram o contrário, mas atestam que ela se esmerou ao escolher a roupa. Sua cabeça está coberta por um chapéu antigo; um véu desaba da aba frontal e cobre seus olhos e metade de seu nariz. Seu tailleur chega a ser elegante, e a blusa de seda da cor das claras areias das praias com botões da cor do tecido dão-lhe um ar de jovem senhora. Os altos escarpins contradizem isso. Ela é apaixonada por seus pés. Quando se vê observada, contrai os artelhos que estão à mostra, entre tiras de couro, deixando as unhas bem pintadas de carmim quase na vertical. É sedutor, sim. O conjunto de seu vestuário faz-me pensar em longas viagens marítimas, coquetéis ao poente, uma ceia de variados pratos, acompanhada por variados músicos ao pé de um salão de baile e luz apropriada. Percebo que ela sabe que me provoca com seus modos e trajes, com sua afetação, mas sobretudo com a mentira e a farsa. O que há mais além da porta da casa? Para que tudo isso? A ideia de um jardim? E o que mais? Chamo Marvel e vamos para a cozinha. A água em uma vasilha do lado direito, a carne crua, o arroz e a ração no prato fundo. Sento-me no chão como se quisesse avançar sobre seu repasto, competir com ele pela comida e o faço com uma fúria patética. Chego a rosnar e quase a mordê-lo. Será que isso o diverte ou escandaliza? Marvel geme. Já conhece a broma. Aquieto-me e reclino-me sobre o ladrilho e minha cabeça fica quase da altura da dele. Ele come, no princípio com algum ânimo, depois vagarosamente. Deixa metade da comida no prato. Digo-lhe:

"Ah-ah"

Imediatamenteele procura ler o gestual de meus dedos, balançando, reprovadores. Vagarosamente Marvel concentra-se outra vez na comida. Bebe água, olha para o que está sob seus olhos e seu focinho e fixa seus olhos em mim, e é como se me dissesse: definitivamente basta. Não tenho mais condições de comer.

"Ganhei" brada Isabel da sala, incomodada com o efeito pouco duradouro de sua encenação. Cruzo a sala em companhia de Marvel. Isabel e eu nos olhamos rapidamente, com o corriqueiro desapontamento, mas logo estou de volta ao quarto. Marvel acomoda-se sobre o tapete ao pé da cama. Dispo-me e vou ao banheiro. Sob a ducha não consigo pensar em nada mais do que já pensei sobre a existência de nós três. A água jorra ligeiramente tépida. Por fim o comodismo mental leva-me a pensar em rios caudalosos e riachos sombreados e mansos, penso nas nuvens e nos pássaros sempre imóveis, paralisados pelo Sol lá fora. Mas isso já pensei antes. Que interesse pode haver nisso? Ao me enxugar a presença da água ainda ocupa meus pensamentos e meu corpo, e penso que me evadi um dia de algo como um útero úmido, como o que há pouco me envolvera, me protegera e me abrigara e que aquele lugar primordial era um pouco assim, eterno, como essa água jorrante, e que naquele lugar primevo e abissal, desde antes de ver a luz pela primeira vez, espécie de primeira morte e primeiro repouso do ser, nesse estágio aprendi que somos menores do que tudo o mais, essa informação ficou registrada em algum lugar obscuro do cérebro e dela só tomei conhecimento na maturidade; aprendi também que o tempo não é o cuco da sala, nem o que o relógio coroado de brilhantes que Isabel ostenta em seu pulso insiste em marcar (mas de nada adiantará esse conhecimento) – acolitado por uma pulseira que muitas vezes o acompanha, de onde pendem adornos vários, tais

como elefantes, gôndolas, pêssegos, aviões, gatos, cerejas, cisnes, coelhos, tudo aos pares, tudo em ouro e pedras semipreciosas incrustradas aqui e ali, como a demarcar territórios entre as espécies, as frutas e as coisas. Sei de tudo isso, pois jamais me cansei de admirar com espanto esse objeto que faz parte da coleção de Isabel, e que me parece dos mais vulgares que ela poderia ter escolhido para se enfeitar e assim aumentar – só pode ser por essa razão – a estima que nutre por ela própria. Quanto maior o amor-próprio, mais prazer causa o sofrimento autoimposto. Quando chora de pena de si mesma ou de pesar sobre seu destino – o que não é tão frequente, mas nada incomum –, passa os dedos sobre os cisnes, os coelhos, os elefantes, e tudo o mais. São seus mortos, pensei, seu cemitério íntimo. Segura um pouco cada um, distribuindo-lhes seu compungido afeto e sobre eles derrama lágrimas; depois cansa-se daquele mundo em miniatura, mudo e frio e o atira numa caixa de marfim marchetada, forrrada com feltro vermelho, como se atirasse uma pedra sem valor no meio de um lago, e se ocupa de outras coisas, ou nada faz. Talvez se concentre em um mesmo e imutável sonho, que arrisco pensar que seja povoado pela ideia de que nós três existimos e de que além da casa, após a porta que dá para o jardim, há ruas, praças e seres como nós, feitos da mesma matéria de que fomos feitos.

Regresso ao quarto com a toalha sobre os ombros. Visto-me sem me secar inteiramente e a camisa cola às costas, a calça de sarja adere à pele da perna e não se deixa vestir, como se tivesse vontade própria. Ouço passos na sala e depois na cozinha. Isabel certamente cansou-se das cartas, abriu a geladeira e encheu um copo de água, bebendo com sofreguidão. É o tempo seco, penso e repenso, tempo de um Sol indomável e incansável cercando-nos por todos os lados, raivosamente. Marvel dirige-se para a cozinha. Quer ele

também mais água. Quando toma consciência de que Isabel está ali, estanca na metade do caminho e se deixa ficar no corredor.

"Quer água? Pode vir beber" ouço-a dizer, pronunciando a frase em tom neutro, quase inamistoso. Ele avança lentamente e cerimonioso sacia sua sede. É impossível não ouvir mesmo de onde estou o trabalho de sua língua colhendo a água agora quase morna. Ele não se incomoda. Saio do quarto vestido e vou até a cozinha para lavar e organizar as coisas do almoço de Marvel e limpo o chão. Se tivesse ânimo faria algo para comer, mas não tenho fome, muito menos depois de enfrentar os olhos de Isabel. Regresso ao quarto, olho através da veneziana; uma tintura amarelo-laranja infiltra-se pelas frinchas, escorre como uma calda gordurosa e se derrama sobre todas as coisas, espessa e palpitante, com a agilidade de uma lava vulcânica descendo por uma encosta íngreme. Atiro-me sobre a cama desfeita e encosto o lado esquerdo da face no travesseiro, contra a parede; encolho-me, fecho os olhos, penso na negritude da noite, que virá inapelavelmente, mas não agora; agora é muito cedo, nem bem terminou a manhã. E ainda assim sofremos por antecipação, certos de que o calor da noite nos fará transpirar quando ela chegar; exalará dos móveis, dos tecidos, do forro de madeira dos aposentos, do piso, das cortinas e nos submeterá e mesmo que peçamos clemência ele resistirá inalterável a nossos apelos. Ao menos ao fechar os olhos a ideia das trevas invernais se desenha entre a retina e minhas pálpebras, no exíguo espaço em que um filamento de meu cérebro recolhe essas sensações e as entrega ao arquivista mínimo, que mora dentro de mim e que, irresponsável e pouco diligente, distribui aleatoriamente tudo o que a experiência individual cautelosamente lhe enviara. Por que razão agora visitam-me os anos anteriores ao período escolar, em que o sofrimento era o da clausura

familiar, semelhante talvez ao que experimento agora, mas menos doloroso, pois mais distante da consciência? A culpa é dele, do arquivista mínimo. Por sua causa lembro-me de que meus litígios íntimos aplacavam-se com a saciedade do carinho e do alimento bem manejados por mãos experientes. E só isso quase me bastava. Não, isso tudo novamente é pensar sem lembrar, é pois inventar para repensar. Um pijama amarelo, um macaquinho – que creio ser o nome que atribuíam àquele vestuário –, que me cobria integralmente, feito de tricô, cheio de botões – existiu em algum momento ou em momento algum, não sei –, se existiu, fora como se alguém temesse que eu pudesse evaporar por entre as frestas; era preciso proteger-me da evaporação, da dissipação; deter-me dentro daquela roupagem de aço e ferro a qualquer custo; viver era perigoso e ter um bebê ao colo ou sob custódia era estar a um passo da contravenção culposa, e havia, como sempre houve, a fase de engorda. A beleza infantil deveria ostentar banhas e grossas fraldas de pano, uma touca protegendo os ralos cabelos do infante (sempre úmidos de suor) do contato direto com o ar, e logo que começasse a percorrer os cômodos atabalhoadamente ganhava minúsculas pantufinhas da mesma cor. O sofrimento era um estágio ao qual o bebê que devo ter sido um dia era facilmente transportado, bastando a imposição de um creme de abacate goela abaixo, três colheres de óleo de rícino, outras três contendo um xarope fortificante e na sequência adviria, estou seguro disso, um vômito abundante que com sorte atingiria algum rosto nas proximidades, e que ademais era uma calamidade para as roupinhas novas e muito bem engomadas. Tomava palmadinhas no traseiro e nas mãos, e minha boca e meu rosto eram lavados com uma vitalidade e empenho higiênico muito próximos da violência. Sim, vinha o choro, abundante como fora o

vômito, e por certo a urina escorrendo pelos cantos da fralda – como não? –, descendo pelas pernas, que era muito acertadamente uma maneira de repudiar o tratamento e enfatizar minha independência e autodeterminação. Na maior parte do tempo, se uma infância tive ou me teve, dormia quase todo o tempo, babava em babadores variados, mordia chupetas e fronhas. Meu rosto era o de uma criança assustada, um pouco pervertida e na maior parte do tempo atônita e triste. E foi ostentando um rosto não muito diverso desse que acabo de referir na parte que pode interessar, apenas um pouco maior e mais expressivo – as sobrancelhas mais espessas –, que as portas da escola se abriram, e por elas passei, em um dia não muito distante daquele em que os olhos de Marieta se abriram para mim, olhos cor de barro, mas já disse isso. É preciso que ao menos por instantes nada cruze meu cérebro agora. Devo pensar em flores, em guerras distantes em lugares desconhecidos, em animais modorrentos com nomes estranhos (essas coisas funcionam para dormir, atuam vicariamente como berços meigamente embalados); mas outras tantas coisas afloraram inconvenientes para os propósitos do momento: até mesmo minhas cruéis experiências com aranhas, cobras e cupins, sem deixar de mencionar ainda a guerra que entretive contra um papagaio acorrentado de uma casa vizinha, contra o qual atirei paus e pedras, e que tanto se irritou com minha demonstração de valentia que acabou por se livrar da corrente que prendia um de seus pés e veio em meu encalço como uma treinada falange de Adriano, pondo meu exército inteiro em afrontosa retirada. Mas Marieta volta àquela janela no final de um dia de aulas monótonas, seu rosto cresce e me examina afastando a cortina de tafetá e também a de voil, tudo enorme, como em um close em uma tela de cinema. Longas frases elaboradas na minha mente, inauditas, passam sem som

ou legenda: gestos de afeto e de sutileza também cinematográficos, não executados, apertos de mão ora suaves, ora brutos e impacientes, não trocados ou insinuados. De tudo isso me recordo e de mim se lembram por vezes pessoas e coisas que acaso pensem. O conforto misturado a certo orgulho disfarçado, por causa de uma ereção que teve origem no simples e corriqueiro gesto de Marieta de lamber seus lábios com a língua (fazia calor naquele dia?); ereção persistente. Enfiei a mão esquerda no bolso da calça de gabardine e procurei me recompor. Foi inútil. De olhos fechados chego a sorrir do acontecido, do imaginado, do inventado. A solução que encontrei foi a de me aproximar mais do gradil, de modo que Marieta só pudesse me examinar até a cintura. Ela ficou corada e recuou, mas lambeu os lábios novamente e desta vez com vagar. Na conversa que não tive com ela lhe perguntei: machucou a boca? Ela respondeu não, por que você acha isso? Por que você está molhando constantemente os lábios com a língua púrpura e carnuda? É apenas sede, diria ela, e uma maneira de manter o controle, o que verdadeiramente quero que ela diga é que esta parede desabe e que nos abracemos nus, minha mãe não está e não virá antes do jantar, estou sem calcinha, estou molhada, pois sabia que você viria, Antonio Vidal. E eu responderia: então vamos quebrar a parede e fazer tudo o que você pensa que podemos fazer, eu também quero muito, pode ser no tapete, no sofá, na sua cama, na cama de sua mãe, no teto.

A solução foi me aproximar mais do gradil da janela, em silêncio, como alguém que apenas muda de posição para que as pernas não fiquem amortecidas. Aguardei alguns instantes, depois fiz um gesto como quem diz que está indo, ela fez um gesto como quem diz que está ficando. Tomei a calçada. Minha calça estava molhada. Dane-se, pensei. Uma limonada com açúcar

pode fazer isso também, sem que se reconheça a diferença. A vista escureceu um pouco, percebi que estava prestes a perder os sentidos, ou a ganhar novos, não sei. Acho que nesse momento consegui finalmente adormecer e no sono desapareceu o calor, desapareceram as sensações terrenas e materiais e voltei a ser uma página em branco.

Marvel se manifesta, é um fim de dia como qualquer outro. Acordo. Quer agora ir ao jardim. Fazemos o percurso do quarto até lá juntos. Atravessamos o corredor e a sala, onde Isabel repousa, deitada sobre o sofá, acobertando seus instintos. Seguimos em frente. Marvel sai imediatamente após eu abrir a porta. Não há nada mais além de nossas expectativas. Ele defeca sobre o jardim e quase não o vejo mais, translúcido e descarnado como um fantasma, similar ao que devo ser aos olhos de outros, se outros existirem. Parece uma manifestação de gelo, exauridas todas as cores que o podem definir, todos os traços que o podem caracterizar e individualizar. Em seguida regressa, com ar de alguém que cometeu um pecado. Voltamos para o quarto. Queria dormir ainda, Marvel nada quer, seu dia acabou.

"Banho?" indago. Sua posição é de absoluta rejeição. Lembrei-me de que já tomara recentemente. A seção plenária se encerra. Volto ao quarto, sento-me em uma poltrona, recosto-me como se tivesse chegado de Waterloo derrotado. Imagino em seguida que estou lendo os jornais que não estão enfiados na papeleira. Ela está vazia, aguardando contas, cartas, cobranças, convocações. A mudança de posição do Sol redesenha as manchas da parede. É um filme que conheço muito bem, mas sempre finjo que estou surpreso. John o galã diz algo ao xerife e sai empurrando com violência a porta vaivém do saloon; desenlaça as rédeas de seu cavalo, que estavam amarradas ao alpendre; Lucile, velha e boa,

passa com suas ancas pesadas e largas, com uma tina sobre a cabeça. Com uma das mãos acena para John, que sorri e diz qualquer gracejo. Sou surdo, ao menos agora, nada posso ouvir. Ele monta finalmente em seu cavalo e sai a trote, com determinação mas sem pressa. No barco uma generosa orquestra além de tocar se movimenta como os martelos de um piano: ergue-se das cadeiras o quarteto de cordas, depois o sexteto de metais, todos voltam simultaneamente a seus lugares, uma cantora de vestido prateado e cabelos amarelos segura falicamente o microfone e parece uivar como se estivesse no cio, John dança com uma estarlete, mas subitamente a abandona, vai na direção do maestro e ao que parece encomenda uma música. Alguns jornalistas souberam de sua presença naquele restaurante e entram em alvoroço pelo saguão que dá acesso à pista de dança; os flashes espoucam. John se dá conta imediatamente do que está acontecendo, retira do smoking uma cigarreira de prata, acende um cigarro, extremamente contrariado e gesticula para alguém que parece o maître. Sai por trás das cortinas que encobrem os bastidores. Alguém o aguarda ali e o encaminha até uma estreita porta que dá para o hangar, onde um bimotor o espera. A escada é retirada, e o pequeno avião inicia imediatamente o taxiamento na pista. Para onde? Madagascar, Providence, Constantinopla? Há uma pequena estante envidraçada que impede o acompanhamento de tudo, o prosseguimento da ação. Ela está colada na parede, próxima à porta. O Sol se imobiliza sobre ela, como se estivesse petrificado sob o domínio de sua própria imagem fragmentada no vidro: frágil, imperfeita e impura. Livros crepitam em meio a explosões solares, a estrela se esvai atarantada, no envolvimento astuto de palavras complexas e assuntos que não são de sua alçada ou conhecimento. O infinito não substitui uma palavra. É sobre ele que ela distende-se, amplia-se e multiplica

seus significados. Como eu, como Marvel, o Sol está debilitado. Uma sombra escorre sobre a parede, alcança meus lençóis amarfanhados, meus projetos de amar e existir inconclusos, o focinho do meu cachorro fiel, mesmo Isabel e suas crenças no impossível. Por instantes, a imagem de Marieta e a de Isabel mesclam-se, confundem-se. Abraço Marieta, um dia queimarei a escola e me tornarei o homem que a seu lado seguirá os passos do destino. Por ora sinto vergonha, a urina desce por minhas calças, minhas fraldas molhadas, o vômito do creme de abacate mancha minha gravata preta de aluno do curso secundário, minha chupeta cai da boca. Marieta, Marieta. Ela nada diz, sigo pela calçada, entro em um bar e peço uma cerveja. Bebo sofregamente, depois fico olhando as fotos antigas expostas na parede. O tempo, o amigo infiel, a armadilha. Volto para a casa de Marieta, sintomas vagos de alguma coragem desconhecida, e bato com os nós dos dedos na persiana, que lentamente é recolhida, como um novo projeto de sufocação. As cortinas se abrem, a mãe de Marieta aparece como um cadáver ambulante do outro lado do vidro. Marieta já vem. Aguarde. Arrumo a gola da camisa, esfrego as mãos e bato uma contra a outra. Devo estar vivo pois sinto o choque e o calor súbito. Ela surge vagarosamente, seu dente frontal quebrado desponta em um meio-sorriso. Novidade assustadora. Estive pensando, disse com o gosto prolongado da cerveja na boca, estive pensando, estive pensando, e a cada vez que dizia isso era hipnotizado pelo seu dente quebrado; por causa dele me imobilizava como um lagarto na areia quente e só cogitava na possibilidade, embora remota, de passar a ponta da língua sobre sua superfície até o final dos tempos, e assim corrigi-lo, arredondá-lo, e com esse ânimo confuso mas arrebatador eu ainda buscava dizer que estivera pensado, pensando queria concluir a frase, estive pensando, disse por fim, que esqueci meus óculos

aqui. Impossível, ela disse com ênfase. Estão em seu rosto. E são os únicos óculos seus que conheço. Ergo uma das mãos, meu rosto escalda de vergonha, de fato, eles estão lá. Peço desculpas pelo transtorno, sem dizer adeus sigo pela calçada e passo novamente defronte ao bar onde tomei a cerveja. Não resisto, dou meia-volta e retorno ao bar, queria outra cerveja? não, queria alguma coisa mais forte. Rum com coca-cola? ele pergunta. Eu digo só rum. Rum, não, aguardente de cana, pinga, cachaça, branquinha, amarelinha, qualquer um desses nomes, para dialogar com os que tenho na cabeça e formular frases e sonetilhos, brados e cicios. O homem pega a primeira garrafa à mão e enche um copo americano até a metade, sorri com dentes e olhos amarelos. Bebo de uma só vez. Ele enche o copo sem perguntar. Gostei do lugar. Começa a chover lá fora, ele ergue o tronco e olha para fora, eu me viro e vejo a água caindo, a bebida arde na minha garganta e no meu estômago, não estou escalado para o jogo da seleção da escola, se fizer uma horinha por aqui, a noite virá e verei da pequena arquibancada o campo mal iluminado, o beque que tomou o meu lugar, fazendo as besteiras que nunca fiz, pois sempre fiz outras. Corria na vida por vezes com afinco e vontade, por vezes deixava tudo acontecer, o goleiro me xingava, eu xingava a mãe dele. Dois dias de suspensão era o castigo que os padres me aplicavam; passava pela janela de Marieta várias vezes naqueles dias em que não podia entrar na escola. Uma vez ela estava chegando das aulas, trazia uma mala pesada de cadernos e livros, assustou-se quando me viu. Ficou parada na entrada do prédio. Disse algo de que não me lembro; mostrou o dente quebrado e lambeu os lábios com a língua. Vou entrar e deixar essas coisas ela disse ou deve ter dito. Desapareceu dentro do prédio. Uma chuva caía, grossa agora e respingava dentro do bar, era o Sol chorando pois fora aprisionado pelas

palavras que estavam guardadas no pequeno armário do quarto. De repente o Sol foi esmaecendo até se parecer com uma folha de livro cheia de letras, palavras e frases. Vou morrer um dia, ele pensou, disso eu sei, lia-se em algum lugar, em algum livro, em alguma página, por isso o Sol chorou. Pensei que quando isso realmente viesse a acontecer, se é que não era pura e doentia especulação, eu não estaria ali para presenciar. Já teria ido, Marvel também, Isabel também, e o mundo ficaria frio ou quente demais, não sei. Só sei que o jardim de Isabel desapareceria da memória do mundo, desapareceriam também o doce cheiro da terra e o doce cheiro das coisas que prometem um amanhã. O claustro dos padres, a igreja forrada de mármores e estátuas, prisão de nossa alma, onde perdíamos horas de energia e sonhos repetindo palavras em voz alta com o cérebro em outros lugares, ou em lugar algum. E de repente o Sol apartou-se da pequena estante de livros, sem alarde, sem um gesto estelar de adeus, sem qualquer promessa, e pensei que estava quase um dia mais velho, um dia mais morto, um dia mais empobrecido pela solidão, nesta casa que é em grande medida uma igreja sem santos, uma catedral miniaturizada sem altares, uma capela sem recordações, sem festividades religiosas, sem pássaros perdidos esvoaçando pelos cantos e se ferindo ao se chocarem contra as telhas e o madeiramento; como nós, em busca de uma luz para o espírito e uma identidade para a alma, sem ter a quem nos socorrer, vivendo nossos últimos momentos de nossos miseráveis instintos de sobrevivência; de repente, uma asa atinge uma viga, quebra-se, e despencamos de um ponto ainda muito distante do cume das coisas e das ideias, o ar escapa de leve como uma prece de nossos pulmões, como acontece com todas as mães que não sobrevivem aos filhos e tudo se parte em cacos sem sentido; é a hora em que a ilusão nada pode e a imaginação nada consegue produzir.

“Mas espera, Isabel! Há um fiapo de luz pendurado no canto da parede, entre o forro e a cadeira de palhinha. Não se vá ainda, mesmo que imagine que exista um lugar para se ir!”

Quer mais uma branquinha? É só pedir diz o dono do bar.

Enterro toda a família que jamais existiu fora ou dentro de mim, toda a vida que povoou as recordações que não foram minhas e aceno fracamente com a cabeça dizendo que sim, e ao dizer isso o Sol percebe que a luz do abajur está prestes a derrotá-lo, pois conhecedora de sua fragilidade persistiu estoicamente em seu reduto sem se mexer ou se abalar e agora toca com a ponta de seus dedos, com a palma de suas mãos o meu rosto, e eu a encaro fixamente até que meus olhos ardem e me avisem que estou ali, que algo em mim adverte que o tempo escorre para o fundo da ampulheta incessantemente; a chuva lá fora principia a alagar o piso do bar e os que ali se encontram, pois deve haver ali alguém mais além de mim, estão acuados. O dono acende uma cigarrilha, olha para o lado e fixa sua atenção no rodo encostado ao lado da porta do banheiro. Sai do balcão, empilha cadeiras sobre mesas vazias, desloca caixotes e engradados mais para dentro do bar e ataca a lâmina barrenta de água com rodo, devolvendo-a para a calçada, a chuva arrefece, e todos os odores dessa cidade qualquer sobem para as narinas, disssipam-se pelas coisas, rodopiam no ar; seguro com força o copo americano e emborco mais uma dose. Come algo? ele indaga ao voltar ao balcão. Pensei em dizer que não tinha dinheiro para luxos, que meu coração não media as consequências de seus atos, pois obriga-me a gastar o que me falta. Não, nada digo, junto tudo o que tenho no bolso e deponho sobre o tampo do bar. Ele examina meu rosto imberbe e diz não é nada, mas amanhã, se repetir, pagará o dobro – e vai para dentro da cozinha. Fico imóvel, com a matemática

comercial do sujeito dando voltas em meus ouvidos. Recolho o dinheiro que ele recusou, imantado à banqueta pela bebida não consigo me levantar. Não sei se haverá jogo, se já houve, se o colégio perdeu por culpa do meu substituto, ou se venceu justamente por causa dele. Sinto-me excluído da festa, encosto a cabeça no travesseiro, peço a Isabel mentalmente que volte e se deite a meu lado, por fim ordeno:

"Volta, Isabel, estou aqui"

Ela nada diz, está no limiar entre nossa vida puramente mental e o nada. Marvel ergue-se do tapete, espreguiça-se da maneira que fazem os cães. Digo Marieta, Marieta, o dono do bar aproxima-se procurando entender. Digo-lhe que nada disse, apenas pensei em voz alta alguma coisa sem importância, quis lhe dizer que não costumava beber, não costumo beber, não sei quando parar e a bebida me faz mais mal do que bem, ele assentiu com a cabeça e com um movimento de braços e mãos como quem dissesse viu? percebeu? toma tento. Abaixei a cabeça, meu rosto saiu do foco de luz da lâmpada. Agora sua luminosidade é inteiramente soberana. Um trapézio de luz sobe pela parede e por baixo da cúpula a mesa de cabeceira incendeia-se de luz, ressaltando minhas marcas sobre o tampo de vidro que a recobre, quase contando a história de meus movimentos nas últimas horas. Foi-se o Sol e a Lua não veio, mas virá. Volto-me para a parede ao lado da cama, meu céu particular e indefinido, mutante e desprovido de sentido, no fundo do barco no meio do lago Marieta e eu aprendemos a gemer de prazer, os fogos de artifício queimam sobre nossas cabeças, seu queixo está apoiado em meu ombro, suas mãos deslizam pelas minhas costas, ela abre bem os olhos e começa a chorar mansamente de alegria. Estrelas pontiagudas nascem de explosões, espirais de cobre se agitam e terçam suas lâminas em pleno ar, rojões de fogos vermelhos, azuis e dourados

explodem e numa linha horizontal imaginária, desenhada no alto de um traçado de prata, surgem estrelas minúsculas, espermas enfileirados de onde brotam estrelas maiores e maiores; tudo isso Marieta me contou depois, eu nada via naquela hora, ou só via com os sentidos acordados as possibilidades múltiplas da carne, seria essa a única catedral digna de nos abrigar sob o patrocínio da felicidade sem limites? Tudo isso que ela sentia ao me sentir, mas também de fato sentindo o movimento dos fogos no fundo negro da noite, eu sentia em seu corpo, como se tudo que era nosso fosse no meu e também no seu indivisível corpo. Já está melhor? perguntou o dono do bar, eu disse que sim, queria apenas um copo de água bem cheio pedi um pouco humilhado, perdera um pedaço de um reino mas ganhara outro maior e inteiro. Comecei a rir, o dono do bar também. Sem que eu pedisse, verteu em uma xícara um caldo nem ralo nem espesso demais e disse toma, toma devagar, vai-lhe fazer bem. Eu também comecei a beber antes da idade permitida. Na vida é preciso experimentar tudo, tudo de cada vez, não se pode ter a pressa que se tem quando se é como você, jovem. Há pouco percebi, perdoe-me a franqueza, você chorando de olhos parados, como se fosse uma santa milagreira. Não se incomode, não direi nada a ninguém. No bar se faz, no bar se cala. Dele nada sai. Quem está fora entra para não ficar, quem está dentro fica o tempo que sua alma pede, não mais, e sai. Peguei os remos depois de nos vestirmos com a calma de deuses poderosos e fomos para a margem do lago, Marieta e eu. A roda gigante reapareceu por trás das árvores, pelo menos é o que vem à minha mente agora, mas não pode ser verdade, se ela estivesse lá, se ela existisse mesmo, mais fácil seria vê-la à distância, no meio do lago e, no final das contas, era só uma quermesse, uma quermesse como qualquer outra, e eu um sujeito pela metade, atarantado e sozinho. Comprei

os estalinhos e saí andando a esmo, atirando-os com força contra o chão. Uns falhavam, outros não. Quem estava por perto tomava susto. Tudo era e não era parecido com a vida: o barulho que fazemos é o barulho que ouvimos, às vezes aumentamos o efeito, às vezes ele não vinha e nada acontecia, era só a decepção; às vezes ele acontecia, mas nós, surdos, nada ouvíamos. Só nossos passos e mais nada, alma imóvel e desentendida. Como essa parede espessa que cresce com o meu olhar persistente mas é coisa morta, sem vontade, sem vida. Só tem futuro, imortal para os mortais, mas sem nada para nele se escrever que signifique renovação. Quando começou a chover busquei um lugar protegido, um toldo, não lembro bem, e fiquei ali como uma sentinela sem função definida, sem ter recebido as recomendações de um ordenança, de um sargento. Sem saber por quanto tempo ficaria. Por que ela não veio? Ou veio e não me viu, ou não me quis ver, passou por mim e eu por ela, imateriais, espíritos desavisados, sem veias, sem pelos ou unhas, sem coxas, sem pinto e vagina, sem sangue, sem retina? Cruzamos um pelo outro, um por dentro do outro, como nuvens distraídas que não sabem qual sopro de vento seguir. Acabou-se o punhado de estalinhos que veio embrulhado em papel de embrulho num amarrado de barbante. O vendedor me enganou, na caixinha que se vendia por aí tinha mais, muito mais, vinha tudo sequinho, pronto para usar, e o preço era o mesmo. Fiadaputa! E o desgraçado era justamente o tal professor de aritmética, não a bondosa irmã de caridade. Azar o meu.

“Passa, Marvel, me deixa ficar quieto e pensar. Se quer mijar, mija no pé da Isabel”

Se ela sonha com o destino ignoto, o destino-sem-destino-nenhum, pode bem ir com o pé mijado. Acho que ainda não estou como deveria, disse ao dono do bar, umas ideias pela cabeça. E a chuva? Meu filho, ela já

parou, não viu não? Quando sair, não se esqueça de levar seus cadernos, ele avisou. Fiz que sim com a cabeça. Se alguém da secretaria me pegasse naquele estado, ficava de castigo, ou era outra suspensão.

Quando passei pela sala para abrir a porta para que Marvel fizesse suas necessidades, lá estava como um segundo corpo de Isabel o próprio Galaaz, cavaleiro medieval, cúmplice do rei Arthur, vivendo a moldura legendária da demanda pelo Graal, era ele, ou alguém de sua estirpe, com seu peitilho de ferro, sua pesada espada, sua armadura inteira de combatente e membro da távola redonda, com elmo e tudo o mais, feito nobre pelo próprio rei para ir em busca do sangue de Cristo colhido naquela tarde fatídica por Arimateia. Mas o que mais o empolgava era sentir na empunhadura da espada a vibração do trespasse, o tremor da penetração da lâmina nas carnes dos que não tinham as mesmas aflições que as suas, mas outras, feitas de outros mitos e lendas. Mas isso tudo agora não importa, pelo sangue, muito sangue foi em vão derramado.

"Aonde, agora, Isabel?"

Ela nada disse, se não ousava enfrentar o nada, mesmo com os nomes de Paris, São Petersburgo, o Mundo, plantados em sua cabeça como probabilidades ao menos poéticas, agora, aparelhada como estava, bastava-lhe um cavalo garboso para atravessar o nítido nulo e chegar até a outra margem de lugar algum.

"Devolva-me as chaves da casa, Antonio Vidal!" disse apontando-me a ponta da espada.

"Quero um duelo, mas antes as chaves"

Intimamente, sem dúvida alguma, também se tornara cavaleiro medieval. Dei dois passos para trás. Não dei mais outros dois, não porque tivesse coragem para enfrentá-la com aquele hediondo armamento, mas porque receava cair no fosso do teatro, sair de cena, enfim.

“Não tenho tempo para essas coisas, Isabel, estou vigiando a porta, no aguardo da materialização de Marvel”

Ela insistiu: “as chaves!”

“Jamais tomei de você o que lhe pertence. Procure em sua bolsa, em sua nécessaire, em uma de suas caixas de joias coruscantes, em suas bolsinhas de frangota ociosa, em qualquer lugar que quiser. Você, Isabel, só é prisioneira de seus planos impossíveis, ademais, a porta está aberta, Marvel acaba de se desintegrar lá fora, no logradouro pleno do nada, ou muito próximo dele, e volta já. Mandei que mijasse em você, mas, como percebeu, ele apenas ensaiou um latido de pânico ao vê-la alçada ao posto de cavaleiro. Viva o Rei, Viva Arthur!”

E repeti mais alto, aos brados, com o estômago revirado. Marvel voltava naquele momento, passou ligeiro pela sala e foi-se acomodar no meio do corredor, não queria estar perto da batalha, mas não queria perder a chance de ser testemunha. Fiz como ele, saí também, a passos largos, e só parei quando pus meus pés no quarto. Isabel ficou só, dentro de sua armadura, trancadas suas melhores pulsações sob o latão de Galaaz. Dentro dele ela parecia mais um Quixote improvisado para uma batalha contra um moinho de vento, desperdiçado sob as vestes de um fantoche de quimeras. Se não fosse o encontro carnudo entre o final da parte posterior das coxas com as nádegas semicobertas pela vestimenta de batalha, dir-se-ia que era um rapazote feminoide, mas alguns longos fios de seus cabelos insinuavam-se pela cota que cobria parte de seu rosto e despontavam por entre a viseira aberta de seu elmo; além do mais, aquele colo coberto integralmente ainda assim só podia ser o colo alvo de Isabel (sem dizer dos traços faciais – que não eram próprios de um guerreiro –, e o batom carmim nos lábios, antevistos com a viseira erguida). De

qualquer modo era uma mulher, uma menina-mulher, uma mulher-menina, uma adolescente-mulher, não sei mais. Sei, sim, uma Joana d'Arc com a religiosidade atrofiada, sem determinação e tarefa, sem símbolo a animá-la, sem elevação de alma a fortalecê-la. Fiquei pensando na mascarada da vida: mal chegamos a ser o que podemos ser e mais distantes ficamos ainda do que nos é terminantemente interdito, quer pela urdidura radical da história, quer porque não estejamos habilitados para tocar certos limites. Ao morrer, dizemos – se a morte nos autorizar a dizer no cruel momento – quase sempre as mesmas palavras, penalizados pela parte da vida que não passou à nossa porta, pelo que não fizemos, embora desejássemos tanto. Ouço vozes, pessoas entram no bar fechando seus guarda-chuvas, soltando impropérios. Não foi ainda, meu rapaz? Gostei daqui, vou ficar um pouco mais, se não incomodar. Pode ficar quanto quiser. Só fecho tarde da noite. Quer mais uma? Só hoje. Essa você paga com os cobres que tem amassados no bolso, já que não vai pegar o bonde, vai com os próprios pés. Aceito, digo, entregando todo o dinheiro que tinha, como o combatente vencido coloca ao alcance do vencedor suas armas. O sujeito cata algumas notas, deixa outras. Custou-te o dobro a pinguinha que vai beber, mas sirvo uma dose em dobro por esse preço, sai no mesmo. Você me faz lembrar de um filho que tive e que foi morto por uma bala perdida, bem na testa, não sofreu nada, nem ficou sabendo o quanto sofri. Tinha, acho eu, a sua idade, talvez um tanto menos. Pode beber, mas vai ter que tomar mais um caldinho acompanhado de uma fatia de pão, é pela casa. Só não quero que um bonde esmague sua cabeça numa rua qualquer, nem que um carro passe por cima de você. Comi o pãozinho e tomei a sopa e bebi mais vagarosamente o copo que veio cheio até a boca de branquinha. Ganhei mais uma fatia de pão, molhei no

caldo, mastiguei, lambi os beiços, mergulhei a ponta da língua na bebida, economizando. O que é que quero ser quando crescer, o senhor me perguntou, foi? Ele fez que sim. Não sei, não sei como é crescer e como se vive quando se tem a idade do senhor. Queria crescer um pouco mais, ser mais alto, para ser centroavante e cabecear com folga na área. Jogador para de trabalhar cedo. E ganha pouco. Quando se machuca fica encostado, além disso é preciso ser muito bom para jogar em time grande e jogar sempre bem. Você joga bem? Não, respondi, corro pouco e uso óculos para ver, para ler, até para ver direito, eu acho, os sonhos que sonho. Viu a grossura das minhas lentes? Então esqueça. Estude muito e faça alguma coisa. Construa prédios altos ou seja padre. Os primeiros trabalham muito, os outros nada fazem, mas também ganham pouco, mas é pagamento garantido todo mês. Se conseguir, torne-se engenheiro, sobrevive, pode comer bife todo dia, morar em bairro com condução na porta. O senhor é casado? Fui, ela me deixou depois que fiquei doido de tristeza quando meu filho morreu. Ela não gostava dele, gostava das ruas e das vitrines e não aguentava meu sofrimento. O bar me diverte, me cansa bastante, chego em casa tarde da noite; durmo quatro horas e logo tenho que me levantar e voltar para preparar e servir o café com pão de manhã bem cedo para os fregueses. É muita coisa, indaguei, e todo dia? Sim, todo dia, menos domingo. Domingo vou jogar dominó com uns velhinhos que conheço e tomo as minhas. Filo o almoço na casa de um, janto na casa de outro, ou não janto. Segunda acordo pelas quatro, um pouco antes, entro cedinho, mas a porta fica cerrada até pouco antes das seis. Há sempre uma meia dúzia aguardando. Quando sentem o cheiro de café se acalmam, o ser humano é um bicho que gosta que as coisas sejam iguais todos os dias, não quer sustos, teme se decepcionar, você me entende? Vou servir mais

umazinha de consolação, a penúltima. Mas vá ingerindo a sopa, assim, e molhando o miolo do pão nela, dá sustança, engana a fome. Gosta das fotos antigas da parede? Gosto, queria ter uma sua, Marieta, mesmo que fosse de um lambe-lambe, mesmo que estivesse escondendo o dente quebrado. Sou feio, você também é, talvez fizéssemos um filho bonito, mas você não me escuta, a persiana de seu apartamento a essa hora está abaixada, você ajuda nos afazeres domésticos e ainda tem que estudar e não sabe que estou a poucos passos de sua casa. Marvel bate com o rabo na parede, levo um susto, volto-me na direção da porta e deixo de examinar meu céu quase vazio de estrelas (só algumas são verdes, pintalgando a abóbada celeste, um risco forte de lápis grosso é um cometa de rabo vermelho, mas a cabeça é careca e muito pequena, deve estar no fim da vida, está indo para algum lugar que não sei onde fica, acho que nem ele). Grito:

"Galaaz, onde está você?

"Não me irrite, Antonio Vidal, estou pronta para tudo"

Já deve estar sobre o cavalo, com lança apoiada na alça do estribo de prata, o animal está impaciente, não porque tenha medo de lutar, mas porque não está acostumado a um espaço tão exíguo (o combate clássico entre cavaleiros trajados com armaduras precisa de espaço, para que os animais ganhem velocidade e a emoção da morte seja mais intensa), mas Isabel não se intimida com esses pequenos entraves. Calço minhas velhas pantufas, enfio uma boina velha, pois ao contrário do que previa esfriou com a chegada da noite; atravesso cambaleante o corredor, entro no banheiro e toco meu rosto. Passo a mão no queixo, preciso fazer a barba, que cresce depressa e é espessa como o peito de um touro holandês. É desapontador: a imaginação de quem me fez poderia ter sido mais dotada e melhor empregada, ou seu

espírito mais empreendedor; poderia arriscar um pouco, mesmo que eu ficasse ainda mais desengonçado do que sou, mas ao menos teria o mérito de ter tentado. Netuno foi um erro grosseiro de cálculo e os anéis de Saturno, um gesto estapafúrdio, sem falar no crocitar dos corvos nos dias enevoados e tristes, mas ao que tudo sugere essas coisas estão em lugar errado. É como o ódio ao inimigo, o palavrão após o leite derramado sobre o queimador do fogão, a morte do filho do dono do bar. De onde veio o projétil? Quem apertou o gatilho? Por que motivo ele estava justamente no trajeto da bala? Essas são perguntas que sempre me faço, meu rapaz, e conto mais, a bala antes de furar seu cérebro ricocheteou em dois lugares e assim mesmo teve energia e raiva suficientes para penetrar seu crânio. Não sei no que ele pensava naquele momento, mas daria um braço para saber. Nem mesmo cheguei a ver o derradeiro brilho de seus olhos. Nove anos, hoje teria doze, olhos verdes, da cor dos olhos da mulher que o pariu sem amor. Tome o caldinho. Já está frio, está vendo o que fez? Não se toma um caldo frio, só aqueles que são feitos para frios serem bebidos e são a minoria, alguns levam alho-porro, creme de leite azedo e batata coada, outros levam tomate, alho e pimentões; uns outros existem, poucos, mas agora me esqueci, ah, sim, é claro, são feitos com beterrabas e uns outros ingredientes que tenho anotados em algum lugar. Chega de falar em caldos, vamos mastigar um bife com cebola que eu faço. Quer? Quero, gosto de bife.

Capítulo 3

ah, sim, é claro, são feitos com beterrabas e creme de leite, e uns outros ingredientes que tenho anotados em algum lugar. Chega de falar em caldos, vamos mastigar um bife com cebola que eu faço. Quer? Quero, gosto de bife, eu respondi. Que lugar bom, pensei.

Havia uma praia de areias brancas e quentes. Seu corpo se apoiou sobre o meu, o mar ia e vinha, dei-lhe um nome, Lia. Toquei sua vagina com minhas mãos, meu pau você tocou a custo, mas não largou mais, era um troféu, uma novidade. Eu tinha doze anos, você um pouco menos. Jogávamos cartas sobre uma mesa de um apartamento qualquer, areias brancas, mar agitado, ou calmo, não sei, nunca vi meu pau tão grande, você o jogava de um lado para outro, como um brinquedo, com a ponta dos pés, eu estava perplexo e inocente. Aquilo era bom demais, e melhor ainda era seu fingimento. Lia, você jogava cartas e em teus olhos e em teu corpo nada acontecia. Você ria por vezes, eu perdia a concentração no jogo, tanto fazia se perdesse ou ganhasse, tinha tido minha descoberta. Era madrugada de um réveillon. Sua irmã foi-se deitar. Éramos crianças, todos dormíamos no mesmo quarto, você se atirou em seu beliche, que ficava no mesmo nível que minha cama, que se comprimia contra a parede oposta. Sua irmã dormia no colchão do beliche de cima, mansamente. Aproximei-me e introduzi meu pinto entre suas pernas, próximo a seu sexo, chamei seu nome, Marieta, Marieta. Minto, minto, chamei Lia, eu estou aqui, sem as cartas, e coloquei, com o máximo de pecado que poderia imaginar, meu pinto entre suas coxas, o mais perto de sua vagina, chamei você pelo nome, cem vezes, você fingiu que não me escutava, imóvel como uma esfinge egípcia. Friccionei meu pinto entre suas coxas. Chamei-a pelo nome baixinho, mas você estava morta, pétrea. Divertira-se comigo apenas? Não sei dizer, de repente me dei conta de que o mar

batia furiosamente nas pedras, ou era meu coração; naquele momento ouvi o trinco da porta da rua se abrir e saltei para a minha cama; os adultos chegaram do réveillon, cansados, excitados, e ao primeiro sinal de que alguém não dormira ainda, se manifestaram. Como ainda não dormiram? Meu pinto explodia e era tudo muito confuso. Deitei de bruços e fingi que dormia, mas pensava nela, no que acabara de fazer. Ela era quase uma irmã e eu para ela nunca soube o que era, talvez uma visita inoportuna, uma lição ligeira de anatomia masculina. De dia, me ignorava, de noite, me provocava. Acho melhor ficar, a chuva recrudesceu, o dono do bar bebia uma branquinha, também. Os clientes chegaram molhados, apesar dos guarda-chuvas. Fui comendo o bife com cebola, quase me sentia feliz. O dono do bar também percebeu meu estado de espírito, talvez tenha pensado que comia mal, que tinha dificuldades para viver, o que não deixava de ser verdade. Se tivesse algum, pintava a parede do lado da minha cama, sumiriam estrelas, galáxias e o solitário cometa com a cabeça pequenininha, quase do tamanho de um alfinete. Como eram quentes as coxas dela, uma rala penugem loira brilhava discretamente sob a luz do corredor; um dia, meses antes, em sua casa, me indagou sobre sua coleção de calcinhas, queria saber qual a tornava mais bonita, fiquei mudo, percorrendo com os olhos suas pernas, sua bunda notável e seu púbis. Estávamos sós, nós dois, e ela, naquela noite, me ajudava a decorar nomes e períodos literários, consultando umas fichas que eu fizera com letra miúda para caber mais palavras. Enquanto perguntava enfiou suas coxas entre as minhas pernas. Nessa altura eu já me havia esquecido do que era o parnasianismo, quem eram os autores românticos, quem era poeta simbolista, naturalista, decadentista. Resolvi partir, depois de agradecer muito a ajuda. O dono do bar me disse que voltasse sempre que quisesse,

na sexta-feira tinha uma torta de frango que era muito apreciada, eu ia gostar. Eu gosto de qualquer coisa, quer dizer, eu como de tudo, e acho tudo bom, menos buchada e língua de boi. Saí pela rua e tomei um bocado de chuva, mas logo, muito de repente, parou de chover, eu ouvia o chape-chape dos carros no asfalto molhado, o ruído da água se espalhando para os lados quando uma roda passava em um buraco, o bonde avançando maciamente sobre os trilhos, como alguém fazendo com as mãos redemoinho em uma bacia de água, perto de seus ouvidos, e meus pés espalhando água, também, e às vezes barro. Estava encharcado e com um pouco de frio. E o jogo, teve jogo? Ouço novamente ruídos na sala, terá Isabel trocado de trajes novamente? Já lhe disse que não há nada além do que podemos ver com nossa imaginação limitada. Somos palavras impressas em uma folha em branco. Sobre ela é traçado nosso destino, nossa memória, e vamos crescendo sempre, acumulando signos e às vezes, com alguma sorte, uma metáfora ou várias bem construídas. Para Isabel são como um colar de pérolas vivas, uma peruca de Mme. DuBarry ou da marquesa de Maintenon ou até de Josefina; para mim, a gravata nova e estrangeira, ou o sapato de amarrar com sola grossa; podia ser um chapéu de feltro tal como o que John usava em certos filmes, o importante era ser criado a cada segundo, viver a surpresa de cambiar sempre, de rir e chorar ao mesmo tempo, na mesma linha, na mesma frase. De gozar em Marieta e na Lia, de amar e odiar Isabel, suas três sílabas, de ouvi-la chamar meu nome. Ou a reinvento e ela me reinventa, somos múltiplos e somos um só, impressos em um maço de folhas álgidas. Tentei explicar isso a Marvel, ele não entendeu. Já se habituou a ficar transparente quando sai dos limites do jardim, se falasse talvez me dissesse que achava uma diversão sumir de si mesmo, andar pelo nítido nulo sem se cansar, apesar da idade, jamais ter

sede ou fome, correr como se voasse, sem atrito com o ar que não existe, mas infelizmente ele nada pode dizer que eu entenda, mas tenho cá para mim que seus insistentes pedidos para sair para defecar lá fora, no nada, indicam um caminho que deve levar ao prazer, o prazer canino de experimentar o nítido nulo, de se sentir como um deus que tudo vê mas ninguém pode observá-lo, vê-lo ou tocá-lo ou saber onde está ou mora.

"Isabel, que barulho de ferros se atritando é esse?"

"Cansei da batalha; muito sangue e violência para nada. Desisti de ser Galaaz. Arthur é um tresloucado e os cavaleiros da távola sujeitos ensandecidos; ademais, hoje não existem incréus para combater, há uma igreja em cada esquina, com rituais diferentes e nomes pomposos, que atendem a todos os gostos, e o sangue que Arimateia tão diligentemente colheu das chagas de Cristo já ressecou, virou pó"

E concluiu aumentando o tom de voz, que já era estridente.

"A redenção é coisa trabalhosa e pouco lucrativa"

Respirei fundo, é quase emocionante tudo isso. Penso em Isabel e em suas invenções estapafúrdias. Quando era criança vivia em um aquário, como um feto, ou um peixe estranho, muito rapidamente se tornou mulher, mas se cansou, recuou no tempo e virou criança outra vez, urinava por toda parte e ria. Como Marieta, achava-me também muito feio e sem graça, mas me quis, e aconteceram aquelas coisas que acontecem nesses momentos em que a vontade é a autoridade suprema. Tínhamos discussões infindáveis, que nada mais eram do que expansões de dois temperamentos diferentes, longos silêncios depois, feitos de cansaço e de um sentimento mútuo de canalhice e de incapacidade de amar. Muitas vezes pensei que um dia, em alguma parte das páginas que escrevem incessantemente sobre nós e ao fazê-lo nos dão vida –, nos mataríamos com

extrema violência. Um derradeiro e doloroso gozo fatal. Mas seria dramático demais, sanguinolento demais, a menos que nos eletrocutássemos simultaneamente. Mas isso era complicado e técnico; como manejar a raiva mortal e os fios da vida ao mesmo tempo? Chamei o homem do bar, sentia que estava bêbado, apesar de ter comido, mas eu fora apanhado pela branquinha, ele riu de pena de mim e provavelmente de pena de si próprio, pois devia ter começado a beber antes de mim, lá dentro, na cozinha, e já bebera bem mais do que eu aqui no balcão. Mas estava acostumado, e eu não. Abriu uma garrafa novinha, estava fresca, pois ele guardara no congelador. Uma dose para cada um. Passei o último pedaço de pão que restara sobre um pratinho e catei com ele o restinho de cebola que ficara esquecido no prato, misturado ao caldo do bife. Bom, embora tudo já estivesse gelado; dei uma risada, dessas que saem do estômago, ou de lugares mais fundos e recônditos; risada como essa acho que foi a primeira de minha vida e a última. Ri ainda um pouco mais, recatadamente. O dono do bar entendeu. Tomei um gole, a bebida estava mais espessa, agora geladinha, e descia esquentando e gelando tudo por dentro, ao mesmo tempo. Deu até um ardor passageiro, depois subiu um vulcão de pura neve e foi bater nos meus ouvidos.

"Como se chama?"

"Antonio Vidal, e o senhor?"

"Belisário. Belisário da Rosa, mas pode me chamar de Belito"

"Antonio basta para mim, o sobrenome não precisa. Na escola; na minha classe, só de Antonio tem três, é preciso diferenciar, sem contar o José Antonio e o Carlos Antonio que sentam no fundo da sala e não se largam, mas na rua, se chamarem por Antonio, acho sempre que sou eu, me viro e encaro"

"É valente, então?"

“Não sou de briga, não sou de paz, sou um passageiro de um bonde quase vazio”

“É poeta?”

“Não sei nada de bom, não senhor; uma frasezinha vem, depois outra, é engraçado: bonde vazio, passageiro de um bonde quase vazio, foi isso que disse, não foi?”

“Foi sim, Antonio, gostei da ideia”

“E o senhor?”

“Preciso pensar para responder. Fico devendo; outro dia preparo uma resposta à altura”

Rimos os dois, o relógio sobre uma mesinha se imobilizara em alguma hora que nunca existiu, também pudera, não tinha ponteiros, não tinha tique-taque. Dormia dentro de uma caixa de madeira que parecia pesada e boa, tinha um pêndulo também quieto, que terminava como uma flecha e uma bolinha na ponta. Senti tontura com isso, me levantei e fui lavar o rosto numa pia encostada a um canto, na entrada do banheiro, molhei o cabelo e passei o pente, deixei uns trilhos tortos no couro cabeludo que quando meu cabelo secou se desmancharam. Voltei ao balcão sem pressa, respirando fundo, olhando discretamente para as pessoas que ali se encontravam. Quando sentei na banqueta, estava bom de novo, bastava não olhar para o relógio parado, o tempo imóvel é o tempo da negação, e tudo o que eu queria naquele momento era afirmar alguma coisa, por menos significante que fosse. Disse Marieta, Marieta somente duas vezes, com força, estalei os nós dos dedos na vidraça (a persiana estava enrolada), está ainda na escola, agora ela faz parte de um grupo de teatro disse a mãe. Morri discretamente ao ouvir isso. Algum adulto me dissera que o teatro era um ambiente promíscuo. Nunca soube ao certo o que isso queria dizer, mas entendia agora. Significava que Marieta jamais seria encontrada em casa nos horários costumeiros e que sua

cabeça estava ocupada com decorar falas, andamentos, rememorar as marcas a giz, assinaladas no tablado do palco encardido do barracão que transformaram em teatro improvisado. Ela me dissera qualquer coisa sobre isso, fingi que não ouvi. Logo chegariam os spots, o sistema de som, técnicos; o diretor já repassava o texto. Minha luz que não era muita foi-se apagando, enfraquecendo; ensaiariam até nos finais de semana. Era uma troupe imensa ao redor dela. Quando me contava essas coisas seus olhos brilhavam, os meus se apagavam. Esperei, depois a vi entrar pelo saguão do prédio. Tateei o parapeito da janela do apartamento dela, como alguém que mendiga, ela ergueu a cortina e me disse que precisava entrar para estudar seu papel. Nem mesmo disse meu nome, nem pude dizer o seu. O que aconteceu na quermesse, no barco, foi uma invenção da minha cabeça? Cheguei a pensar nisso. Marieta entrou, com seus cabelos presos por um elástico, seus olhos cor de barrro, suas meias até quase os joelhos, sua saia azul-marinho pregueada e bem justa na cintura, sua blusa branca de gola debruada. Quando não a vi mais, pensei que minha vida havia se acabado. Eu contra toda a troupe alegre e descomedida do teatro, mais o diretor, mais o cenógrafo; estava perdido. Bastariam três ou quatro sessões com a casa cheia e eu seria um móvel do passado. Alguém a queria, todos querem alguém. Ainda mais no teatro. Preciso tentar dormir, nada quero, pois nada me satisfaz. Isabel cantarola qualquer coisa. O que quererá ser agora: a dama das Camélias, Voltaire, Maquiavel, Ramsés II? Tudo dá no mesmo, não existimos para além desta magra brochura de papel. Talvez queira ser uma personagem de outra personagem, Mme. Bovary, Eugénie Grandet: há tantos nomes impressos em brochuras como essa que em nós e por nossa causa se escreve. Tantas línguas se falam e tantas palavras se trocam, e há as viagens, as surpresas, bruxas

são queimadas pela Inquisição. Fui até a sala movido por uma insopitável curiosidade. Isabel dormia com uma chupeta vermelha na boca, seus lábios estavam entreabertos e a saliva escorria brandamente de um dos cantos. Vestia uma roupa infantil e mesmo seu perfume era o de algum desses talcos infantis. Peguei-a com cuidado, erguia-a do sofá e a depus no velho berço que estava a um canto da sala. Por algum motivo ela jamais quis que o tirassem de lá, nem mesmo o aquário. Agasalhei seu corpo com desvelo e cuidado, ela ronronava entre os lençóis macios, sob a mantilha amarela; seu rosto róseo e fresco. Em dado momento pensei ter ouvido ela pronunciar:

"Antonio Vidal"

Eu já estava de regresso ao meu quarto, mas o apelo me fez voltar. Entretanto Isabel nada mais dissera. Agora dormia pesadamente, exausta de tantos projetos impossíveis. Em meu quarto, a Lua parecia um astro em decomposição, deformado pelas ondulações da cortina que recebia seu brilho prateado e cadavérico. Familiar e assustador a um só tempo. Pensei comigo mesmo: além do Sol, plantaram uma Lua nas páginas brancas do maço de papéis. A vida é uma coisa chata, sempre igual, vivendo de alternâncias e recorrências, cenas repetidas, votos descumpridos. Enfiei-me quarto adentro, com receio de meus novos sentimentos, e de repetir os erros que me fazem ser pequeno como sou. De tanto amar não sei quem odeio, de tanto odiar, não vou completar a frase. Estou grave e duro como uma árvore petrificada, embora pouco saiba de árvores. Encho-me repentinamente de carinho por Isabel, e ela é um bebê adormecido. Marieta teve mais do que podia ter-lhe dado. Estrelas e música e solidão, mas a troupe a levou embora. Vai decorar os novos termos de sua nova vida, dizer as frases prontas que alguém escreveu – e isso a torna feliz como um rouxinol. Repetimo-nos sempre,

nossas lágrimas têm a mesma salinidade, ou quase a mesma. Nosso rancor ferve sob o mesmo fogo intenso de uma chama de um bico de fogão. Pareço um animal sem entranhas, vazio por dentro, e à noite chega a ser pior. Ouço um minúsculo tambor batendo dentro de mim, e junto dele um idiota repete sem cessar a mesma melodia que às vezes aumenta o ritmo, às vezes diminui. É hora enfim de sonhar. Mas sonhar o quê? Faltam palavras ditadas que me digam se devo me afogar no Mar Cáspio ou na Broadway, no West Side, ou em Copacabana. Não sonhar, apenas dormir um sono profundo, sem sobressaltos. Lia, tuas pernas me socorrem, teu corpo pequeno mas não miúdo. Tua pinta no nariz, teu jeito de me chamar ou de me silenciar. Quero mais perguntas sobre literatura portuguesa, sinto seu cheiro forte, cheio de vigor e mansuetude. Seu cinismo, seu cubismo, seu abstracionismo em carne e fabricado nos seus olhos brandos e ao mesmo tempo exigentes. No sono dormi a seu lado, lambi todo o seu corpo, beijei seus olhos claros e sua boca, seu queixo e suas axilas. Eu fervia ao seu lado, rasguei sua calcinha, seu sutiã, você se assustou com tanto empreendimento. Eu era apenas uma visita aceitável em sua casa e em sua vida, não muito mais que isso; comecei a lamber sua vagina e o sabor era o da coisa mais molhadamente gostosa que eu havia experimentado. Você gemia, em um sonho você gemia, me chamava pelo nome diminutivo, mas uivava pelo nome aumentativo. Gozamos e ficamos um olhando perplexo para a cara do outro, na penumbra. Beijei seu rosto de leve, sua testa, sua boca, muito vagarosamente, meus dedos percorrriam seu corpo todo. Em algum momento seu corpo amoleceu, esmoreceu, desmoronou em meus braços, se eu pudesse comeria literalmente você inteira, mas não o fiz, pois ficaria sem você, sem seu brilho e sua malícia. E eu sei que você se perguntava como um sujeito feio

daquele jeito podia fazer o que acabara de fazer comigo. A resposta jamais viria. Tudo estava feito. E eu estava feliz. Você me arrebatava inteiramente, mesmo sabendo que eu nunca seria seu. Que nunca seríamos um do outro. Não sei, talvez conseguíssemos ser. Mas a incógnita provocava, nos enchia de dúvidas. Retomei o que havia começado. E beijei você, seus ombros vermelhos de cotidianos ensolarados, suas orelhas, cheirei seus cabelos claros, lambi seu pescoço, suas orelhas, fiz tudo outra vez, um monte de vezes, tuas coxas, teu púbis, tuas nádegas. Entrei em você e o interior de sua vagina era um túnel gelatinoso, cheio de uma mistura de odores indefiníveis e bons; eles emanavam de você à medida que meu pinto entrava e saía. Era um túnel pequeno, estreito e curto. Talvez estivesse doendo em você mas isso não a impediu de querer mais, muito mais. Acordei com as reclamações caninas de Marvel, em dúvida sobre meu estado mental. Levei-o até a porta, ele foi urinar em uma camélia, depois ao pé de um rododendro, depois junto a um toco de pau que demarcava alguma coisa que talvez não suportasse tanta ureia de uma só vez. Entrou, aproveitei e pus a chupeta na boca de Isabel, que rolara pelo travesseirinho enquanto dormia. Estava quase frio e eu me sentia enxarcado e com a calça do par de pijamas colada ao corpo; o abundante esperma se espalhara pela minha barriga, pelos meus pelos pubianos, pelas minhas coxas, dei um risinho curto e refreado de macho, calei-me como um pequeno homem só, que não teve o que queria, apenas sonhou o que não tivera. Voltei para o quarto. Fique vigiando o bebê, disse a Marvel, para que eu me sentisse inteiramente só, olhando as paredes encardidas, a luz da Lua batendo sutilmente como se quisesse entrar pelas frinchas da veneziana, deixe-me entrar, tenho frio, um pouco só e me vou para o espaço, sei de fonte segura que o Sol está morrrendo. Deitei a

cabeça sobre o travesseiro, descolei os panos de meus pijamas da cola de esperma que recobria recantos da minha pele. Sentir meu cheiro era inalar o mais semelhante dos cheiros que Lia e eu trocamos quando experimentei tudo o que poderia ter sido realidade, se tivesse de fato acontecido. Faltaria o cheiro de seus cabelos, o seu hálito, e provavelmente sua respiração alucinada pelo nosso ato quase incestuoso; faltariam seus cheiros interiores, seus suores ressecando sem pressa sobre sua pele, a mistura de sabores entre minha saliva e o gosto do bico de seus pequenos seios; e o sabor de seu pescoço, de suas orelhas e faltariam as dezenas de toques experimentados, com a ponta dos dedos mordiscando e beliscando; contraídos, deslizados com doçura, viris, duros, cruéis, apressados, a palma das mãos e os dedos movendo-se sobre seu corpo em comum acordo, diligente e atento. Pronto, pensar mais nisso é pura tortura. Lágrimas escorriam dos meus olhos pelo que poderia ter sido e não foi – estúpido, logo agora vai chorar –, aquietei-me, controlei a respiração, a mão branca e macia da Lua tocou os meus cabelos suados, aproveitando-se de uma falha no ripamento da veneziana, já podre de tanto Sol e chuva, e ficou ali por alguns instantes. É provável que tenha dormido nesse momento. Se dormi, sonhei, se sonhei, sonhei com essas descobertas ralas da minha juventude, os dias iluminados na praia com Lia e eu– irmã e irmão –, nós dois, apesar de tudo; barcos velozes se moviam fora da linha da espuma das ondas, ela quer jogar frescobol, digo que não sei jogar, ela insiste e diz que vai me ensinar, que sou bobo de não tentar, concentro-me no seu nariz pequeno e bem feito, na pinta que diz frases inteiras que não conheço e que me desconcertam; ela sob o Sol não me vê anatomicamente como um homem para trocar experiências, não olha para o volume entre minhas pernas, começam a nascer pelos no meu peito, mas a

barba é rala; raspo o rosto todo dia para apagar a penugem do meu rosto. Quando passa alguém, indago com voz firme se viu meu aparelho de barbear, o interlocutor invariavelmente responde não se lembrar de tê-lo visto; eu o guardo sempre no mesmo inexpugnável lugar; mas estou falando do que acontece entre nós sob o Sol: eu a vejo mover-se como uma criança, distraída e sem a preocupação de me encantar ou de agradar quem quer que seja, mesmo os tons de seus maiôs e biquínis são apropriados para uma menina. A seminudez sob o Sol a protege da percepção de seu corpo na penumbra que nos abraça e provoca. Aparece um adulto, mais outro; levam-nos para um outro lugar (que importa qual seja?), encostamos nossos corpos amolecidos no fundo do banco de trás do jipe sem capota, ouvimos vozes, por vezes ela discute sobre algo que parece insignificante com a irmã que está a seu lado, ou com a mãe, que está à frente, ao lado do pai. Não me olha, não sente que existo nem mesmo quando esbarramos nossos corpos sem querer, após um solavanco forte. Passados tantos anos, nunca me dera conta dessas coisas todas; de tudo isso que agora sinto como se ouvisse uma história que fizessse sentido. São frases enastradas no tecido macerado da memória. A explicação que alcanço hoje serve só para este ínfimo momento em que me escrevem e me inscrevem em uma folha de papel. Algo disso terá sido verdade? O corpo queima, tomei Sol demais, meus ombros estão em brasa (e realçam minha pele de menino) e meus braços e minhas pernas e mais que tudo meu nariz, que parece enrugado pelo Sol, tudo arde. Decepcionei-a, disse a ela que não sabia jogar com aquelas raquetes pesadas de madeira. Aprendi algo com isso? Aprendi que poderia simplesmente ter dito que não queria jogar, que estava cansado, que queria pensar em outras coisas, ler um livro, fechar os olhos e ouvir o mar borbulhando nos meus ouvidos, sentir a maré subindo

até que eu e ela ficássemos comprimidos contra o muro de pedra que separa a praia da calçada, e seria um espaço exíguo, onde só coubéssemos nós dois, protegidos de alguma maneira da luz, mas nada disso cogitei, apenas me lembrei repetidas vezes das rebatidas desanimadoras que dei em resposta às que ela me enviava; do seu esforço correndo atrás da bola que eu desajeitadamente lhe arremessava; nessas horas ela dizia coisas a baixa voz que eu não podia entender, mas podia perfeitamente imaginar. Nosso jogo não ia dar certo, pois a maioria dos jogos são como os do amor, precisa ao menos de dois fazendo tudo como convencionado, e não havia continuidade alguma em nosssa parceria. Parecíamos dois cegos jogando (e que me perdoem os cegos pela expressão). Em dado momento ela gritou: será possível? Virou-me as costas e foi ao encontro da irmã. Entendi que não queria mais jogar comigo, chamou Laís, para que me substituísse, mas Laís se recusou terminantemente; preferia bronzear-se como fazem as mulheres adultas, a correr como uma cretina atrás de uma bolinha de borracha. Tinha metade da razão, tostar-se ao Sol era também uma ideia cretina, além de pouco confortável. Mas foi mais sincera que eu. De qualquer modo a praia ficou para trás, quando os adultos assim decidiram; minhas queimaduras entretanto já eram insuportáveis, mas eu fingia que estava bem; nunca o jipe balançara tanto no caminho de volta: cheguei a ter raiva do pai delas, que eu chamava de tio, mas com quem nunca troquei uma palavra, nem mesmo sobre música. Ele jamais desconfiaria que eu gostava exatamente do que ele apreciava, e de outras coisas que ele nunca ouvira falar. Nesse momento em que penso que sonho, sonho que penso no movimento do carro sempre abrupto, como os velhos que berram e batem com a ponta da bengala para defender sua verdade. E tudo isso dói agora como se estivesse acontecendo.

Lembro-me também – entre uma e outra recordação pontual -- do sacolejar do veículo e de seu efeito sobre as queimaduras, e do biquíni que Lia usava naquele dia. Com pequenas flores alaranjadas e amarelas entrelaçadas a finos ramos verdes enovelados, com minúsculas folhas arredondadas... Seu sutiã alertava todos e qualquer um que era apenas um enfeite, já que Lia não podia ter idade para ter seios desenvolvidos, de modo algum, era uma criança, mas a mulher já estava dentro dela e os seios despontavam. Creio que sua mãe, que sempre fora ociosa e se achava inteligente, decidiu que ela cresceria mais lentamente do que as outras colegas de sua idade. A parte debaixo da roupa de banho chegava a ser lamentável: seu umbigo, nem mesmo ele ficava à mostra. Era o que se chamava e hoje ainda se chama, de traje de banho de duas peças – o que não coadunava com seu corpo rijo, quase musculoso, mas esguio e bem proporcionado. Só lhe faltava um chapeuzinho infantil para que o quadro ficasse completo. Tudo isso era apenas mais uma das maneiras que sua mãe encontrara, acho eu, para envelhecer mais lentamente e a velhice a apavorava mais do que um cebiche mal preparado. Usava chapéus larguíssimos e gostava de coquetéis extravagantes, em taças extravantes, ou longos copos, devidamente adornados com minúsculos chapéus de frevo, que mais lembravam o semieixo de um automóvel, acompanhados de pontes de azeitona, cereja em conserva e pedaços de pepino doce que atravesssavam a borda do copo de um lado para outro, sustentados por meio de uma diversidade de alternativas da moderna engenharia de bar – e, é claro, recomendava com ênfase a quem a atendesse que era preciso sempre ter algo vermelho, ou roxo, ou verde na bebida. O amarelo também ia bem, se fosse ananás, lechia (desde que a frutinha fosse socada em uma azeitona sem caroço), ou mesmo uma pera portuguesa

pouco madura. Cores sobrepostas em camadas claramente distinguíveis ficavam muito bem também, embora fizessem – e todos sabíamos disso – com que bebesse mais rapidamente, o que por vezes a tornava inconveniente; entretanto, bêbada ou não, sempre se recordava de nomes de coquetéis em diversas línguas estrangeiras. Quando terminava de pronunciar esses nomes, balançava a ponta dos pés – e se os garçons e os convivas prestassem muita atenção, perceberiam que exalava o ar dos pulmões muito docemente, por simples e momentânea alegria, mas que guardava inteiramente para si. Por que sei de tudo isso? Perdi minha infância com as espáduas recostadas aos adultos, ouvindo-os expressarem suas opiniões e doutrinas, examinava-os, cidadãos de todas as classes sociais e credos, por uma obrigação de aprendizagem que impus a mim mesmo, para buscar uma resposta ou um conjunto delas em que pudesse ver como se vê em uma lente de aumento o que eu era ou poderia ser com o material humano (tipográfico?) que estava brotando de mim por todos os lados (e sendo registrado linha a linha em um volume ainda insignificante, e que me tornava personagem de alguém). Infelizmente essa conduta investigatória não me conduziu a nada, talvez porque a percepção de que sou pouco mais do que um monturo de palavras me ajude muito pouco na edificação de uma autoestima que lograsse me estimular a caminhar com as próprias pernas, com os próprios pensamentos e ideias. Antonio Vidal, o que vinha a ser isso, afinal? O fato é que o fotógrafo não conseguiu que minha foto revelasse uma presença humana, integrante de um grupo social de estudantes que estudavam ou fingiam fazê-lo, comiam e jogavam bola juntos e até iam a quermesses em bandos. Pediu-me desculpas, pediu-me mais uma chance; esse tipo de coisa jamais acontecera antes. Posso mostrar-lhe meu acervo de fotos. Tenho tudo registrado. Cada foto

um nome, o ano da foto, o ano de formatura, o número da turma. Além do que o trabalho já está pago. O que pretende fazer, meu jovem rapaz? Não sei, estou em provas nesta semana, e tenho problemas pessoais que não posso lhe dizer neste momento; em uma semana voltamos a falar, se o senhor não se incomodar. Talvez fosse melhor dizer que morri antes de tirar as fotos, não ficaria mal para o senhor. Ora, seria um disparate, jamais poderia aceitar isso, além do que todos sabem que você é muito jovem para morrer; dentro de uma semana estará aí, como está agora. Não, definitivamente não. Falamos em uma semana. Eu o procuro na sala de aula. Vai ser um trabalhão, você sabe. Vou ser obrigado a reunir sua classe inteira novamente, para tirar a foto da turma, a foto clássica, depois tirar as fotos no jardim e outras também, individuais, suas, bem entendido, em diversas e rotineiras situações como estudante dessa escola. Disponho-me a fazer tudo isso. Reputação. Reputação. Despedi-me dele, uma semana, uma semana, então. Apertei sua mão e entrei no colégio pela igreja. Começava uma missa.

A tal foto clássica foi refeita em uma sexta-feira chuvosa, os colegas na escadaria da marquise, com capas de chuva, alguns com capuz. Arrancar de algum deles um sorriso fotográfico foi uma tarefa muito difícil. Alinhei-me como da outra vez, ao lado de um tipo que se punha na ponta dos pés, pois até onde pude entender sua ambição maior era não ser o menor da turma. Não adiantou muito, ainda na ponta dos pés ele ficava dois dedos abaixo de mim, o que não chegava a ser uma vergonha, mas estava longe de ser um atributo favorável. O certo é que os vivos crescem, para o alto, para os lados e depois, ao final da vida, começam a encolher, provavelmente para caber mais confortavelmente no caixão. Ao som de vaias e apupos, o fotógrafo liberou a turma, chamou-me de lado, e disse agora é com você,

mocinho. Parara de chover, o que deixava tudo menos penoso. Sob suas ordens fui até a porta do refeitório, tirei uma foto, fui até a porta de vidro da enfermaria e tirei outra, fui até o corredor da secretaria, mais outra; subi os primeiros degraus de uma escada de mármore e corrrimão de bronze (herança dos tempos em que a escola recebia alunos oriundos da burguesia e da velha aristrocracia); desta vez duas foram tiradas. Entrei na biblioteca vazia, peguei ao seu comando um livro ao acaso e fingi que o lia, sentado em uma escrivaninha, com uma das mãos no queixo: nova foto. Voltei ao mesmo lugar do jardim. Atrás de mim os buchinhos, o roseiral, o gradil logo atrás, no alinhamento da calçada. Estava com uma camisa diferente da primeira tentativa e o cabelo um pouco mais comprido, o que foi objeto de comentário pouco lisonjeiro por parte do fotógrafo. Como da vez anterior, ele girou ao redor de mim, movimentando o tripé da máquina; carros, muitos carros deslizavam pelo asfalto molhado da avenida. Continuava sem saber onde meter as mãos, nem o que fazer com os braços. Com a camisa mais larga, tive a impressão de que estavam ainda mais finos do que da outra vez. Pensei que poderia fazer um pouco de halteres, como alguns colegas faziam, mas logo afastei a ideia da cabeça. Era muito esforço para nada. O fotógrafo pediu que me mostrasse mais à vontade, não tinha ânimo algum, mas ainda asssim esbocei alguma coisa muito parecida com um sorriso. O sujeito instou-me em seguida que me imobilizasse completamente e tirou mais umas quatro fotos. Acabamos, disse. E disse mais: passe na secretaria em dois dias e pergunte sobre o bilhete que lá deixarei em seu nome no sobrescrito, informando se tudo saiu nos conformes. Concordei. Tanto fazia. Quando saísse daquela escola provavelmente jamais abriria o álbum. Poucas coisas me incomodavam mais do que constatar que em minhas fotos faltava eu, mesmo

quando feitas por um profissional daquele calibre. Mantive as mãos nos bolsos e o corpo algemado ao lugar em que o fotógrafo me determinara. Pode ir, ele insistiu, já com o tripé às costas. Acabou tudo. Por fim, disse-me: falta-lhe concentração, esse é o seu problema, ou vontade de progredir, não sei. Passe bem. O senhor também.

Quando li o recado do fotógrafo alguns dias depois não me espantei: você não é fotografável. Fiz o que pude, e por favor não cometa a indelicadeza de indagar se me esquecera de colocar filme na câmera. Ele estava lá, mas o caso é que o rapazinho não apareceu.

Capítulo 4

foi assim, ficou no termo do meio. Nem bebê nem mulher, por ora, mas ainda assim ordeno a você, Antonio Vidal, como disse o Sêneca em uma carta a Lucílio: reivindica a propriedade do teu ser

ou na língua dele: ita fac, mi Lucili, vindica te tibi

só ser personagem não basta. Eu quero sair da escravidão desta vida de papel, mesmo que me matem com o fogo, não queria dizer o estoico Sêneca que a morte é a cessação da dor? Que coisa boa, pois acabei de machucar o dedão. Não fazer como os epicuristas pois o que querem é pouco. Só o prazer imediato, sem consequências. Entendi direito? Pois vou mudar por um tempo. Que venha o dono de minha voz e me mande calar

quer outra? Não se pode perder muito de um líquido que pinga gota a gota – e o filósofo, claro que estou falando de Sêneca outra vez, está falando da vida. E você não parece muito preocupado em retê-la entre os dedos. É preciso cuidar dela, alimentá-la, umedecê-la com os lábios e o vinho, estúpido

ansiando pelo passado, você só busca o que já morreu. O que não te tem mais, não te pertence. O tempo é nosso, só nosso, e de mais ninguém; cresci um palmo desde que me ergui sobre os próprios pés, trêmula sobre o colchãozinho do berço, uns peitinhos despontaram agudos e febris, minha cinturinha assim, assim, frases de poetas americanos e franceses, e também de Dante e de Cavalcanti na cabeça e não sei se sou mais íntima de Emily do que de Virginia. Trato-as pelo primeiro nome. Se você não souber de quem falo, o problema é seu. Não sei de onde surgiu tudo isso, mas agora é meu, conversa comigo. Vive em mim. Deve ter escapado do livro em que querem que eu durma bem comportada, ou de outros livros, de tantos uns se esfregarem no cio dos outros, no final de contas, é tudo um livro só, como queria Shelley

vou reformar-me como se faz a uma roupa, recosturar-me toda, virar o que virarei no futuro do qual sou dona. E você ficará aí, a bola de ferro atada aos pés, os pulsos algemados, o queixo numa forquilha em brasa. Chorando por imagens desfeitas, falsas, inventadas

devo reformular a força de minha vontade, encher os pulmões de ar, o coração aos pulos, mesmo que não me queiram dar um par de pulmões e um coração pulsante

enquanto você pensa em pintar paredes, reparar armários, iluminar o quarto, penso em derrubar o que está no meu caminho, luz ou escuridão, que diferença faz, se a mente e a razão me protegem? Sou estoica até os gorgomilos. E não falo mais disso

“Está me ouvindo, Antonio Vidal?”

“Nem uma só sílaba”

claro que está, caso contrário não me responderia. Estamos em linhas diferentes, mas ainda assim podemos ouvir um ao outro, mas me agrada berrar até desmaiar e ver esta casa tremer em seus alicerces com meus gritos de eu existo!

“Não existe, nada existe”

estou ouvindo movimentos de máquinas, enxadas e gente lá fora, vão construir um bairro, um viaduto, uma catedral, muitas estradas para pessoas partirem

“Quem são eles? Quem são os engenheiros, os mestres de obras, quem financia tudo isso, quem fará os carros no futuro atravessarem o viaduto, para onde conduzirá ele? Tudo é feito de meros fluxos mentais, coisas que o vento leva e são mais leves que o isopor. Ponha Marvel lá fora, ele desaparece. Basta pisar no nítido nulo e se acabou. A vantagem de tudo isso é que ele pode voltar para cá, dormir ao pé da minha cama e comer sua comida a horas. Mas ainda assim ele é só uma ideia. Agora chega, quero ver os reflexos da Lua passando pelo ripamento da veneziana”

estou ouvindo movimentos graves mundo afora. Meios de transporte carregam talvez multidões, novas ruas se asfaltam, sinto o cheiro, que é o mesmo cheiro que li quando reformaram o Washington Square, que antes era de paralelepípedo. Fábricas de roupas e de enlatados de comida, feiras livres, sapateiros, verdureiros. Essas coisas devem existir. E, claro, floristas, médicos, marceneiros

escuto até mesmo o choro de uma criança. Serei eu chorando por causa dessa descoberta? Marvel está me olhando. Com pena? Intrigado, apenas? Os cães são insuportáveis, nunca dizem a verdade, apenas insinuam alguma coisa, e ficamos sem saber ao certo a direção a tomar. Já estou crescida, quase, Marvel podia perfeitamente voltar para o quarto de seu dono. Ah, sim, é verdade, ele recebeu uma ordem para cuidar de mim. E como ele cuidaria de mim? Esquentaria a mamadeira, depois faria a sopinha, o caldinho, depois me ninaria, depois iria ao supermercado comprar absorventes femininos, já que estou mulher, preciso de cuidados especiais. E Marvel é velho, e todos os velhos são lentos e atônitos. E ele não consegue entender como andei tão depressa, quero dizer, cresci assim, voltando quase ao que eu era. Em suma: regredi progredindo, progredi regredindo. Mas sou apenas, não me engano, algumas linhas de um livro, que talvez não seja grande coisa, mas de qualquer forma nos livros cabem os mais estranhos arranjos

fico feliz em saber que minhas roupas antigas me servem perfeitamente, agora. Constrange-me mudar de roupa na frente de Marvel, mas ele está mais interessado em alguma coisa que encontrou sob o meu antigo berço. Um brinquedo, uma boneca, um bicho de pelúcia, uma chupeta, algo assim

hoje volto para o sofá ou para o chão, é preciso pensar e refletir de maneira razoável, não esqueci. Mas como fazer isso sempre, se a imaginação é um convite irrecusável para esquecer de meu presente? Já dizia o grande epicurista, chega, deixo a imaginação para o estoicos, mas como fazer sem ela? Tenho medo dessa pergunta e ter medo dela é já achar que é pertinente. Mantenho-me fria como um sapo na noite fria

Sêneca de quem disse sem prometer que não mencionaria mais não é favorável a deixar que a paixão habite as personagens, e a filosofia não pode ser um pouco feita de carne, de nervos, de sangue? Entre Aristóteles e Platão, deveria ficar com o último, mas como, se o último diz que as paixões debilitam a vontade e a fibra moral? Estou confusa. Não estou confusa, é apenas a noite, e a *Poética* de Aristóteles que bate em minha cabeça vinda de algum lugar ermo. Lá se pode ler que a poesia não imita apenas os homens agindo, mas também imita-os no seu modo de ser e de sentir. Estou confusa. Se sentir era tão importante assim para Aristóteles, quem sou eu para afrontar o sentimento humano?

mentira, estou lúcida e calma, calma e plácida, sem perder a serenidade e a severidade de princípios; calma como Lucílio ao ler as cartas de Sêneca, seu mentor

será verdade ou mentira tudo isso? E se algum idiota escreveu tudo isso e a história mudou por causa de sua idiotice, e o mundo passou a gastar horas intermináveis esgrimindo, uns defendendo a razão, outros o viver sensível, deixando-se levar, como os epicuristas, e montando com o corpo o lombo podre da alma nossa, nosso espírito, onde mora ou deveria morar a razão? Alguém disse que a universidade não vale um níquel, pode ser verdade, então? Gastar tanta energia para provocar uma oposição sistemática entre duas ideias fundamentais? Tantas instituições idênticas, cheias de burocratas da ideia sendo pagos por algum

a noite me estrangula, mas me mantenho íntegra e calma, dura mas afável, incorruptível, embora neste

momento exato

não posso seguir as rotas transversais, as estradas vicinais com a sinalização trocada. Vai, diz uma placa, quando é para voltar; para, diz outra, quando é para ir correndo em desabalada correria até chegar ao momento máximo da carne

vou ficar na estrada larga de Sêneca, mas é um pouco chatinha, me espeta toda vez que minha cabeça agita os miolos e meu corpo estremece. De bebê a mulher, estou espantosamente

diversa a cada instante, e isso não é recomendável, acaba de estourar a presilha de meu sutiã, preciso de um espelho para ver o *outro* que sou eu, para ver meus seios, para entender o que aconteceram com eles. Se mudo, estou viva, se estou viva, não posso viver morta em uma linha impressa dentro de um livro. Mas os espelhos não funcionam para mim, só o fundo dos seus olhos

no entanto é preciso calma, simplesmente cresci, minha saia me aperta, me sufoca, meus escarpins me matam quando ando pela sala, mas é bonito andar com eles, fico mais alta, mais bonita, minhas pernas parecem mais firmes e prontas para qualquer espécie de luta que a vida me ofereça

devo deixar o mundo material de lado, não condiz com o espírito e a razão, irei a uma loja e comprarei uma roupa preta e bem larga, esquecerei essas coisas que acabei de pensar, será que sou bonita mesmo?

“Não existe nada, nem mesmo lojas, tudo são ideias furiosas que”

“Cuidado com Shakespeare!”

e mais

“Para com isso, Antonio Vidal, cada um deve ser livre para escolher em que mundo pretende viver. Continua olhando fixamente para a parede, para qualquer coisa e chama seu cão, já disse o que penso de animais quadrúpedes domésticos”

estou sobre os próprios pés, agora descalça (preciso fazer as unhas), talvez por isso me lembre de Lucrécio, em má ora, em seu *Peri Hupsous* a arte se confunde com o êxtase e a inspiração, que mistura estranha. Onde fica a razão na arte? Alguns proibem-na, outros escamoteiam-na, outros dizem que a arte não é necessária, Plotino salva-a no último momento do afogamento dizendo que a arte é sinônimo de beleza, finalmente um sentido para fazê-la, que se dispersará no século XIII. Nossa, como está longe de mim, estou ficando uma visionária com problemas de visão, sem óculos não vejo nem mesmo a fechadura da porta da rua. E de algum ponto surge Kant, lembrando que o prazer estético é uma coisa instável. O que é que ele quis dizer com isso? Ora, uma imbecilidade, se a arte não fosse assim, não seria o que é, e não moveria com um sopro montanhas de ideias inúteis, como ela fez. E se não pudesse fazê-lo, para nada serviria. Não seria mais que uma tinta, uma palavra, um peso de papel que nos salva do desperdício de viver sem

estou repentinamente pensando muito e ficando velha. Schelling defendia que autor, artista e público são uma coisa só. Se são, não devem se preocupar com a objetividade, a própria integridade de suas existências dará conta disso, já que ela ocorre sempre, o que é uma

idiotice. Se, entretanto, mesmo sendo uma coisa só e divergindo entre si, seus pedaços e suas partes não encontram o amálgama, logo só podem se desesperar, e, se assim é, de nada serve a arte, de nada serve o belo, de nada serve a vida, se ela só movimenta estados de desesepero

"Cala a boca, Isabel, é insuportável ouvir suas descobertas adolescentes em voz alta. Procure se masturbar e depois dormir"

"Grosso e rude, e pensar que apenas linhas nos separam; que um dia não muito distante fui embalada pelos seus braços, fui empolgada pelos seus beijos e você me dizia meu bem, meu passarinho, meu sabiá, minha andorinha, meu coelhinho, toda essa merda!"

"Jamais disse ou fiz isso, apenas li uma vez uma história infantil idiota, dessas que se publicam aos milhares e que tratam as crianças como descendentes diretos, imediatos, dos símios mais estúpidos"

a vida intelectual me cansa, ao lado de Antonio Vidal parece ainda pior, devo pensar, ou posso virar peixe e me esquecer para sempre de que existe um mundo ruidoso lá fora, cheio de gente que anda sobre dois pés, mas que pensa sobre quatro?

vou mergulhar no aquário, fechar os olhos, recostar-me sobre as pedras, comer a ponta tenra das folhas novas das algas, banhar-me na memória da água que passa que passa que passa que volta e que passa, ora mais fria, ora mais quente, mas, enfim, coçar minhas costas nas pedras, respirar é apenas um procedimento retórico

alguém disse que a metáfora é a cópula da história com a filosofia, fico com a metáfora, melhor, fico sem ela, fico muda, nego-me a dizer frases que não pensei por conta própria, uma poesia silenciosa, uma arma, como dizia Platão, a serviço de uma mensagem

nada tenho a dizer, meu espírito me procura como um caçador busca sua presa, atira em mim, perpassa-me e eu sangro até quase morrer, ele se compraz, abraça-me como você, Antonio Vidal, nunca fez, e diz razão e sentimento, eis uma questão, e se cala, eu também, e não poderia deixar de ser diferente, estúpido, tal como me sinto quase sempre, dizer o óbvio é sabotar o direito de dizer, é recusar o outro (o sujeito chamado outro) e o caminho das estrelas que até onde se sabe estão pregadas no forro da casa (mal pregradas) a que se chama de céu. Sei, um cometa passa, ou passou, mas isso não me interessa, acho que

"Já te abracei, quando você era algo entre mulher e bebê, foi bom e estranho, deixa-me em"

é só o que você consegue dizer, me abandona sempre à mercê de meu crescimento desordenado

fui há pouco ver com os meus próprios olhos e você, Antonio Vidal, estava em seu quarto com os seus fechados por certo imaginando coisas, há colibris e sorvete de baunilha, há lebres selvagens e atropelamentos, há cascavéis e o mundo silencioso subterrâneo, cheio de atividade e surpresa e você se mantém de olhos fechados, com medo de descobrir que há mais do que ideias e memórias inventadas; Faulkner já havia descoberto isso, mas você não; Whitman recriou um mundo para sua intensidade psíquica, mas você não aprendeu a lição, e o mundo dele é belo, astuto e muito

elegante e o seu

deram (alguém deu) a você a capacidade de criar imagens, mas você não entendeu a mensagem estoica (claro, é com a razão que se faz isso: a imagem é um objeto construído pelo intelecto atento) e desistiu de tentar construir de novo o mundo-sem-o-mundo; você está velho, Antonio Vidal, como esse seu cachorro que nem late, apenas chora de decepção e só está vivo porque o nítido nulo o diverte, nem você nem eu sabemos fazer isso como ele: diverti-lo, e nem mesmo, como ele, sabemos penetrar no nítido nulo e nos sentirmos transparentes, vistos por nós próprios pelo avesso do nada que somos nós mesmos, prisioneiros do signo literário, das linhas, das palavras, mas sem vida quando nos vemos assim, mas é tudo falso

é tudo falso, o sujeito que nos inventou já se esqueceu de nós, virou-nos as costas e se foi para outro livro, ficamos prisioneiros de suas páginas, mas a prisão é a alternativa dos medrosos, recuso-me a pensar que

“Bela novidade! Deixa-me dormir, Isabel!”

“Não são horas, aceito tudo, até gastar meu tempo nesta casa de papel, cola e grampos, a dormir. As horas nos esquecem, quando acordamos, tratam-nos mal, miramos o espelho e na maioria das vezes (na verdade quero dizer sempre) não vemos nada, somente nas linhas descritivas que nos tocam; é uma coisa miserável. Eia, seu cachorro voltou para a sala, vou abrir a porta, espero que ele não faça cocô nas bromélias, nem sinta vontade de nelas urinar ao ver a água acumulada”

a água estimula o desejo de urinar, o silêncio acumulado deveria estimular a vontade, de ser mais

perspicaz e dizer coisas que tenham alguma significação que transcenda o momento, o tempo, a curta e frágil existência

“Má poesia!”

“Ao menos consigo me exprimir e colher na peneira furada, que mora dentro de nós, onde adormecem as coisas sem valor, aquilo que não sendo pérola não estraga a língua, a pele, a chance do langor, a vontade de fazer mais e o anseio de respirar. Já respirou alguma vez?”

“Como posso convencê-la a falar sozinha e a fazer de conta que não estou nesta casa de papelão?”

vou marcar na parede minha altura e acompanhar, como li em algum lugar, em algum dia, milímetro a milímetro; vou crescer mais e bem até uma altura que não seja incômoda ou excessiva e um dia alguém dirá boas tardes senhora Isabel, gostaria de escolher alguns tecidos novos que chegaram? Outro dia sua costureira esteve aqui e perguntou pela senhora. Disse que não a via, que andava viajando por lugares distantes, em cavalgadas, vapores, submarinos, aeroplanos, lombos de camelo, de burricos

serei o máximo da velocidade, o máximo da palavra não escrita, morrerei e reviverei no deserto mais extenso, mais

“Futurismo deslocado de quem não leu”

darei minhas tetas para abastecer o mundo das espécies, e sobretudo o futuro, que é o que mais interessa, chupa-me e goza

“Outra vez, com pitadas dadaístas e certo erotismo desgastado pelo tempo e pela falta de imaginação dos poetas eunucos e escritores impotentes”

vamos proliferar a matéria inteligente, como artesãos dedicados e constantes, pronto, cansei, o que querem de mim, que me torne uma santa? Me tornaria se pudesse arrancar do meu pensar uma razão para ser outra que não eu

a poesia quer explodir as pontes percorridas, mas de nada serve fazer poemas sem enfrentar os grandes poetas primeiro

“Por Jeová e Matusalém, Bloom, não. É um gordo bebedor de cerveja ordinária. A poesia deve enfrentar a velha palavra nova; não deve gastar um tempo de que não dispõe, além de improdutivo, matando a paternidade da palavra; e não pode também ter receio de tocar a lâmina cruel da prosa com a ponta dos dedos, com a língua. Droga, eu estava para adormecer, esquecer de mim, virar anfíbio”

cresci, sim, um tantinho, irrompi no mundo, sinto muito que ninguém me possa ver, só não sei abrir sua porta, a porta fora do mundo em que só as palavras habitam e não os seres vivos; não quero o nítido nulo de Marvel. Quem deu esse nome estúpido ao animal? Um leitor viciado em histórias em quadrinhos? Quero que abram todas as folhas do livro em que me prenderam para que eu possa escapar, que destaquem todas as folhas dos cadernos que compõem o livro e as dissipem no ar, misturadamente, serei desentendidamente, com o perdão da cacofonia, alguma coisa a ser reconstruída novamente – outra cacofonia –, perdida no espaço, carne

em busca da carne, sangue em busca dos nervos e do coração, pele e unhas se encontrando pela primeira vez, quero minha sandália grega

Sêneca deveria saber como fazer, farsante, cínico. É muito fácil escrever a um iniciante do pensamento, como Lucílio (embora muitos discordem de mim, ou seja, que defendam que Lucílio já era um iniciado, e talentoso, pois se não fosse, jamais Sêneca se ocuparia dele), e dizer a ele o que fazer, inventar uma bula, não, fornecer sutilmente conselhos e advertências, cuidado, curva fechada que vai dar em um muro cheio de cravos como os que pregaram Cristo na cruz, me abençoa por favor; pagã ou católica? Não sou nada, sobre isso nada me disseram que fora, que era, que seria um dia ou não. Nem Cristo havia

acima de mim o brilho sem brilho do entardecer, sobre minha cabeça o sopro que me atreve a dizer que a vida se faz com a vida, matéria e antimatéria, amor e desamor. Olho pela janela, a Lua se cansou, deixa-nos, o Sol nos quer no final de seus dias: são promessas de vida e de futuro. Mas ainda a vida se move entre nós, com suas fibrilações, é o Sol ou a Lua, que importa?

farei com isso o que pode me reinventar

estamos perdidos pela fala
pela palavra sem sentido
pela voz inútil
pelo embate pela vitória
pelo crepúsculo do espírito
só sei que vou sem você,
Antonio Vidal,
para as terras brancas que
não existem, para o encontro com as aves

que falam e que se calaram,
para o beijo nas paredes imutáveis,
contra as quais os religiosos batem suas testas
e querem perdão e redenção,
vou rir deles e de sua fé
e de sua roupa cheia de poeira e exaustão
junto de homens iguais que se dobram
sobre o corpo e se concentram no tempo
que não passa, na vida que renega e
[alguém dirá:
são horas de partir e de jejuar, o sofrimento é
bom,
os idiotas se curvam sobre tapetes e contam
os minutos de sua separação do cotidiano
insuportável.
mentira! Sempre a culpa e o sofrimento
nos corrompem, sempre as promessas
nos indicam caminhos que jamais
conseguiremos percorrer.
um beijo no filho, na filha, um aceno para a
[vida
que ficou no passado,
e depois vamos para a guerra de mil anos
cheios de orgulho e de confiança,
até que nos matem e nos libertem
de nossos compromissos e planos.
Lutamos por terra,
quando deveríamos lutar pela vida
e pelo exemplo que os melhores deixaram antes
de partir para sempre.
nasceu uma camélia, nasceu uma rosa
[na roseira,
uma magnólia, uma crosta de sangue sobre o
cadáver de nosso espírito, chama seu cão,
Antonio Vidal, ele se enrosca em minhas meias
de seda, esqueceu que seu dono

não é o homem que você cogitou ser
e nunca foi. Quer explicações convincentes
sobre o nítido nulo? Nunca as terá

o mundo é meu corpo, minhas ideias são meu
corpo
e tudo vibra como uma orquestra
[desengonçada,
surdos tocam, surdos aplaudem, as cortinas
puídas
estão cerradas, passo por dentro de teu corpo,
tuas pernas passam através do meu,
nosso nomes estão delidos, o charme
e nossas poses se desfizeram
e somos rotos e tristes,
somos como pedras
que algum caminhão desentranhou
do barro da estrada ao passar
e elas parecem que foram subitamente
extraídas do útero de uma mulher e por isso
choram de dor e do descaso humano

há árvores que dão maçãs e peras e abacates e
morangos. Será verdade? Tudo num só lugar,
e os frutos não param de rebrotar, uns
substituindo os outros,
até que a árvore fica pejada e ri
de sua produtividade, todos os seus filhos,
uns diferentes dos outros,
se gente fosse diria que cada um
tem um pai diferente, se assim é,
como é bom ser assim

como queria sair do gesso das palavras e
enfrentar
o verdadeiro verde, o azul, o amarelo, o lilás,

o vermelho, até o branco nupcial, como seria?
falam-me das cores, das coisas
que se aproximam umas das outras
para se transformarem,
mas nunca vi,
estão nos livros, escritos sobre as pedras
e nas nuvens, em linhas diferentes das minhas
e das suas, Antonio Vidal

há sons estranhos batendo nos meus tímpanos, poderia ser chuva, um choro imenso, um equívoco astronômico, uma torneira aberta jorrando a água da fonte, mas o que ouço é chuva, é a água que jorra de algum lugar e lambe as margens dos rios e das praias, o casco dos barcos dos pescadores, os arrecifes, o barro das encostas, o beiço das estradas de terra, as casas penduradas nos morros, os córregos engrossados pela tempestade, gente morre nos caminhos de lama e na desesperança, li isso onde algo me leu ou me fez acontecer

farei algo para imitar a chuva, afinal tenho um aquário, que é um mar menor, sem lulas gigantescas, sem grandes navios, sem piratas, vou nadar, farei ondas enormes e farei com que brotem coqueiros, palmeiras e samambaias, me enroscarei no que puder e agitarei minhas garras, meus tentáculos, o que for, vai ser divertido e triste

não sobrará uma só palavra para responder a outra palavra, um choro igual a outro, nem mesmo um beijo que se faça com outro colado aos mesmos lábios, que ideia imbecil. Vou me vestir de Maria Antonieta, Greta Garbo, é mais seco e mais fácil

“Marvel quer ir lá fora novamente, estou com dor

de cabeça”

“Vamos, Marvel, é hora de estragar os crisântemos, ou se preferir os cravos, as avencas. Vamos mijar com vigor e corrigir o solo tropical com ureia e tristeza. Vem, vem. Mija no açafate, na dedaleira, na echeveria, na eufórbia, na falenopse, na godésia, na íxia, na junça e por aí afora, é preciso mijar – eis o grande merecimento dos cachorros, corrigem o solo, apenas que de forma catastrófica”

lá se vai ele, no beiral, se beiral há, do nítido nulo, ao final das contas parece um animal mais equilibrado e justo que nós; jamais pensei nisso. Ele volta, um pedaço da sua invisibilidade entra com ele (tão rapidamente passa pelo nítido nulo) e tal agilidade com que entra em casa causa certo espanto, mas logo ei-lo de corpo inteiro, uma massa de músculos. Ele atravessa a sala; Luís XIV não faria com maior tranquilidade. Resolve por fim ir ao quarto de seu dono, saber se AntonioVidal está vivo

“Sim, somos as mesmas linhas que vão se acumulando com nossos nomes e ações, distantes e próximos um do outro, Isabel e eu. Em que ponto estamos? Estamos na cápsula do sem-tempo, Sêneca adoraria isso, Epicuro nem tanto, nela não existimos para coisa alguma, desde coisa alguma, ao lado de nada”

a biruta gira em todas as direções, mas não há vento, talvez um sopro de ar mofado de armário perpasse a parede manchada pelo cansaço, na qual você gasta as suas horas, seu olhar às vezes manso, e imagina com medo das imagens que descobre na galáxia de sua mente

será que poderíamos tentar atravessar o nítido

nulo e chegar ao outro lado? você tentou no passado, ganhou dez anos de vida em poucos minutos, saltou linhas importantes de sua vida vivida apenas no tempo poético e estou segura de que não ousaria repetir a façanha

ergo-me como um ser que se dá conta de que está de pé, que sua cabeça se move para um lado e para outro, tenho lábios, batom carmim, vivos como os de uma morta retocada, e cada instante é uma constatação que o passado não existe mais, como pude me lembrar de suas tentativas de escapar para o mundo que fica para além do nítido nulo se isso já ocorreu e muito certamente não ocorrerá nunca mais? Talvez não exista, seja uma façanha de heróis de papel, como nós ou outros – e me pergunto por que falo tão baixo, como se de uma linha para outra de nossa história feita de palavras e signos literários ouvíssemos o mais singelo sussurro do outro, sem precisar berrar nossos nomes, gesticular com violência

queria poder cantar ou dançar, sei que posso, mas algo me inibe no momento recém-pensado, no instante em que tomo a decisão de levantar meus braços e tocar a bandeira de vidro sobre a porta, com seu travejamento em leque; o quadro pendurado no alto; o prato pregado na parede, aprisionado a arames retorcidos acima de minha cabeça, como se da alvenaria tivesse brotado espontaneamente, sintoma de uma história antiga ou de nossa podridão nela espelhada – mas que repentinamente, no momento de lhe dar a liberdade, a parede tivesse mudado de ideia e o impedisse de brotar por inteiro e escapar de suas garras e o algemasse para todo o futuro possível; será um símbolo, e são tantos, do filho que não tive? uma representação de tudo o que foi adiado?

dessa nossa conversação impossível, linhas díspares

vozes inaudíveis quase

o blush que não pus saiu das minhas bochechas, sinto. Tudo o que fiz para que me sentisse melhor foi-se apagando lentamente, o espelho que não me vê me olha, mira-me com desânimo, estou segura de que sim, é isso, refazer, fazer, refazer, o amanhã é muito cansativo, Epicuro, você tem razão em certas coisas, viver o momento e fechar os olhos para as circunstâncias desagradáveis, ou agradáveis demais, diria um estoico radical

começar a chorar molhará meu rosto, criará rugas, estragará o que já está estragado, o que devo fazer, Virgínia? Matar-me, arrancando as páginas do livro em que meu nome aparece ou comer um doce?

“Se a vida é uma impossibilidade, a morte também é, Isabel”

“Viva! quem não existe sempre aparece”

“Quando você fingia que era um bebê e até mesmo quando era já adolescente assumida, era menos amarga. Que novidade! O ser humano é singularmente igual”

“Não entendi, mas pouco importa, vou construir com uns panos que encontrei no baú um balão; se até Gusmão que não tinha brevê e não era engenheiro aeronáutico, mas um frade modesto, que usava umas sandálias encardidas de pano e couro conseguiu,

conseguirei também, sobrevoarei o nítido nulo e escaparei de suas garras”

“A nulidade tem colunas imensas de nada, coisa alguma pode enfrentar essas alturas, pois tais colunas são intermináveis, talvez infinitas, se é que o infinito não é mera formulação de algum matemático desocupado – logo, humanamente insuperáveis e desanimadoramente espessas para serem cortadas ao meio como se faz com cabeças de condenados, sem falar em sua absurda extensão. Isso já foi pensado por gente astuta e não dará certo”

“Quem?”

“Eu”

“Não é possível ser criativo ao seu lado, abra uma lata de boa tinta branca e pinte a parede de onde não arreda os olhos!”

sim, uma abóbada celeste branca como dizem que a neve fresca é, antes de ser conspurcada pelos humanos, aproveita e espalha depois que a tinta secar umas estrelas miúdas, algumas maiores, de várias intensidades de cor, é como se refizesse a vida que jamais teve, novos beijos, novas noites encantadoras, novos entendimentos, cartas com palavras de ânimo, um sopro ameno e seguro na vela que embala seu barco por um oceano piscoso e manso, mudando de cores, com corais quase aflorando a linha d’água; Marvel seguraria a alça da lata de tinta entre os caninos, perdoa-me o tracadilho, e o faria muito dignamente, como sempre, como um valet de chambre; até eu poderia ajudar; colocaria uma estrela linda, com o meu nome escrito abaixo, resplandecente e feliz, e quando faltasse a luz do Sol para os outros planetas –

pois se num lugar é noite, em outro é dia ela faria o serviço ainda melhor do que ele (falo do Sol, é claro) quando está acordado, mas também seria só isso, não posso me cansar demais nem me envolver na sua salvação, cada um tem a sua

o fato é que estou de malas prontas, o nítido nulo deve dormir em algum momento, não é possível que ele não se canse nunca: daqui vejo uma bruma arrrepiada de frio, tiritando, até; aves não voam, ideias não voam, espíritos imóveis, economizando a pouca energia de que dispõem, deve ser isso, o nítido nulo se aproveita de tudo que o oferecem e dá uma cochilada após o repasto, em um dia morno e sem novidades dignas de registro, nesse momento eu escapo, pé ante pé, e você não me verá mais, talvez em alguma linha velha, do velho livro que somos você e eu, mas não me importo, confio em que você não fará mal uso de minha história, e manterá meu nome ilibado, gostou da palavra? Eu não, a pureza é para os impuros, para os medrosos, para os que têm medo do risco. Desculpa-me, Sêneca, mas aí estou com os epicuristas, ou não estou mais com ninguém, essas referências me aborrecem como se eu furtasse algo de alguém, violentamente. Só quero o ar que presumivelmente respiro, e as coisas poucas que vejo e reconheço como minhas, como de alguém que partilha comigo a mesma estrada, uma barata talvez, um inseto pateando os cantos da casa sem pouso definido; ele é melhor do que eu, arrisca-se; pronto, chorei outra vez, foi-se meu rosto juvenil, meus lábios estão murchos como espigas de milho inacabadas, deixadas durante a colheita, a palha toma conta de tudo, de meu rosto e de minha pele, talvez só sirva para assustar os corvos e proteger a fruta, chumaços de palha saem da ponta de meus braços, o casaco que colocaram sobre meus ombros, imitando um lavrador, está puído e úmido e

aperta meus seios como se alguém os pegasse e mordesse sempre, até doer, até o desprazer absoluto; estou fincada em um tronco, gralhas me avistam e conversam entre si, querem saber do que sou capaz. A vida não é mais do que isso. Alguém pergunta: o que sabe fazer? O outro responde: tudo, o certo e o errado. Está empregado, diz o novo patrão

não, nada disso é verdade, tudo é verdade; é só um pensar por pensar, um pensar em nada, ser pensada como nada, nada pensar, se ao menos pudesse ver meu rosto no espelho que me olha, guloso, sacana; uma competição injusta, como posso vencer meu opositor se só ele me vê e me julga? Encaro-o firmemente. Antonio Vidal colocou esse imenso espelho na sala para lembrar-me sempre de que

acho que vou ficar na cadeira de balanço, como se estivesse em uma estação de trem; algo vai partir, estou segura, algo vai acontecer: será uma guerra, uma pacificação, um acordo irreversível

escuto o som do trem, será de uma batedeira de bolo? Ele trisca o ferro dos trilhos até que tenhamos a certeza de que o trem partiu, e levou tudo e todos para um lugar de onde jamais voltarão. De alguma linha leio tudo isso, mas não ouço o trem, não ouço vozes, meu espírito se cala como uma pedra que nunca foi tocada, chego quase a ficar triste, não quero chorar outra vez

Capítulo 5

de alguma linha leio tudo isso, mas não ouço o trem, não ouço vozes, meu espírito se cala como uma pedra que nunca foi tocada, chego quase a ficar triste, não quero chorar outra vez

procuro-me no espelho, talvez me veja espelhada em uma tela do mestre Michelangelo, talvez em alguma obra de seus sucessores ou predecessores: um rosto como o da Virgem de Raibolini, mas sou mais bela que ela, meus olhos grandes e minhas sobrancelhas bem desenhadas, meus traços firmes, melhores que a de Bellini ou a de Rizzi dando seu leite ao filho e a João Batista, mulher feia, cabelos sem brilho, falta-lhe um

queixo e o nariz nada diz; sou muito menos oriental que a Virgem do Maestro de San Martino, um rosto sem nacionalidade. Que belezas são essas, defeituosas, quase fugazes, dizendo-se eternas, plantadas nas apoteóticas nuvens cheias de corpos em diversas poses; em Giaquinto, pessoas e nuvens se confundem em uma visão irreal? melhor os seios da rainha Tômiris de Pellegrini, volumosos, mas não em excesso, equilibrados, alvos, quase empinados, os bicos dos seios escuros demais, mas mesmo assim sobra algo, ela olhando com seu olhar de cobiça por sobre os ombros do pintor e saltando da tela de través, como uma mulher vivida, ou, ao menos, como uma mulher que quer viver e tem o que dar a seu amante e a todo momento tem isso em mente

mas o que estou dizendo? sou apenas um acúmulo de palavras construídas com uma pena molhada de tinta, quase ao acaso, vejo-me e não me vejo toco-me e imagino que tenho aqueles seios ao mesmo tempo jovens e maduros, delicados e fortes para amamentar um batalhão de crianças famintas, os mamilos dos mais belos da Renascença ou do final dela, ou depois dela, ou muito depois dela, século XVIII; não posso manuseá-los mas é como se pudesse fazê-lo, macios
plenos de compromisso, intocados e ao mesmo tempo amados,

alimento e prazer, o que virá primeiro?
suga-me de mansinho, inventando nomes
para meu corpo nu e úmido, homem do futuro,
as crianças ao redor, não há pecado,
só há desejo e busca de saciedade,
animais se esfregando nos mourões da cerca,
nos cardos, nos tojos,
e de tudo isso brota um sorriso que diz

sou a vida e a vitória contra a morte
como quer Walt,
sou a persistência e a superação da tristeza,
como quer Charlotte Brontë,
sou a atenção, a concentração e o olhar
que sendo oblíquo é direto como um coice,
como quer Virgínia disssimuladamente,
dispa-me quando quiser
pois já estou nua e voraz,
manejando facas afiadas contra o cepo,
o fogo arde na trempe ou no fogão
agitado pela lenha crepitante e tudo está pronto
para o cozimento lento e feliz,
vou provar do alimento como Emily
prova com suas papilas limpas e honestas
que a flor é mais que a flor e
o campo mais que a laje da montanha,
e gritarei pela janela que não pode
não haver vida além das palavras,
que é impossível eu não existir plenamente
feita de tudo o que uma mulher é feita,
mesmo a que vai às compras
despreocupadamente
e perde o ponto em que deve descer,
ou o bonde em que deve subir, e se agita,
pois se sente em movimento e o movimento
é uma música sem instrumento, sem cordas,
sem sopro, sem teclado, sem som, mas que
[tange
as fundas nervuras do sentimento de vida;
passei, vivi, revivi novamente e a cada vez
lembro-me de uma coisa antiga que pode ou
[não
ter acontecido, beijo o avô que nunca tive,
abraço a empregada que atravessa apressada a
rua, como se me conhecesse, ela me empurra

com repulsa, devo ser uma doida
continuo perscrutando o espelho, para mim é
apenas uma superfície que reflete
outras coisas que me são familiares, pratos
na parede, espadas, facas e espadins
em composição simétrica na parede oposta,
expostas como memórias de guerra,
ou adornos inocentes de uma sala burguesa e
[silente,
tudo e nada me sorri, tudo, até o velho prato
com o castelo ao fundo pintado de azul,
mas meu rosto não surge,
o espelho mostra o que está atrás de mim,
ao meu lado, ao meu redor, mas não existo

nenhum contorno, toco meus ombros, meus cabelos, como se quisesse ficar mais bela, mas minha beleza talvez não esteja em alguma linha em que estou alojada, ao lado de Antonio Vidal e Marvel. Penso nas mulheres renascentistas e pós-renascentistas, não quero ser como elas, quero ser como sei que posso ser, não almejo me tornar uma famosa tela de museu de um século qualquer; queria que alguém me dissesse com simplicidade à porta de minha casa: olá como vai? esfriou ao final da tarde, não? Crê que teremos chuva finalmente? Deixei algumas coisas no varau, devo correr e tirar tudo antes que todo o trabalho que fiz fique perdido. Desculpa-me, mas devo ir, o animal não gosta de andar depressa, é preciso ser tangido com jeito. E, além do mais, meu marido quer a camisa passada, pois amanhã há missa paroquial, vou-me então, prazer em vê-la

seria assim, singelamente, medíocre, mas simples, e num dia qualquer nos sentiríamos amigas e talvez nos

abraçássemos em alguma festividade: Natal, ano-novo, não sei. Mas nada disso existe para mim. Vejo ao longe dois esqueletos no meio do nítido nulo, pode ser um quadrúpede e alguém montado nele: construo-os, invento-os: uma estranha mulher avança na estrada poeirenta sobre uma mula; anda apressada e o vento quer levar sua touca embora, mas com uma das mãos ela segura as rédeas, com a outra o chapéu, corajosamente avança, se não fosse a força do vento talvez eu a ouvisse cantarolar alguma coisa. É robusta, e não é nova, mas tem algo inestimável: determinação. Vejo-a como vejo o navio azul do prato pendurado na parede: cada um logrará alcançar o seu destino, e isso parece ser o grande trunfo de coisas e gentes reais. A crença quase ilimitada em seus projetos, possíveis ou não, a certeza de que um dia desaparecerão para sempre

ela some em uma curva de pinheiros, saio da janela de onde estou e me deito no sofá. Se ela dissesse que sou humana seria uma contribuição imensa para o entendimento de mim mesma. Mas muito provavelmente a casa que nos abriga não é visível para quem passa, umas árvores robustas e copudas tudo escondem inclusive o lugar em que Antonio Vidal e eu habitamos. Ele não quer admitir, mas é uma condenação, um degredo. Para além o nítido nulo, tudo o que se imagina mais distante de onde estou é uma fantasia, ou não é nada, Antonio Vidal insiste nisso; temo que em algum momento devo aceitar o fado. E se há apenas ao nosso redor, sobre nossas cabeças, a bruma bruta e espessa do nítido nulo, talvez não haja mesmo nada mais além dela, ou talvez haja, mas é impossível ultrapassá-la, percorrê-la como quem passeia, atravessá-la com uma adaga. E, se assim é, se Antonio Vidal está certo, tudo o mais é imaginação. Que coisa horrível, nem o que vemos é verdadeiramente o que vemos, mergulhados no oceano

de palavras que nos criaram com parcimoniosa economia.

penso na moldura do espelho que não me desvendou, mas serviu de moldura, cheio de dourados e objetos florais pintados a ouro, indiferentes a tudo, eternos e corruptores como o mais vil dos metais, fruto de saque; caravelas depois queimadas e tripulantes mortos; os saqueadores levam as armas, as espadas de boa qualidade, alguma comida prestável e moedas de ouro, candelabros, estatuetas prestigiosas, algumas galinhas magras e o restante do gado que resistiu a tudo

quero meu rosto no fundo do espelho, é desumano um espelho que não cumpre sua função, é inumano a submissão de um espírito a uma prisão nadificante, imobilizante por sua própria e estranha natureza

“Antonio Vidal!”

ele não responde mais, cansou-se de minhas indagações, de minha instabilidade feminina, de meu crescimento incomum. Se dessem a ele uma pena e uma folha de papel para se reescrever ele nada faria, atiraria tudo ao chão, para escândalo de Marvel que, por certo, imagina que os humanos nada fazem sem motivo; para Vidal tudo já está escrito sobre nós e somos apenas o que de nós se escreveu e foi pouco: deram a ele uma memória multifacetada, ocupa-se dela e de histórias que nunca existiram, injetaram em seu corpo saudades de coisas que nunca pertenceram a ele, estados de solidão que nunca experimentou – não daquele modo –, delírios de paixões impossíveis, signos literários que estão longe de se parecerem a imagens mentais, são muito menos do que isso, são apenas palavras, e o que são elas? se não tivessem inventado a letra, a tipografia, o verbo, a

expressão, seríamos como árvores frondosas, que vivem séculos e ainda assim não sabem seus nomes, e não sabem o que sabem

árvores que talvez caminhassem a esmo pelos montes, vagarosamente, suportando o peso de seus galhos e folhas e bebessem nos rios e se banhassem nos lagos e recebessem a água da chuva com plácida harmonia

estou confusa, árvores não andam, ou andam? e se fôssemos pequenos animais tranquilos sem inimigos que nos queiram comer, que se saciam com muito pouco, uma folha verde, um pedaço de fruta bicada; seu cobertor seria a terra que atiram sobre as costas com as patas, e dormem nas horas em que sentem algum cansaço, ou muita preguiça, ou simplesmente dormem, como simplesmente acordam e ao acordarem se penduram em galhos, sobem em pedras e enxergam mal, mas avistam coisas que não fazem sentido, pois não estão em busca disso e não sabem mesmo o que buscam: buscar para quê?

que coisa esplêndida sem ser esplêndida, sem adjetivo algum para conturbar a mente, sem mente para criar adjetivos, estiro-me no sofá, logo ficarei grande demais para esticar minhas pernas e meu tronco e deitar a cabeça sobre uma almofada qualquer e esperar, talvez tenha que me deitar sobre o tapete, ou voltar para o quarto de Antonio Vidal, se é que ele ainda existe, se não passaram uma borracha em sua história e apagaram seu nome e junto com ele Marvel se fora também, teria sido assim? Seria o sincero e abnegado animal-quase-homem-de-quatro-patas também ele um signo literário independente do dono, embora seu complemento; ou

saberia resistir incólume no exíguo universo das palavras impressas e assim sofrer como nós sofremos?

mas se Marvel, tal como Antonio Vidal, tiver que descansar, assim será, pois os cães cansam-se mais cedo de tudo, o que pensando bem já demonstra sua superioridade sobre os que insistem em martelar com os punhos as pedras pontiagudas da vida. Alguns anos bastam para eles, logo alcançam a maturidade e alguma mansa doença os acode e os transporta com desvelo, pois nunca tiveram culpa de nada e se não beneficiaram o mundo com algum invento, inventaram um mundo melhor do que o das pessoas, nada posssuem, são possuídos, e entregar a outrem a posse de si mesmo parece comprazê-los, além de ser uma virtude, uma

renascerei cadela um dia, sempre no cio, vabagunda e safada, faminta e agitada, cheia de prazer e ânsia de andarilho; pertencerei a uma família atenta e carinhosa, que tem um bebê que sacode o chocalho quando me vê e se agita no berço e balança os braços, como se eu pudesse quadrupedemente carregá-lo ao colo, niná-lo, protegê-lo da maldade e do frio, mas posso com as patas fazer com que o berço, que balança, o faça feliz e arranque dele um pequeno e estrídulo gritinho de satisfação

mas viver pouco não é viver, é preciso ter a perspectiva do tempo, fazer planos, mensurar calculadamente a extensão, a amplitude do horizonte de posssibilidades, viver é negociar com os outros, comprar e vender, vender e se desfazer com lucro, construir uma casa que cause orgulho em seu possuidor e inveja aos que não a tem e

que ideia absurda, tudo isso é uma escravidão que

tem uma porta de entrada, mas não a de saída; ficarei algemada nos braços de uma poltrona, solicitações e cobranças sobre a mesa, cartões de felicitações e de pêsames, conforme o caso, terei dor nas costas, as pernas adormecidas pela imobilidade e muitas rugas no coração sempre agitado com cifras e sonhos materiais, prefiro o cão, a cadela no cio

"Antonio Vidal, e a maquete ali adiante, que havia?"

"Antonio Vidal, para que serve a maquete, o largo, a igreja, a sede da prefeitura?

"Para nos iludir, ou talvez tenha sido um plano fracassado de quem construiu tudo isso, ou nada disso; talvez, ainda, sejam sobras indesejáveis de outro texto; signos corrrompidos e inacabados, como um pedaço de um vestido que se rasgou quando a porta bateu justamente no momento em que a fuga de uma mulher prometia se consumar. Acordei, Isabel, acordei, como vê, e lamento isso: havia, sim, um largo, uma igreja, a prefeitura, a câmara municipal; o cinema onde se podia vez ou outra assistir aos filmes protagonizados por John; havia um fingimento de promiscuidade ou ao menos de convívio e de aconchego; uma manipulação de um movimento coletivo que envolvia figuras representativas do seio político-social do vilarejo (entenda-se: maquete de isopor), e até o céu era como se fosse um fundo infinito decorado, havia um gato andando nas cimalhas da igreja, um pároco, um castelo, prisão, guardas, essas coisas todas que existem ou não na cabeça de quem se crê inventor. Durma bem!"

"Eram então ideias mal cosidas, somos então algo como coisas que não deram o resultado desejado?"

“Quero dormir, mas se quer colocar desse modo, ficamos como você colocou. Já viu alguém morrer feliz e realizado? Fizeram um mundo imitando outro, imitação feita às pressas, nele nos colocaram da mesma forma, depois dele nos arrancaram, o nítido nulo se ampliou, adensou-se, se preferir, e nos sobrou um pedaço da grama defronte, o resto do jardim, e ganhamos um cachorro. Claro, nada ou quase nada deu certo. Poucas falas nos pertencem, poucos gestos nos animam, agora devo encarar fixamente a parede ao lado da cama até que o sono venha. Não seja tão cruel, fale consigo, mas fale baixo. Agora só sei de uma coisa: partir ninguém pode, só podemos ficar, no máximo andar ao redor da casa”

“E só isso é o que basta para você”

“Sou um signo apagado, ou a caminho de desaparecer. Você também. Não percebeu isso?”

“Não há nada que possamos fazer?”

“Tenta, aliás, você de certo modo já tentou e sabe que não tem para onde ir. É como alguém que no meio de uma peça de teatro resolve modificar as falas em plena apresentação. É impossível, embora possível, indesejável, inadequado”

“Vou me vestir como uma princesa e afrontar o nítido nulo”

“Faça como achar melhor. Se conseguir, acredite ou não, ficarei feliz por você. Aguardo minha alforria. Um dia, não muito distante, esse texto que diz de mim e me nomeia será queimado e subirei como uma coluna

cinzenta de letras para algum lugar que possa se chamar de liberdade, de exílio, de olvido, de limbo, de céu, talvez o deus das palavras me ponha em seu colo e me dê uma segunda chance, aí viverei o que sonhei viver, serei como tudo o que não está no signo. Mais uma vez, boa sorte!”

um silêncio contundente se fez depois que Antonio Vidal acabou de falar e se multiplicou em meu espírito deixando em mim a sensação de que nada sou ou fui. De repente ouço um ruído, um mover de palmas e unhas triscando o chão, de pés aflitos, digo, de patas. Só pode ser Marvel

Ele pede para sair e fazer o que costuma fazer lá fora, sempre com uma expressão de angustiada urgência. Abro a porta, ele desaparece na névoa, que está mais espessa, quase sólida. Em alguns instantes ouço um grunhido, depois tudo se cala; logo depois Marvel retorna, o focinho sangrando. Compreendi tudo. Antes, um fenômeno distante, como se um deserto nos separasse dele, uma bruma macia e refrescante que não cobria nada, não movia nada e nada modificava. Depois, como um caudaloso mar aéreo e rasteiro cujas ondas avançavam pacientemente mas coléricas e venciam pelo cansaço, atacando as praias e solapando a areia e as construções. Agora é como um muro, se é que posso chamar a nítida nulidade assim. Marvel buscou atravessá-lo, só que na parte mais superficial e recente (a bruma é uma edificação intérmina) e caminhou em busca de um local apropriado, até que se chocou contra um obstáculo sólido, e se feriu como alguém se fere ao bater contra uma grande pedra de gelo

estamos presos? estamos morrendo? morreremos sufocados, emparedados? vou tratar dele e depois

pensarei e pensarei mais até que alguma perspectiva salvadora nos socorra

Marvel persiste intranquilo, seu pequeno mundo de necessidades está desaparecendo sob seu olhar atônito. Jamais tive qualquer intimidade com esse animal, mas seus olhos estão mudados, as pálpebras parecem ter despencado como uma pesada cortina e mal se deixam visualizar; é como se ele tivesse experimentado recentemente uma forte comoção. De fato foi o que aconteceu, proteger a casa e seus ocupantes é sua especialidade; embater-se contra monolitos como se de gelo ou de outro material fossem, não. O cão deixou-se ficar na sala, examinou o prato com a caravela azul, as espadas, a velha lareira toda negra de uso e descaso, desabou sobre o piso sem escolher um lugar, o que não era seu hábito. Fechei os olhos e escutei sua respiração e o movimento de sua língua se acomodando sobre o maxilar inferior. É assim, ele é assim, simples e complexo, como um pássaro, uma toninha, ou mesmo uma abelha.

seríamos no fundo exatamente assim? Todos iguais e diferentes apenas na língua que falamos e na forma que adotamos?

ergo-me, abro o registro do chuveiro no banheiro, separo uma toalha felpuda e macia; será um banho demorado, fingirei que durmo sob uma cachoeira amistosa, pisando pedras lisas mas sem musgos, como se a natureza me preparasse um pequeno presente para me devolver a alegria, penso em árvores altas ao redor, na medida exata para me proteger sem me sufocar, passo o sabonete nas minhas pernas e nos meus braços, tudo muito lentamente, cada movimento contemplando uma parte de meu corpo, e em cada parte um gesto adequado

e preciso; banho-me inteira, lavo os cabelos com meu shampoo preferido, lavo-os novamente, sem pressa, coloco um pouco de creme condicionador, lavo-os e escovo-os e os penteio; minutos, horas, talvez séculos passem sobre meus poros, deixando sua lembrança, sua marca, seu presságio

recordo da terra úmida e pronta para ser semeada de flores; da chuva deslizando sobre o vidro da janela em golfadas contínuas, de meu corpo suado depois de amar mais que amar, do aquário em que me sentia um peixe e o aquário era como uma mãe cuidadosa e espaçosa; atenta e saudável; do pequeno curso d'água rasgando sua pele sobre as pedras, como o salmão em seu final heroico e fecundante; do mar, ao menos literário, aquilo imenso, azul ou verde, ondulante e faminto de que se escreve e tanto se escreveu, que circula pelo planeta deixando sua marca nos penhascos salgados, sempre voltando, como se desejasse mais espaço e mais terras para invadir; lembro-me do lago com a relva úmida na borda, dos salgueiros debruçados sobre a linha d'água como se estivessem à espreita de caça, das pedras roliças e amarelas a um canto da margem, como se tivessem sido escolhidas com esmero, uma a uma; depois, um pouco adiante, pedriscos brotando do mato raso, de cores, tamanho e formatos diferentes; de algumas flores que construíram seu caminho sob a terra, por baixo deles, desde suas tenras raízes e venceram a truculência das pedras – seu convite à imobilidade e ao silêncio opressivo – e chegaram à luz e sobreviveram por horas ou dias; mas tudo isso não é meu, está em linhas escritas há muito tempo que nadam ao meu redor, como se fossem verdadeiras, mas são como eu, signos para nada, vazio em meio ao vazio, nomes de coisa alguma, enguias sem luz levadas pela correnteza, mortas, desfazendo-se, e tudo isso parece

grande demais, sofrido demais

quase me sinto feliz, respiro fundo e descubro que ainda há oxigênio no ar

mas a água persiste escorrendo sobre meu corpo, às vezes é como se quisesse dormir na cavidade de meus ouvidos, em minhas narinas; ela me acaricia e por causa dela aquieto-me o mais que posso para entender o que me diz, e o que me diz depende do que meu corpo fala e responde; sutilmente o som muda, a mensagem já é outra, o banho é longo e sem nadar ou me mover o rio imaginário (parece a fonte de um rio brotando de uma malha de musgos sobre a minha cabeça) me leva sem me levar; me empurra sem me ferir; me comprime sem me reduzir e é esse o seu modo de me fazer pensar em pouco pensar

ainda assim esse pouco pensar me faz entender que estou impossibilitada de me evadir daqui, que algo está ainda por vir, algo definitivo, contra o qual nada posso fazer; talvez Antonio Vidal e eu pudéssemos formular um plano audacioso; se tivesse pais os consultaria, deixaria minhas madeixas caírem sobre o colo de minha mãe

sim, consultaria apenas minha mãe, choraria um pouco, choraria muito e ela me diria que as coisas são assim mesmo, alguns têm direito a uma vida plena, outros, não; talvez apenas sugerisse que eu deveria aproveitar cada minuto e enriquecê-lo com meu espírito e uma pitada bem medida de humor; a compreensão já é meio caminho andado

será possível que eu teria uma mãe tão banal, superficial, tola talvez, para me dizer tantas obviedades?

o cão de Antonio Vidal parece que se deu conta de que se acomodou em local errado. Pôe-se sobre as patas com dificuldade, como se suas pernas fossem a causa de uma dor difusa e persistente; de um cansaço que vem com a idade – e a velhice nada mais é que um treinamento intenso para a morte (lugar comum, mas perdoável) –; Marvel toma o corredor, vai para o quarto onde permanece seu dono, mas ele não está lá, está na cozinha, preparando alguma coisa

não, está no banho, ouço o chuveiro daqui. Será que pensa no que também pensei quando me banhei?

não, está na cozinha, ouço o barulho de pratos e talheres; uma colher revolve o fundo de uma panela e um cheiro de comida toma conta da sala; alguma carne está sendo preparada em uma frigideira, e o chiado da fritura é outra manifestação audível de que o almoço está sendo feito; signos literários comendo? deve ser uma experiência alucinante, letras deglutindo letras, em meio a vírgulas e exclamações; falas com partes aleatoriamente suprimidas por conta de uma mordida famélica, talvez cheguemos a nos comer um ao outro por descuido ou revanchismo e nisso tudo o sentido arduamente buscado se desmantela como um edifício implodido; não haverá mais um texto compreensível, nem mesmo anotações e indicações, apenas cacos, tijolos partidos ainda com partes da argamassa neles coladas, seções de canos, vitrôs retorcidos, portas partidas em dezenas de pedaços, roupas espalhadas entre os escombros

ele irá me chamar? Irá gritar a comida está na mesa, não fiz nada de muito requintado, mas poderemos nos sentar um defronte ao outro e nos servir;

acenderemos uma vela enfiada em uma garrafa de vinho vazio, uma bela toalha posta sobre a mesa; mesmo na cozinha não fica feio, é apenas um modo qualquer de demonstrar que não estamos indiferentes ao que podemos usufruir em comum

imagina, ele gritará comida posta, só isso, vem antes que esfrie, não perdi meu tempo para depois comer tudo gelado; Marvel já está com sua tigela sob o focinho, nosso comensal diário, nosso protetor, até ele está impaciente

Antonio Vidal virá até a sala com uma colher de pau em uma das mãos, um ridículo avental amarrado na cintura; sorrirá e simplesmente acenará me chamando; eu me levantarei lentamente, erguendo a saia e mostrando meus joelhos e minhas coxas e o acompanharei

ele virá até a sala, colocará sobre a mesa de jantar uma toalha rendada, um cadelabro de quatro velas, pratos e talheres; guardanapos de alvo linho e não dirá nada

ele fará tudo isso e dirá que está quase tudo pronto, contudo irá tomar banho antes

a água que corre agora é efetivamente do chuveiro, mas ao contrário do meu banho, o seu é militar; Antonio Vidal, como sempre, passa o sabonete com vigor, utilizando um método sistemático que eu chamaria de marcial. Ele sempre se impacientou quando eu queria ensaboar sem pressa suas costas, vamos com isso, o dia é curto. Mas fazia quase o mesmo quando resolvia me ensaboar; tornava-se meigo e terno – e entre nós afloravam momentos que chamaria de especiais

em instantes o registro da água se fecha, Antonio Vidal fricciona o corpo com o mesmo vigor militar de sempre, fazendo uso de uma toalha um pouco maior do que uma de rosto; sei de tudo isso como se estivesse contemplando a cena; agora parece pronto e com o ânimo adequado o suficiente para vestir um uniforme de fuzileiro e subir a rampa que dá acesso ao navio que o transportará para a frente de batalha, do outro lado do mar; o encouraçado apita

também uma panela de pressão; são sonoridades que não se complementam, que não se harmonizam; talvez um músico perceba isso de outro modo – e entre a morte que o apito do encouraçado prenuncia e a vida com a qual a panela de pressão se compromete existam liames que só os acordes mais sutis possam elaborar

que bobagem, algumas divagações que construímos preguiçosamente deveriam ser proibidas. Na República de Platão essas coisas gerariam um fuzilamento ou ao menos um rebaixamento social irremediável. Há limites para a imaginação, sobretudo a poética. Só Homero tinha especiais regalias para tanto, e sua palavra, mesmo para Platão, era admitida. Imaginação, digo eu, para todos, mas especialmente para os que dominam com rigor as rédeas da mente e têm os pés plantados sobre o mundo material, o mundo físico, sim, a imaginação é o mais prodigioso dos dotes, desde que em conjunção com outras qualidades. Por causa disso é que a preferência pelo pensamento aristotélico

claro, já se sabe há séculos que a imitação tem menor valor que a imaginação para Aristóteles, e chega de mimese e coisas do mesmo gênero, está quase na hora de comer, e quase na hora de olhar Antonio Vidal de

frente, de lado, de costas, ele saberá para sempre que estarei aqui até que a derradeira linha seja escrita e impressa, registrando um movimento, uma palavra, um gesto meu

meias em tons escurecidos, mas não pretas; salto alto com fecho lateral, cinto de prata, saia com acabamento de brocado, não, é demais; melhor um vestido com decote generoso, costas nuas, destacando o volume dos seios pela sobreposição do tecido; uma gargantilha também de prata no pescoço e algum cuidado na maquiagem, que deve ser suave, mas perceptível. Parece simples, mas não é; tenho a impressão de que cheguei ao meu tamanho definitivo, e isso me agrada, sobretudo porque o resultado é compensador. A vantagem de avançar e retroceder na feitura das páginas de um livro permite que se procedam a ajustes que acabam favorecendo forma e conteúdo; por vezes, não; estraga-se tudo por causa de uma obsessão desmedida, de uma distração qualquer

enfim, estou pronta para a Lua cheia e para o sorriso largo; o apetite é feminino, mas exige controle e perseverança

o que está acontecendo? Antonio Vidal acabará por servir tudo gelado; estará ele ainda se vestindo? Não creio que venha com algum traje especial; é apenas um jantar; de qualquer modo vou acender as velas, passo por uma das janelas e vejo maravilhada a Lua com uma eloquência inabitual. Ela envia sua luz diretamente para cá, como se tivesse tomado a decisão de favorecer nosso jantar

pareço estúpida, está certo Platão e errada Pollyanna

“Antonio Vidal, o que está acontecendo?”

“Não se preocupe, últimos retoques, tudo ficará bem”

“Tem certeza?”

“Estou definitivamente seguro disso. Existem coisas que merecem esperar para ficar melhores, outras devemos descartar, porque nos atrapalham a caminhada”

lá vem ele, por fim, com uma garrafa em um balde de gelo. Sobre o antebraço direito carrega uma toalha. Coloca a toalha sobre uma mesa lateral e sobre ela o balde com a garrafa de espumante. Olho fixamente para Antonio Vidal como se fosse a primeira vez. Tem os cabelos parcialmente brancos, como se tivesse em poucos dias envelhecido alguns anos. Mas o que é mais surpreendente é o dinner-jacket que está usando. Ele tem um ar compenetrado, quase neutro, e não posso dizer se nesse momento ele está mais feliz ou mais infeliz com seu destino. Apenas me levanto e vou em sua direção, titubeante como se fosse me aproximar de um homem estranho, mas é ele, sem dúvida alguma

Capítulo 6

apenas me levanto e vou em sua direção,
titubeante como se fosse me aproximar de um homem

estranho, mas é ele, sem dúvida alguma

abro os olhos e me dou conta de que apenas dormia no sofá e sonhava: nada disso existe como descrevi. Exceto a Lua que gravita em sua habitual mansuetude, monótona e distante. Sonhei, não há como negar. É o sonho um sintoma do desejo ou o seu oposto? Ele forja sentimentos que não existem e atira bolas de fogo umas contra as outras e provoca explosões, convoca emoções inesperadas e nos momentos em que nos domina somos escravas dele, submetemo-nos a ele

preciso deixar Freud de lado e tudo o mais, tenho que pensar em mim e no destino que de uma forma ou de outra me une a Antonio Vidal

contudo o sonho foi sonhado, me amedronta e me entusiasma; tenho raiva dos meus transbordamentos de futilidade, mas ao mesmo tempo respeito minha capacidade de imaginar e conceber veredas jamais percorridas. De tudo o que sonhei, com suas inúmeras variações de enredo, o que deveras aconteceu? Creio que nada, nada mesmo

não ouço qualquer movimento na casa. Terei também sonhado que Antonio Vidal cozinhava e depois se banhava? Até onde vai isso? tenho fome, tenho fome e vejo a Lua imóvel, imaculada, no centro de uma das janelas, sua luz lambendo meu colo e meus braços; meus olhos estão cheios d’água e a Lua assemelha-se agora a um novelo de lã, com suas fibras brotando por todos os lados de maneira irregular, plantado no céu; e as estrelas duplicam-se, cada uma com outra irmã colada a ela, abraçadas como se fossem pares fraternais no braseiro esbranquiçado das galáxias; fachos de luz iluminam minhas lágrimas, minhas pupilas, meu rosto, o chão

onde piso, o tapete sob a mesa de jantar – vazia, empoeirada; há, sim, um candelabro com tocos irregulares de velas, esquecido sobre um pequeno armário com portas envidraçadas, em cujo interior se misturam livros, taças e alguma louça, mas nele não há sinal recente de uso

somos todos inutilizáveis, insuficientes, muito simples e muito complexos para articularmos uma solução para a nossa existência

a inanição alimentar e carnal (e amorosa) é um pérfido estímulo e à margem do Letes o barqueiro sorri seu riso de dentes estragados, seus lábios mordidos pelos morcegos da noite, quando imagina e deseja que estejamos a caminho, para nos levar para a região mais nefasta. Merecemos? Podemos nos salvar? Podemos começar a existir plenamente?

se juntos

se absolutamente separados

se somos por acaso um só, se somos diversos do que somos ou não somos

tenho sede e fome, comeria as palavras que saem da sua boca e são forjadas em seu cérebro, leitor futuro, leitor do passado morto, diluído e que rasgou sua pele crespa por entre as pedras do rio, de qualquer rio, do rio que tem um porto calmo em algum lugar, com plantas exóticas e mansas feras, o rio segue, lento e seguro, nem parece que é um rio, parece um lago com a água aprisionada entre suas margens, arrepiada levemente pelo vento, como o sangue quando se apaixona pelo coração que o captura – e dentro dele se perde por

instantes, estonteado – mas sabe que será lançado para diante, e persistirá insone até o último momento de vida, seja o da onça, seja o da cobra, seja o meu ou o de Antonio Vidal

então um sonho, um sonho para quê? se depois de tudo nos falta o sonho já sonhado, e dele só temos pedaços descosturados; é preciso traduzir, ou, melhor, entender e traduzir; melhor, decifrar e entender, e quantos riscos há nessa tarefa?

e só por ser sonho não é realizável? não pode fazer sentido tudo isso, senhor Freud; o sonho é o que quero já e quero muito, e o muito que quero é uma miséria de querer, não quero que o sonho seja uma compensação, o que sobra de um balanço contábil, o lucro, que será reaplicado pelo conselho da empresa chamada vida e jamais porei as mãos nele, a menos que queiram me pagar os magros dividendos, mas o pagamento chega tardiamente, e é dor mais do que prazer recebê-lo, e é pouco

o silêncio se faz, e é exato e profundo como a distância entre os astros, a presença da casa extingue-se paulatinamente entre as linhas do livro em que existo, a Lua já deixou o centro da janela e se vai, navegando por um oceano negro e ao mesmo tempo coalhado de luzes por todos os lados, um filme lento, na mais ampla tela cinematográfica imaginável, feita para refletir tudo e nada; a amplitude que se aprofunda até sua própria negação, sempre para mais além, até que nem mesmo escuto o sussurro do universo e é nesse estágio que me sinto em dívida com o espaço. Somos deuses a ampliá-lo e a dar-lhe um ou vários significados. É a extensão de tudo e a duração do espaço que me tornam viva e pequena; o que dei em troca? Talvez seja indigna de

alguma coisa que não seja o que me circunda imediatamente; talvez indigna de algo que está muito além do comprimento de meus braços; penso em Bergson. Será que em algum momento o entendi plenamente? Lá está tudo, como se fosse para sempre, e a Lua se vai sem pressa, mas caminha, como se para ela houvesse um tempo infinito; ela, uma velha bêbada, entontecida pela visão da Terra e dos demais astros; segue sua trilha, ofegante, apoiando-se numa barra de ferro que a mantém em seu trajeto perene; é feliz, já não se incomoda de não chegar em casa, pois sabe que flutuar é seu destino sagrado e que face a ele uma casa é muito pouco, ou nada

como chamarei o momento presente, este momento que escorre pelos meus dedos e sentidos? Ele nada mais é que minha atitude face ao futuro imediato, como diz Bergson, e minha atitude é a da espera, mais do que a de fazer uma escolha definitiva. Nem sei o que significa o definitivo. Jamais alguém me ensinou isso só os astros sabem e ao saberem são enganados, pois seu destino escorregará para lugar algum, futuro algum, expressão alguma, sempre qualquer coisa se apagará. Somos lâmpadas que queimarão em algum momento inesperado; nossa avidez deriva do desconhecimento da hora exata em que tudo se dará

acabo de dizer mais alguma coisa que é totalmente prescindível, que estupidez a minha; não é certo que todos sabemos disso? Pronto, a Lua saiu do enquadramento da janela e está no ermo distante dos campos prováveis, das pedras, bem para lá do cercado da casa; pedras que choram sua estagnação inexorável; das ruas – existirão para além ruas que desembocam em ruas, ou praças, ou em um paredão de pedra, que é quando o sonho se acaba e é preciso retroceder?

Existirão pessoas e animais parecidos com Marvel; gatos que correm de cães como ele; que buscam presas menores e as devoram? Ciclo da vida, tudo debaixo de um horizonte pálido e sem promessas

entre as linhas vejo o que nada vejo, signo literário aprisionado, se eu estivesse ao menos no caudal da vida, se é que vida há além disso

vou apelar para Antonio Vidal, com jeito e ternura:

“Esse jantar, afinal, sai ou não sai?”

“Se você se acalmar, se preparar convenientemente vestida, as coisas acontecerão como devem acontecer”

“Não disse nada; apenas manifestei minha fome”

“O jantar será preparado em alguns instantes, no momento leio um opúsculo sobre a Idade Média”

“Justo agora?”

“A vida não é o que esperamos, mas é o que nos acontece”

“Isso é uma imbecilidade, Antonio Vidal. Vamos comer qualquer coisa, e se possível beber”

“O estímulo sempre me fez bem, ainda mais do jeito meigo como se dirige a mim. Largarei o livro e irei tomar as devidas providências”

agora sinto que é real, não é sonho, Antonio Vidal

se movimenta na cozinha, com aqueles ruídos costumeiros que não vejo razão para relatar. Por via das dúvidas, abro minha mala e tiro uma vestimenta não rotineira. Antonio Vidal cantarola uma cançoneta ou algo que mereça esse nome. A faca trabalha incansavelmente, os temperos são tratados como grandes senhores da festa, a carne de cordeiro – sei que há um pedaço interessante na geladeira – recebe vinho – sinto o cheiro daqui – e certamente outros ingredientes que não ouso pronunciar. Algo se cozinha em água fervente e verduras são lavadas. A água escorre e escorre uma gota de lágrima pelo meu rosto. Não fui embora; ganho um jantar, talvez ganhe um homem

talvez nada ganhe, só a noite que se acomoda sobre os telhados como uma discreta dama; ela nos cobre a todos como seus filhos diletos, puxa as cobertas até cobrir nosso rosto e nossas mãos e com ela anoitecemos

anoitecemos com vagar, não propriamente porque ela nos impõe a sonolência e o torpor, muito ao contrário, a noite acende labaredas em nosso olhar; nos concede o ensejo de trabalhar com mão firme o delineador, o rímel, o blush, as sombras e a conformação do rosto; acorda em nós mulheres a vontade de buscar na caixa de joias alguma coisa para adornar o que já é o mais adornável naturalmente em nós; destacar o que é belo, resguardar e encobrir discretamente o que não é, desviar a atenção para o melhor para que só ele, o belo, ganhe destaque

aprendi essas baboseiras numa revista antiga, mas foi uma lição de primeira, aprendizagem jamais praticada, mas nunca é tarde e sempre será tarde; em que espelho verei minha imagem refletida para fazer tudo

isso?

a Lua sumiu para além do telhado e do campo visual de onde estou; fixo meu olhar em um ponto do firmamento e percebo que há um rasto de luminosidade que escapou do astro e se perdeu dele e se foi com delicadeza e delíquio, se não for exageradamente humano dizer isso de um facho de luz lambendo uma ínfima fatia do céu; facho tênue, que se dissipa rapidamente como se fora pulverizado. Antonio Vidal interrompe minhas conjecturas

"Não acha mais confortável colocar suas roupas no armário, como de costume, Isabel?"

diz Antonio Vidal da cozinha como se fosse algo banal. Mais confortável é, com certeza, mas é como serrar ao meio a escada que me leva ao patamar do sonho de me evadir destas linhas e atravessar o nítido nulo. Penso um instante, que consome metade da energia de que disponho. Por fim sinto-me quase exausta. Respondo-lhe com incomum lentidão

"É possível, se me ajudar a fechar a mala maior para levá-la para dentro"

"Em um momento; tenho que lavar as mãos"

de fato Antonio Vidal auxiliou-me com a bagagem. Não parecia contrariado. Aproveitei e tomei um banho. Na volta, disse-lhe

"Queria pintar meu rosto"

"Eu posso atuar como seu assistente, se quiser"

“Poderemos tentar, o que temos a perder?”

Aproximei-me de Antonio Vidal, meus olhos procuraram o reflexo dos dele; nada entendo de oftalmologia, mas a coisa tem além da retina e da pupila, a íris, a córnea, o humor vítreo, a esclerótica, o cristalino, o músculo motor e outras coisinhas miúdas e interligadas. Não sei qual delas ou quais delas são responsáveis por refletir o que miram, mas me vejo finalmente nos olhos dele, com o auxilio de uma lâmpada estrategicamente colocada.

“Sou feia?”

“De modo algum. Feio sou eu”

“Como sabe?”

“Já fiz essa experiência antes, ao acaso, quando a luz estava na posição contrária. E foram os seus olhos que me disseram isso”

“Bobagem, bobagem, mas diz: e meu corpo. De corpo não sou desagradável de se olhar”

“Também sei, não há dúvida”

“Por que nunca me disse?”

“Timidez minha, exasperação pela minha feiura, sei lá; faltou ocasião”

“Você não é tão feio quanto pensa que é”

“Grato pela distinção, mas é melhor não

continuarmos por esse caminho”

“Está bem, agora a maquiagem, então”

“Muito bem, sentamo-nos em duas cadeiras, uma defronte a outra, mas antes as trazemos para cá, e colocamos os pincéis e tudo o mais no meu ou no seu colo, e começamos; entenda que dessas coisas nada sei. Começa!”

“Preciso colocar uma base antes? Já não me lembro mais. Se devo fazer isso agora. Você sabe?”

“Claro que não, já lhe disse”

“Está bem, vamos adiante”

pensei em algo estranho, no curso do nosso trabalho a quatro mãos e quatro olhos: dois signos literários frente a frente, se defrontando, quase. Próximos; mais próximos que uma modesta vírgula após uma palavra insignificante; meus joelhos tocam os dele, minhas mãos seguram as dele para me ajudar a não errar, ambos seguramos os pincéis. Nossos pés se tocam também, porque ele se projeta sobre minha banqueta e eu faço o mesmo, pondo meus pés na que ele se encontra, o tocando, também com meu corpo e meu desejo. Imagina se surgisse de repente um revisor gráfico e estragasse tudo!

é uma pena que eu não possa me ver muito bem; é tudo ou quase tudo mais uma presunção, uma sensação difusa de mudança, mas é muito melhor que nada e sinto seu hálito e, em seus cabelos, o cheiro de comida, que não o torna pior; chega a encantar por que encanta mexer com temperos, ordená-los e trabalhar com eles

com familiaridade

decidimos pelos cílios postiços, e salientamos o olhar com sombra apropriada; minha boca, já carnuda, parece mais cheia e ampla e mais convidativa. Antonio Vidal lambe sem querer seus lábios e procura manter seus olhos firmes, fixos em mim: faço o mesmo; procuro não piscar

Marvel vem até a sala, está mancando, está velho e tem pleno reconhecimento disso. Antonio Vidal disse certa vez que Marvel sabia que tinha pouco tempo de vida.

entretanto ele está na sala e quer sair para fazer o que já se sabe. Passa por nós, para próximo à porta; eu mesma giro a maçaneta e o convido a sair; peço que tome cuidado para não se machucar. Marvel não está seguro, talvez precise de um estímulo

“Pode ir, Marvel, toma cuidado”

e ele foi até o que resta do jardim. Encostei a porta, pois uma brisa fresca me arrepiava. Voltamos – Antonio Vidal e eu –, a trabalhar desde o ponto em que paramos. Assim mesmo sinto um calor em mim e é um calor bom. Os traços que fazemos em meu rosto torna-o meu, exclusivo, feito por nossas mãos. Antonio Vidal pressente tudo isso e pela primeira vez na vida sinto-o entusiasmado. Ganhou um novo brinquedo, ganhou uma chance de me perturbar, e essa aquisição não é pouca coisa

ele deixa a mão esquerda sobre a minha coxa, acaricia-a docemente, como a dizer: se você fosse embora, não teria o que temos agora, a vida quer

paciência, mas exige pressa, é um contrassenso da natureza. Não servimos para viver tão pouco, e a eternidade é um caminho longo e não nos basta; precisamos de um pouco mais além, um pouco mais de tudo, mas que durasse, para que tivéssemos a sensação de que somos sobreviventes

sua mão desliza sobre minha perna, meus joelhos e avança sobre minhas coxas

“Falta o blush e o batom”

“Vamos ao primeiro e depois ao segundo”

e fomos, fomos até o fim, mesmo os cílios postiços ficaram, ao que parece, bem colocados por ele – e tudo é de repente inacreditável

“Está perfeito, ou quase, volto para a cozinha para concluir o jantar. Por favor cuide para que a porta não se feche e Marvel fique preso do lado de fora. A exclusão é a pior sensação para os animais velhos; para nós também”

“Quer uma ajuda na cozinha?”

“Hoje, não”

atrás da minha imagem refletida nos olhos
dele
há, vejo agora, outras, também provavelmente
como nós em nossa precária humanidade
desfilam em pedaços, como palavras
partidas, esculturas derruídas
pelo excesso de amor ou de ódio
pelo tempo

uma delas me diz que é Marieta, ou foi
a outra
um homem de rosto indefinido
diz que é um fotógrafo e que não conseguiu
fotografar o estudante Antonio Vidal,
há dois corpos em um barco
uma avenida e carros antigos
e em um deles uma mulher
com um lenço na cabeça
bonita, parece sorrir, não sei,
não decifro todo o segredo
que se esconde em seus olhos,
atrás da imagem do meu rosto,
atrás, ainda, ao fundo da minha imagem,
surge agora uma escola imensa e uma igreja
ou um templo ou um desenho
e um homem com um pano no ombro
e atrás dele garrafas

estou vendo nos olhos de Antonio Vidal coisas
que parecem ser memórias,
que não são minhas, passagens
que não vivi e só podem ser dele
seus fantasmas, suas alucinações
talvez só desejos de uma linha de vida
articulada
que jamais se construiu
mas não tenho certeza
não tenho certeza, e sinto receio
das novidades inesperadas
como se entrasse pela primeira vez
em um orfanato decadente
atirada por alguém corpulento
e as crianças que lá estavam
lá estavam há séculos
como se aguardassem minha chegada

para me escorraçar

continuei ouvindo vozes díspares, um bruaá que vinha de dentro dele ou, melhor, de seus olhos e chegava a meus ouvidos por vias desconhecidas e as vozes se misturavam e se sobrepunham cada vez mais e o que era mais fantástico ainda era que Antonio Vidal nada ouvia e não se dava conta de nada. Apenas percebeu, creio, que meu rosto se transformou subitamente e isso o fez permanecer junto de mim mais alguns instantes e a me examinar como se procurasse construir um meticuloso diagnóstico do meu estado psicológico

ora, quem quer saber de psicologia, tiro os olhos de dentro dos olhos dele e volto a me sentir órfã de mim e também uma órfã igual às outras, com os lábios borrados de leite com café; nas mãos, um pedaço de pão com margarina e com aquela expressão dolorosa de quem pouco teve

“Aconteceu alguma coisa?”

“Não, apenas o que falam seus olhos; além do mais fiquei feliz com o resultado, mas infeliz porque esqueci que poderia ter cuidado de minhas unhas”

“Elas estão bem, não é preciso retocá-las ou refazê-las. De qualquer modo não me incomodo”

“Bem, se estiver se sentindo bem e mais segura, então eu vou para a cozinha concluir o jantar”

“Pergunto outra vez: quer uma mãozinha?”

“Não, em definitivo; vai estragar sua maquiagem”

Antonio Vidal saiu da sala; a porta da rua permanecia entreaberta, à espera do regresso de Marvel; a noite invadira a sala, penetrando através das janelas e da gelosia envidraçada logo acima do batente da porta, que deixei escancarada. Acendi um abajur, para facilitar o regresso do animal; provavelmente ele não necessitava disso; os bichos são habitualmente mais confiantes em seus instintos e em sua memória do que nós. Abri uma gaveta, retirei uma toalha rendada e a coloquei sobre a mesa da sala de jantar; sobre ela, dois guardanapos do mesmo conjunto; era idêntica à toalha que eu sonhara, quando pensei que a experiência fosse real. Abri outra gaveta e retirei talheres de prata; e do armário envidraçado duas taças para vinho tinto e duas taças de água. Também como em uma das versões dos meus sonhos peguei um candelabro de quatro velas e o acendi. Uma luz amarela se espalhou pelos objetos e móveis próximos, examinei minhas unhas, que esquecimento! Mas estavam passáveis, o que para mim sempre fora uma sensação incômoda, estimulando-me a pensar que faltava alguma coisa que eu deveria ter providenciado

de qualquer modo há um limiar a ser rompido

é bom aguardar algo que pode ser muito, concordaria Sêneca, que, ao contrário, discordaria do tempo que meu espírito gastou com a maquiagem. Não posso agradar a todos. Respirei fundo e me recostei em uma poltrona. Aproveitei para puxar a meia de seda que vestira no quarto, para que não enrugasse, mas com cuidado, para que não desfiasse. Calcei o par de escarpins que trouxera em uma das mãos do refúgio de Antonio Vidal

estou imóvel como um caçador ou uma caça apreensiva. Ora, é apenas um prato de cordeiro, não é uma revolução de costumes, nem mesmo o primeiro movimento de uma guerra; é apenas um ensaio com a finalidade de experimentar coisas que de uma forma ou de outra estavam alojadas, com roupagens e ritmos diferentes, no passado; coisas relegadas, ambições amordaçadas

examino outra vez minhas unhas, se desse tempo faria nelas um trabalho bem feito, talvez mudasse a cor, para combinarem com meus lábios, mas é tarde, permaneço imóvel, um lagarto à espreita, uma cobra à espreita, uma perdiz à espreita –que parara de ciscar e se aquietara entre a folhagem de algum matagal ermo; a fome e o medo da morte se entrelaçam como entrelaçados se encontram os dedos de minhas mãos sobre o colo. O movimento na cozinha deixa uma vibração incomum nesta casa verdadeira ou falsa; estava alegre, quase; agora sinto-me ansiosa, oscilando entre o engajamento juvenil e a precaução que prepara a maturidade

cruzo e descruzo as pernas quase esticadas, o movimento fabrica um frufru de seda atritada que corta minha respiração; ele entra na sala e deixa sobre a mesa uma garrafa de vinho. Não está vestido com um dinner-jacket, mas limpo, um tanto esportivo, barbeado; e também não demonstra aquela compenetração quase profissional que vi no sonho; volta para a cozinha

Antonio Vidal me apresenta o cardápio do jantar datilografado em uma velha máquina da qual eu nem sabia da existência até o momento em que ouvi seu taquetaque característico, instantes atrás. Li o que ele escrevera e fui obrigada a indagar

“Como conseguiu preparar todas essas vitualhas aqui descritas?”

“Os signos literários competem entre si em busca de sentido e de contexto, numa luta pela supremacia; vistoriei as linhas onde nos encontramos e descobri coisas curiosas, informações úteis. Se acrescentar a isso um tanto de imaginação, livros de receitas qualificados e um pedaço do quintal (se é que se pode assim chamar aquela reduzida fatia de terra junto à porta dos fundos), teremos quase tudo. Ele, refiro-me ao quintal, está a serviço de temperos frescos, algumas verduras, tudo isso plantado por mim desde suas respectivas sementes, extraídas por seu turno de alguns envelopes com os nomes que esses temperos têm; posta nestes termos, a questão fica bem resolvida”

“Você está sendo esperto demais. E o cordeiro?”

“O cordeiro, mais precisamente o filé de cordeiro em duas generosas porções, surgiu na geladeira, da mesma maneira que o vinho na pequena adega pouco visitada, que não passa de um conjunto de nichos de madeira, adequados para armazenar garrafas, sobrepostos e acomodados dentro de um dos armários da cozinha. A vida é apenas uma invenção de imagens e sabores e os signos literários dão conta de tudo isso. Já se esqueceu do que somos?”

ele sorriu sarcasticamente e nesse momento me pareceu um tanto fantasmagórico. Procurei retribuir o sorriso acrescentando nele uma expressão de surpresa fingida que tomou todo o meu rosto e lá ficou. Tentei ainda esgrimir contra o adversário

“E a as batatas para a vichyssoise? E o creme de leite? E o frango para o caldo?

“Há ocasiões em que a imaginação é convocada. Mas o frango, na verdade um frangote distraído, andava por entre a horta. Será cruel relatar o resto. De onde ele veio? Eis a questão”

calei-me; estava com fome e sede; Antonio Vidal, adivinhando o que eu desejava, saiu da sala e trouxe um belo jarro de prata com água, servindo as duas taças apropriadas para isso, retirando-se novamente, não sem antes retirar do lugar de sempre os pratos fundos de sopa e os de salada –, e o fez não sem antes apontar um dedo em minha direção como se me advertisse do esquecimento. Eu nada disse. Em instantes aportou a salada francesa, servida em dois pequenos pratos extraídos do mesmo lugar

servimo-nos das tenras folhas de alface, guarnecidas com as pontas desabrochantes dos aspargos; molho à base de mostarda. Depois a sopa fria foi servida. Sabor na medida; o alho-porro e as finas fatias das folhas picadas de ciboulette, salpicadas sobre o prato no derradeiro instante de irem à mesa, forneceram um equilíbrio perfeito, tanto que eu

o creme de leite também. Chega! nem vou falar do cordeiro e muito menos dos crepes flambados; sobre esses alimentos não se deve falar enquanto se come e depois que se come se deve pensar apenas que os comeu, se deliciou com eles e calar e acreditar por fim que é impossível que não estejamos vivos para sentir todos esses sabores

e o vinho

nem mesmo do licor falarei,

nem mesmo do café (colhido de dois solitários pés, quase grudados na cerca; grãos selecionados, torrados domesticamente e moídos aqui mesmo, segundo informou Antonio Vidal com outro sorriso, agora vitorioso)

“O que achou de tudo?

“Devo responder?”

“Você comeu quase em silêncio, às vezes olhava para mim fixamente por entre as velas, como se estivesse perscrutando meus olhos”

“Estava, sim, e escutei outra vez o que seus olhos diziam”

“Isso parece ridiculamente romântico”

“Mas não é. Há frases que, em certos momentos, devem ser entendidas em seu sentido literal”

“E o que descobriu que já não soubesse?”

“Alguma coisa que ainda precisa se organizar adequadamente no interior do meu cérebro. Prometo que um dia revelarei tudo”

“Mudando de assunto, onde está Marvel? Você o viu?”

“Ora, você sabe muito bem; ele foi lá fora e ainda não voltou; ele é seu problema, não meu”

eu ainda saboreava o fundo da tacinha do meu licor quando ele saltou da mesa como uma mola e foi atrás do latido. Próximo à porta da rua, gritou: Marvel! Marvel! O cão respondeu ao chamado com uma série de latidos, como se quisesse convocar seu dono para fora, ou como se apenas respondesse ao chamado

não ouso avaliar o latido dos cães, pouco sei sobre eles como já afirmei enfaticamente, mas tive a impressão de que o latido de Marvel não tinha como objetivo solicitar, por exemplo, o socorro de seu dono; prestava-se a outra coisa: era ou parecia ser um latido de alegria, de euforia canina. Posso dizer isso dessa forma?

o sabor suavemente doce do licor ficou na boca, com um fundo distinto do café, que não estava inapetente. Antonio Vidal saiu no encalço de seu escudeiro. Fiquei com as palmas das mãos sobre a toalha de rendas como se fosse me levantar, mas não o fiz, ao contrário, fixei meus olhos em minhas mãos, e sobre a mesa, repleta de pratos, e sobre a garrafa de vinho quase vazia, e sobre a garrafa de cristal com o licor, e sobre a extensão da mesa, que parecia mais ampla com a toalha

e cogitei, nos limites pouco serenos de meu espírito eu aguardava, ainda sem ansiedade, o retorno dele e de seu cão; entretanto, mesmo assim, me contive para não sair e ir atrás de ambos, indagar sobre o que estava acontecendo

a noite era um bálsamo de renovação, eu me sentia mais protegida e forte, como se meu organismo respondesse melhor ao viver noturno do que ao viver diurno; sabia disso, e procurava aproveitar ao máximo. Saí da mesa com um copo de vinho entre os dedos,

passei entre os móveis, fui até o corredor, fui até o quarto, voltei, fui novamente, o prazer de comer ainda estimulava minha imaginação

por fim abri mais a porta da rua, não vi Antonio Vidal nem Marvel, mas a espessa e concreta bruma do nítido nulo recuara, recuara muito, e deixara à frente de nossa casa tudo aquilo que as cidades comportam: ruas, praças, a igreja matriz, a campina, o horizonte quase limpo de tudo, o solo para além de tudo que se erguia nas proximidades. Nas partes altas da serra, parecia um pouco queimado, mas não posso me assegurar de nada – e tive, ainda, a impressão de que algumas casas do outro lado da rua, o que pode não ser verdade, tinham suas luzes acesas; também pareceu-me vislumbrar a sombra do velho pároco da igreja se movimentando pela calçada dando saltos e pinotes (o que não parece provável pois era noite). Sobre a cimalha da igreja imaginei um gato se equilibrando e saltando de um telhado para outro; e o nítido nulo não parava de recuar, como se tivesse um roteiro programado

o nítido nulo, não há dúvida, partira, se fora, e as maquetes das casas pareciam mais do que nunca de verdade, em seu tamanho natural, as chaminés sopravam fumos e se ouviam gritos de comemoração, pessoas ao longe cantavam e uivavam como lobos famintos (alucinação minha?); uma coruja pousou sobre nossa cerca e lá ficou, como se tivesse marcado encontro com outra

Marvel, mais ao longe, latia e parecia mais jovem do que era; à distância, vi que Antonio Vidal atirara um pedaço de pau para seu cão resgatá-lo, como todos os cães fazem; Marvel correra sem claudicar, e o trouxera de volta até as mãos de seu dono; creio que a noite

aprecia a tarefa de recobrir nossas grandes descobertas, talvez seja um artifício divino

dei dois passos e avançei pelo jardim, a zigofilácea não resistiu à urina de Marvel ou a qualquer outra coisa, mas enfim tudo se salva ou se refaz; até mosquitos reaparecem ansiosos, agitados nessa noite surpreendente; é preciso colocar uma tela nas janelas, sem demora, caso contrário não dormiremos

acabo me aproximando de ambos. Antonio Vidal fixa seus olhos em mim, Marvel tem metade da língua pendurada para fora, me encara com familiaridade. Antonio Vidal diz

"Teremos agora o mundo pela frente"

"Se estiver seguro de tudo isso, é formidável"

"É claro que é, morreria mil vezes para viver só esta vida momentânea de carne e osso, somente este segundo, mesmo que não fosse verdade"

"Creio que escapamos para o mundo real, seja ele qual for, estou perplexa e feliz, mas tenho medo"

"No mundo real não será diferente do que é. Você tem o que tem, o que lhe foi emprestado, doado, atribuído, não importa. Por que sei? Porque vejo você neste momento e você nada mudou, sua personalidade parece a mesma, seu jeito de me olhar é o mesmo"

ouvimos um gemido, ou um gemido seguido de um suspiro. Marvel desabara. Seu tempo se fora, findara no encontro de sua existência com o mundo real

algum tempo levamos para nos darmos conta de que Marvel morrera; Antonio Vidal permaneceu imóvel, como se nada entendesse, atônito, perplexo. Curvei-me, ajoelhei e toquei a cabeça de Marvel, passei a palma de minhas mãos sobre suas narinas e percebi que ele não respirava mais

"Marvel se foi"

"Como assim?"

"Ele morreu, Antonio Vidal"

"E agora?"

"Agora o deixamos onde está, depois o enterramos; vamos entrar em casa"

"Meu amigo, meu amigo"

disse Antonio Vidal e caiu de joelhos ao lado de seu cão; tocou com seu rosto o dorso do animal, apalpou suas narinas e seu pelo, tocou a região de seu coração e o chamou sussurrando. Não conteve um choro convulsivo e permaneceu instantes infindáveis de joelhos, ao lado de Marvel. Depois ergueu-se, abraçou-me e chorou com o rosto colado em meu ombro; eu também comecei a chorar

"Marvel não pode ficar aqui assim, sozinho. Temos que levá-lo para dentro, amanhã o enterrarei"

"Está bem, vou buscar um lençol em casa e já regresso"

Antonio Vidal concordou com a cabeça e voltou a

se ajoelhar ao lado de seu cão. Quando regressei, ofegante, estonteada, ele estava na mesma posição, com as mãos sobre o pelo do animal. Trouxemos Marvel com o auxílio do lençol e o depusemos sobre o sofá da sala. Quando o cobri inteiramente me dei conta de que não ouviria mais seus passos pelos cômodos da casa. Nesse momento rojões espoucavam lá fora. Afastei-me do sofá e fui até a janela próxima à mesa de jantar. Em diversos pontos do horizonte os habitantes do mundo real ou imaginário lançavam para o céu fogos de artifício, idênticos aos que vi no fundo dos olhos de Antonio Vidal. As mesmas chuvas de prata, as mesmas bolas azuis, vermelhas, amarelas e brancas, expulsas de um núcleo comum, dispersavam-se pelo espaço. Chamei Antonio Vidal e ficamos os dois colados um ao outro, com nossos cotovelos sobre o parapeito da janela. Lágrimas corriam mansamente de seus olhos e, ao longe, multiplicavam-se os pontos de lançamento dos fogos de artifício bem como seus efeitos luminosos, a cada momento mais surpreendentes e variados. Por fim ele disse

"Marvel se foi, não resistiu à emoção de testemunhar a dissipação do nítido nulo, além disso, seu coração"

"Eu sei"

Antonio Vidal calou-se. Permanecemos unidos na mesma posição durante muito tempo, até que suas lágrimas secaram. Sentia que minha maquiagem escorrera pelo meu rosto quando chorei, mas naquele momento não me importei com isso